



1150090288



FE

T/UNICAMP F413p



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO

POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE ESCOLA E ARTE: UM ESTUDO DE CASO DA
ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA IRENE DE ASSIS SAES.

Aluna: Simeire Cristina Hackmann Ferreira. ✓

Orientadora: Dirce Djanira Pacheco e Zan. ✓

Dissertação de Mestrado apresentada à Comissão de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração de **Ensino e Práticas Culturais**

CAMPINAS
2010

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Título “Possíveis Relações entre Escola e Arte: Um Estudo de Caso da Escola
Estadual Professora Irene de Assis Saes”.**

Autor: Simeire Cristina Hackmann Ferreira

Orientadora: Dirce Djanira Pacheco e Zan

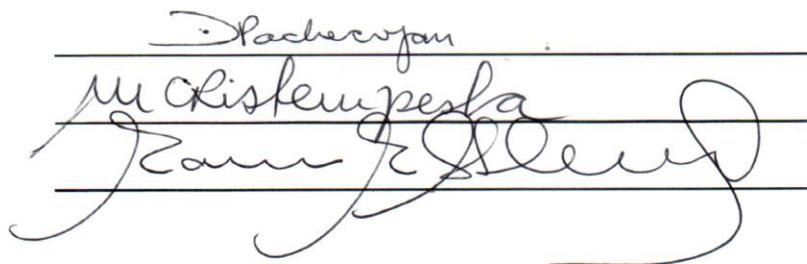
Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Simeire Cristina Hackmann Ferreira e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 14/12/2010.



Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:



2010

iii

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecário: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

F413p	Ferreira, Simeire Cristina Hackmann. Possíveis relações entre escola e arte: um estudo de caso da Escola Estadual Professora Irene de Assis Saes / Simeire Cristina Hackmann Ferreira. – Campinas, SP: [s.n.], 2010. Orientador: Dirce Djanira Pacheco e Zan. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Escola. 2. Arte. 3. Ensino médio. 4. Juventude. I. Zan, Dirce Djanira Pacheco e. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	10-288/BFE

Título em inglês: Possible relations between school and art: public state school Professor Irene de Assis Saes case study

Keywords: School; Art; High-school; Youth

Área de concentração: Ensino e Práticas Culturais

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Profª. Drª. Dirce Djanira Pacheco e Zan (Orientadora)

Profª. Drª. Márcia Maria Strazzacappa Hernandez

Profª. Drª. Maria Cristina Silva Tempesta

Prof. Dr. Crispim Antonio Campos

Profª. Drª. Ana Lúcia Guedes-Pinto

Data da defesa: 14/12/2010

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: simeire@uol.com.br

AGRADECIMENTOS

Inicialmente agradeço a Deus, por tudo em minha vida.

Agradeço a minha mãe Therezinha, mulher à frente de seu tempo, que enfrentou todas as dificuldades da vida, pela educação de seus filhos, e me mostrou o que é lutar.

Minha avó Maria (in memorian), mulher dedicada, que influenciou na minha formação.

Meu pai Gildo (in memorian), que se foi durante esse período.

Agradeço imensamente ao Marcelo, que sem ele eu não seria nada do que sou hoje, homem íntegro, que fez dos meus sonhos também os seus sonhos, batalhando junto na luta pela escola, e na luta pela vida, sempre apoiando e cuidando de mim com tanto amor e carinho, devo e divido com você, todas as minhas conquistas.

Aos meus sempre, e queridos amigos Valter e Carlos, que nunca deixaram de me apoiar, lutando e cuidando continuamente da escola.

Aos meus queridos afilhados Cristiane e Vanderlei, que sempre me acompanharam, dando força, com a alegria de viver que só vocês têm, meu muito obrigada.

Aos meus tantos amigos, aos professores, funcionários e alunos, que torceram por mim.

Ao Kelvis, pelo seu trabalho na escola, e por ter ajudado com material de pesquisa.

Ao William “Japinha”, que fez a transcrição das entrevistas, e a montagem da apresentação final do trabalho, e à Dani, que gentilmente, fez a revisão do texto, meu muitíssimo obrigada.

À professora Eliana que sempre me auxiliou nas traduções dos textos, meu muito obrigada.

Agradeço a Juliana, amiga que sempre me apoiou e ajudou em tantas coisas, na área de informática, pelas caronas e companhia para ir à UNICAMP em tempos que foram adversos, pela sua gentileza, e com certeza, pelos cafés dividindo risos e angústias e multiplicando a amizade, valeu por tudo.

Ao Thiago, com suas colocações de apoio, e pela sempre torcida, muito obrigado.

Aos professores Gláucia, Márcia, Kelvis, Carlos, Margarida, Silvia, Farid, e aos alunos Mayna, Flávia, Luis Fernando, Sadraque, Giovane, Driale, meu agradecimento pelas entrevistas cedidas, o que sem vocês esse trabalho não seria possível.

Agradeço a Banca Examinadora, nas pessoas da Profa. Dra. Márcia Maria Strazzacappa Hernandez, Profa. Dra. Ana Lúcia Guedes Pinto, e a Profa. Dra. Maria Cristina Tempesta, por suas considerações, e ao Prof. Dr. Crispim Antonio Campos, que aceitou o convite para fazer parte da Banca, meu muito obrigada.

À minha querida orientadora Dirce, exemplo de profissionalismo e dedicação, que sempre acreditou e respeitou meu trabalho como aluna e como profissional, agradeço e fico muito feliz, por tê-la como professora, amiga, de seu apoio, o que é, e sempre será uma honra para mim.

Ao Grupo VIOLAR, com pessoas tão especiais, e que me receberam tão bem, meu carinho e agradecimento.

E por fim, à Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo, que me concedeu auxílio “bolsa mestrado” nesse período.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo reconstruir parte da História dos projetos artísticos desenvolvidos, na Escola Estadual Professora Irene de Assis Saes, na cidade de Santa Bárbara d'Oeste (SP), durante os anos de 2002 a 2007.

Os projetos visavam contribuir com a humanização do aluno através da arte, e para tanto, participavam de eventos culturais na cidade como “Verso Vivo” e “FETESB”, que estimulavam os estudantes, a declamarem poemas e montarem peças teatrais, sendo apresentadas no teatro municipal.

A História Oral foi a metodologia escolhida para a realização desta pesquisa. Para tanto, foram entrevistadas 13 pessoas, entre professores e alunos. As entrevistas visavam reconstruir a história dos cinco anos de projeto na escola e articulá-la a experiência pessoal destes sujeitos. Através destas entrevistas, foi possível observar como os alunos, participantes do projeto, se sentiram valorizados e começaram a ter maior perspectiva de futuro e objetivos.

Foi visível o processo restaurador da escola, com o desenvolvimento dos projetos artísticos, como a redução da depredação do prédio escolar, melhoria do rendimento escolar, e maior participação da comunidade na escola.

PALAVRAS CHAVE: escola, arte, ensino médio, juventude.

ABSTRACT

This research has the objective to rebuild part of the history of developed artistic projects, in State Public School Professora Irene de Assis Saes, in the city of Santa Bárbara d'Oeste, SP, during the years 2002 to 2007.

The projects aimed to contribute to student humanization by art, and for that, they participated in cultural events in the city as “Verso Vivo” – Living Poetry – and FETESB – Santa Bárbara Student Theater Festival – that stimulates school system student to recite poems and to stage plays that are presented in our municipal theater.

The Oral History was the chosen methodology to carry out this research. Thirteen people were interviewed between teachers and students. The interviews aimed to rebuild five years history of this project in the school and articulate in to personal experience of these persons. Through these interviews it was possible to observe how the students that participated of the project had felt valued and began to have higher perspective of their goals and future.

It was visible reduction of the depredation of the school building, improvement of school performance, and more community involvement in the School Institution.

KEYWORDS: School, Art, High-school, Youth.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I	
HISTÓRIA ORAL: O CAMINHO METODOLÓGICO ESCOLHIDO.....	5
CAPÍTULO II	
A CIDADE DE SANTA BÁRBARA D'OESTE E A ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA IRENE DE ASSIS SAES.....	25
• Uma História da Escola	26
• Impacto da Gestão	32
• Verso Vivo e FETESB.....	45
CAPÍTULO III	
O TRABALHO COM ARTE NA ESCOLA	51
• O Currículo e a Arte	51
• Opção da Escola pela Arte.....	57
• O Trabalho da Escola com Arte	64
• As Participações no FETESB.....	70
• As Participações no Verso Vivo.....	98
CAPÍTULO IV	
SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA VIVIDA	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da relação entre escola e arte e sua potencialidade na formação de estudantes, em especial, dos jovens do Ensino Médio. O estudo, realizado através da metodologia da História Oral, possibilitou a compreensão de que minha história pessoal contribuiu para as escolhas que tenho feito como professora/diretora e também pesquisadora.

Ao voltar-me para minha própria trajetória, percebo que meu interesse pela educação se deu a princípio, pela influência de meus irmãos mais velhos, e por minha mãe que mostraram a importância dos estudos, e de minhas experiências de formação escolar, tanto no Ensino Fundamental, como no Ensino Médio, quando comecei a ter um interesse especial pela Matemática, por apresentar um desenvolvimento muito bom nessa disciplina.

Esse interesse pelo ensino de Matemática me acompanhou durante todo o Ensino Médio, e tive como meta e objetivo, estudar mais sobre essa disciplina, o que me levou a cursar graduação em Ciências – Habilitação Matemática, no ano de 1988.

Comecei então, a lecionar com poucas aulas no Ensino Fundamental e com a maioria das aulas no Ensino Médio, em uma escola estadual em Santa Bárbara D'Oeste – SP. Nessa escola, eram realizadas muitas atividades culturais internas e externas, e dentre elas, estava a participação nos eventos Verso Vivo e FETESB - Festival de Teatro Estudantil de Santa Bárbara.

Considerando importantes essas atividades, por ter vivenciado atividades semelhantes em minha adolescência no Ensino Médio, comecei a acompanhá-las mais de perto.

Com isso comecei, como outros professores, independentemente de suas áreas de atuação, a participar das atividades extracurriculares, e nesse meio tempo, observei e percebi o quanto os alunos gostavam e se envolviam com esses trabalhos e o quanto isso era importante.

Assim, o meu envolvimento com as atividades artísticas na escola que lecionava, foi se tornando cada vez mais presente, e o interesse pelas questões pedagógicas e específicas da escola aumentaram. Dessa maneira, comecei a procurar um meio de trabalhar mais profundamente na área educacional.

O interesse pelas questões pedagógicas e educacionais começou a aumentar, devido aos problemas existentes no exercício do magistério, ou seja, questões próprias do cotidiano escolar, ou outras dificuldades que resultam, muitas vezes, das políticas públicas adotadas, bem como, da percepção da necessidade de um trabalho mais coeso e melhor estruturado, que fizesse mais sentido para estudantes e professores.

A partir destas inquietações, no ano de 1998, comecei a trabalhar na função de Professor Coordenador Pedagógico em outra escola de Santa Bárbara D'Oeste, onde conheci outros profissionais, que me influenciaram no sentido de ter maior contato com as atividades específicas da arte.

Concomitantemente ao ingresso na função de professor coordenador, iniciei a graduação em Pedagogia, acreditando que muito mais que o trabalho nessa função, poderia de maneira mais veemente, interferir e colaborar positivamente em uma escola, se exercesse o cargo de diretora de escola.

No ano de 2000 terminei a graduação em Pedagogia, almejando o exercício no magistério paulista no cargo de diretora. O desejo de conseguir ingressar nesse cargo, sempre foi acompanhado por grandes e longos diálogos com outros professores com os quais convivi e que

lecionavam há tempos. Através desses diálogos, pude constatar que, de certo modo, comungávamos dos mesmos interesses, e porque não dizer, dos mesmos sonhos e desejos, ou seja, da realização de um trabalho profissional que pudesse ser mais significativo e que ampliasse as possibilidades de ensino e de formação para os jovens estudantes.

Com esse desafio, participei do concurso público para diretor de escola, ingressando em 2002, na Escola Estadual Professora Irene de Assis Saes, em Santa Bárbara D'Oeste – SP.

A partir daí, fui desafiada a reestruturar a escola, diminuindo os índices de violência em seu interior, dar suporte ao trabalho dos professores, mostrar que era possível a realização de um trabalho diferenciado, enfatizando a diminuição da depredação escolar juntamente com o desenvolvimento de projetos culturais e artísticos.

Durante os anos de 2002 a 2007, a participação dos estudantes nos projetos Verso Vivo e FETESB influenciaram significativamente a reestruturação da escola, e em virtude desse processo transformador, da importância dessas realizações, fui desafiada a pesquisar sobre o assunto, reconstruindo essa história, e assim, ingressei no mestrado no ano de 2008.

A pesquisa que resultou nesta dissertação, se deu através da entrevista de 13 pessoas, sendo 6 alunos, 6 professores, e o idealizador do projeto Verso Vivo. Para a coleta desses depoimentos foi utilizado material fotográfico e vídeos que a escola possuía e que registraram parte do trabalho realizado pela escola no período estudado.

O que será tratado aqui é a reconstrução da história da escola, no que se refere à sua participação, especificamente, dos eventos Verso Vivo e FETESB. O estudo está apresentado através de quatro capítulos.

No primeiro capítulo, é apresentada uma discussão teórica acerca da metodologia da História Oral e sua importância para a realização de trabalhos de pesquisa do tipo aqui

apresentado. Para tanto, discuto acerca dos cuidados que se deve ter ao usá-la, e o processo de realização de entrevistas, tomando como referência as que foram realizadas para este estudo.

No segundo capítulo, são apresentados dados que nos permitem conhecer em parte a cidade de Santa Bárbara D'Oeste, cidade na qual se localiza a escola estudada, bem como a história da Escola Estadual Irene Saes e o perfil da comunidade por ela atendida. Neste momento, destaco as mudanças estruturais vividas pela escola e o impacto que causaram tanto para os alunos como para a comunidade. Ao final do capítulo, abordo o início da participação da escola nos projetos Verso Vivo e FETESB.

No terceiro capítulo, é abordada a importância da Arte no currículo, a opção da escola em enfatizá-la em sua proposta pedagógica, e o que isso ocasionou em termos de experiências educativas e pessoais para os envolvidos no trabalho. Além disso, é tratada a participação da escola nos projetos Verso Vivo e FETESB, especificando ano a ano, o seu desenvolvimento.

No quarto capítulo, observamos de que forma este processo interferiu e foi significado para os participantes, através de seus relatos e depoimentos.

Nas considerações finais, abordo a importância do trabalho em projetos, a importância da Arte no desenvolvimento humano e as dificuldades que a escola possui hoje para a sua continuidade.

Capítulo I - HISTÓRIA ORAL: O CAMINHO METODOLÓGICO ESCOLHIDO

A democratização do processo de alfabetização e sua propagação expandiram as habilidades de leitura e maior acesso à escrita. Essa questão contribuiu para que a história que era transmitida predominantemente através da oralidade, passasse a ser também pela palavra escrita.

As conquistas tecnológicas e os novos meios de comunicação, como por exemplo, a telefonia, rádio e a televisão no início do século XIX, colaboraram para que a oralidade e a palavra escrita se entrelçassem. Esses fatores, possivelmente, diminuíram o uso da escrita e da palavra impressa, e aumentaram o uso da palavra, da oralidade, assim como a sua importância.

Assim, a História Oral, enquanto metodologia de pesquisa se expande como possibilidade de uso e abordagem histórica, podendo ser (ou não), um meio transformador da própria história, dependendo de seu enfoque, bem como da forma como será utilizada. O uso de sua metodologia potencializa a inovação das pesquisas nas investigações históricas.

Através da História Oral existe a possibilidade de abordar questões históricas com outro olhar, de maneira subjetiva, percebendo detalhes, as entrelinhas das falas e dos gestos, as emoções e sentimentos do narrador, tendo como fonte o uso da palavra, o que ela nos traz através de relatos e depoimentos, sendo estes obtidos principalmente pela realização de entrevistas.

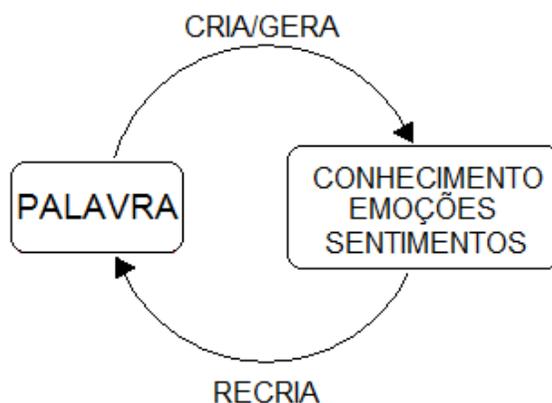
Sobre essa questão das entrevistas e a metodologia da História Oral, Ferreira (1996) afirma que

embora o uso de entrevistas orais como fonte de informação para a pesquisa já fosse comum entre os cientistas sociais brasileiros, não havia a preocupação de produzir documentos originários da relação entre depoente e pesquisador, mediada por um gravador. O que era novo na proposta de criação de programas de história oral era seu

objetivo específico de acumular arquivos de depoimentos orais, visando a criar um novo tipo de documentação. (p.12)

A importância da fonte oral nessa metodologia de pesquisa se deve ao que esta propicia ao desenvolvimento humano, com suas expressões e representações. A palavra é, portanto, a mais antiga técnica de obtenção e conservação do saber, possui por si só a condição de criar ou transmitir conhecimentos, sentimentos e emoções. Segundo Queiroz (1988), “da mesma forma que desenho e palavra escrita constituem uma rerepresentação do relato oral, também o indivíduo intermediário, por mais fiel, acrescenta sua própria interpretação àquilo que está narrando” (p. 17).

A palavra, dependendo da maneira que é expressa, faz com que o ouvinte, de acordo com suas interpretações, emoções e sentimentos, recrie o que lhe foi transmitido. A própria palavra possibilita a criação e recriação de outras palavras, uma vez que esta é fruto da expressão humana.



Pelo uso da fonte oral, os relatos orais transmitem e registram conhecimentos, saberes e informações, que passam de uns para outros. Esse movimento produz um legado ou uma herança que é transmitida de geração a geração, de vivências e experiências diversas, o que

somente o homem pode realizar, em virtude de, exclusivamente, ter a capacidade do uso da palavra falada.

Relatos orais são capazes de apresentar informações subjetivas, o que, muitas vezes, não podem ser captadas através de documentos históricos escritos e dados estatísticos.

A análise de dados estatísticos não consegue verificar a subjetividade de seus dados, devido à frieza que essa ciência possui, e por considerar que seus dados são absolutos. No entanto, estudos apontam para uma crítica desta concepção acerca de tal ciência, e segundo esses estudos, muitas vezes a análise estatística pode ser realizada com o intuito de atender a interesses diversos, de acordo com quem a realiza. Queiroz (1988) afirma que

pouco a pouco se percebeu, no entanto, que valores e emoções permaneciam escondidos nos próprios dados estatísticos, já que as definições das finalidades da pesquisa e a formulação das perguntas estavam profundamente ligadas à maneira de pensar e de sentir do pesquisador, o qual transpunha assim para os dados, de maneira perigosa porque invisível, sua própria percepção e seus preconceitos. Os números perdiam sua auréola de pura objetividade, patenteando-se dotados de vieses anteriores ao momento da coleta, escondidos na formulação do problema e do questionário; ocultos, pareciam inexistentes... Porém influenciavam o levantamento, desviando-o muitas vezes do rumo que devia seguir. (p. 15)

Ao considerar a fonte oral, sua importância e compreensão, sua influência como meio de transmissão de conhecimentos ou informações, a História Oral ganha destaque no meio acadêmico nas últimas décadas em diversos países, possibilitando que fatos e dados vindos através de depoimentos e informações do passado, sejam reportados para o presente.

A metodologia da História Oral tem desenvolvido um instrumental próprio para a produção dos dados necessários à pesquisa. Guedes-Pinto, Silva e Gomes (2008) relatam que

basicamente, a História Oral se apóia fortemente em fontes orais de pesquisa, ou seja, nos depoimentos das pessoas comuns, que viveram plenamente ou apenas presenciaram determinados eventos (sejam eles eventos comuns, cotidianos ou mesmo muito marcantes, como a Primeiras e Segundas Guerras Mundiais), que são coletados em situações de entrevistas. Salientamos, contudo, que coletar entrevistas não é sinônimo de se fazer pesquisa em História Oral, pois, como já foi mencionado, estamos diante de um referencial teórico-metodológico e, portanto, não podemos tratá-lo apenas em termos de procedimento técnicos, reduzindo com isso sua abrangência e seu significado nas ciências humanas. (p.14)

Uma pesquisa que é realizada pelo método da História Oral é baseada na oralidade. Para essa metodologia, é por meio do relato, com suas intenções e manifestações humanas, que obtemos fontes necessárias para o desenvolvimento do processo de pesquisa. As fontes orais somente se tornam necessariamente fontes em virtude de possuírem a intenção de registrar informações, relatos, enfim, todas as manifestações que são realizadas oralmente e foram gravadas. Para Voldman (2006)

o arquivo oral seria um documento sonoro, gravado por um pesquisador, arquivista, historiador, etnólogo ou sociólogo, sem dúvida em função de um assunto preciso, mas cuja guarda numa instituição destinada a preservar os vestígios dos tempos passados para os historiadores do futuro tenha sido logo de início, seu destino natural. A fonte oral é o material recolhido por um historiador para as necessidades de sua pesquisa, em função de suas hipóteses e do tipo de informações que lhe pareça necessário possuir. (p. 36)

A prática da História Oral como método de pesquisa, mesmo alcançando mais reconhecimento no meio acadêmico, entre muitos autores, ainda é questionada. Há dúvidas quanto aos relatos orais, sua veracidade e confiabilidade para serem tomados como fontes orais para a pesquisa.

A narração de um fato, de um acontecimento, de acordo com o entrevistado, pode fornecer informações detalhadas sobre o assunto tratado, e desta maneira, a abordagem do fato histórico em questão, pode estar mais próxima de sua realidade. É na confluência dos dados e informações, vindos de diferentes fontes, que podemos (re) construir a história de um tempo, de um fato, de um acontecimento.

As pesquisas realizadas através da História Oral são contestadas por parte de alguns historiadores, por considerarem que o que foi narrado se distancia dos documentos oficiais escritos. Vale lembrar que esses documentos escritos não são inquestionáveis, é também resultado de uma seleção e escolha do que ser registrado, sendo assim, é possível nos questionar

sobre até que ponto as fontes escritas podem ser consideradas como detentoras de uma história dita real.

Ferreira (1996), afirma que

a reafirmação de que a busca da “verdade histórica” deve ser a regra de ouro dos historiadores (mesmo que se saiba que jamais se chegará a ela), e que a denúncia das falsificações deve ser preocupação constante, não significa a retomada de certos pressupostos tão caros aos historiadores no passado, tais como a necessidade da famosa visão retrospectiva, ou a desqualificação das fontes orais, consideradas subjetivas e distorcidas. (p.18)

Em virtude do acesso a uma educação erudita, toma-se a escrita como a forma de se garantir um verdadeiro registro. Dessa forma é que se construiu, através da mesma, a noção de uma história dita verdadeira, ou seja, uma história que tem como base informações e dados baseados na palavra escrita. O registro escrito passa a ser compreendido então, como o único verdadeiro. A partir do debate travado recentemente, podemos questionar essa concepção, na qual o registro escrito passa a ser visto também, como resultado de uma seleção feita por aqueles que o realizaram.

A História Oral contribuiu para o registro escrito da história contada pelos sujeitos das classes menos privilegiadas, embora estes, por ter menos acesso à escrita por muito tempo, foram marginalizados dos registros históricos ou apareciam de forma subordinada ao terem suas vozes silenciadas, fornecendo dessa maneira uma história diferente. Para Meihy (2005)

a presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança do conceito de história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores, que passam a entender a seqüência histórica e se sentir parte do contexto em que vivem. (p.19)

Além de ser um método investigativo, a História Oral ocupa um espaço importante. As escritas que decorrem de suas pesquisas ganham tal importância, que para muitos historiadores, ela se torna uma disciplina. Não se restringe à própria pesquisa, atingindo outras áreas de

conhecimento, tendo alcance às questões e causas sociais de classes menos favorecidas, o que lhes possibilita assumirem sua condição de sujeitos da história.

A História Oral revela a complexibilidade do processo histórico, e nesse sentido, é fundamental que seja utilizada para entendimento desse processo. Thompson (1992) afirma que

a história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema - pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (p.22)

É importante lembrar que, segundo Queiroz (1988), a organização dos arquivos coletados não é um fim em si mesmo, não são as principais metas a serem alcançadas por pesquisas que se utilizam desta metodologia. O objetivo maior da História Oral é, a partir desses arquivos, buscar esclarecimento das relações sociais, sejam elas em um determinado grupo, em outros contextos, em outras épocas e também agora.

Os arquivos coletados pelos pesquisadores que utilizaram a História Oral como método de pesquisa necessitam estar à disposição, para que outros tantos tenham acesso aos mesmos arquivos e informações. Isso possibilitará que dados, informações, fontes orais não se percam, e desta maneira, que a própria história e suas diversas manifestações sejam mantidas. Esse fato poderá contribuir para que representantes de classes menos privilegiadas não tenham mais seus relatos excluídos. Thompson (1992)

é bastante fácil a um historiador dedicar a maior parte de sua atenção e de suas citações aos líderes sociais que admira, sem emitir diretamente nenhuma opinião pessoal. Uma vez que é da natureza da maior parte dos registros existentes refletir o ponto de vista da autoridade, não é de admirar que o julgamento da história tenha, o mais das vezes, defendido a sabedoria dos poderes existentes. A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado,

uma contestação ao relato tido como verdadeiro. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social da história como um todo. (p.26)

A História Oral necessita que suas fontes, suas narrativas, suas entrevistas, sejam obtidas, e também arquivadas por meio de algum equipamento tecnológico. Isso se deve à importância de não se perder dados e informações, que seriam importantes e necessários para uma análise adequada da pesquisa, e uso ou estudo futuro por quem se interesse.

As fontes orais podem ser o início de um relato bem feito, pois o entrevistador necessita de informações, antes mesmo da entrevista ser realizada. Um cuidado também necessário, é com relação ao equipamento utilizado para o registro destes relatos. É fundamental a escolha correta e o preparo no uso do equipamento escolhido, uma vez que poderá haver perda de algumas narrativas, devido a problemas do próprio equipamento que é utilizado. Além da gravação, seja de áudio ou vídeo dos depoimentos, é fundamental que o pesquisador mantenha a prática de outras formas de registro dos depoimentos coletados, pois dependendo do registro desses depoimentos, o pesquisador poderá perder informações, demonstrações de emoções e sentimentos importantes para sua pesquisa. O registro de gestos e manifestações do depoente durante a entrevista se torna importante para o investigador que trabalha com a metodologia da História Oral, pois se acredita que além da palavra falada, outras formas de expressão contribuem para a compreensão do não dito. Queiroz (1988) afirma que

o desenvolvimento tecnológico, colocando à disposição do cientista social novo meio de captar o real, como o gravador, reavivou novamente o relato oral. As fitas pareciam agora o meio milagroso de conservar à narração uma vivacidade de que o simples registro no papel as despojava, uma vez que a voz do entrevistado, suas entonações, suas pausas, seu vaivém no que contava, constituíam outros tantos dados preciosos para estudo. (p. 15)

Muitas vezes quem está sendo entrevistado tem dificuldade em realizar uma narrativa, uma vez que o próprio desenvolvimento tecnológico fez com que houvesse uma acomodação do

ato de narrar por parte das pessoas. Em nossos dias há uma diminuição dessa prática de rememorar, de dialogar, de narrar.

Segundo Benjamin (1983), a arte de narrar caminha para o fim. Para o autor, "... o narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história..." (p. 60) Com o advento da imprensa, há uma crise no narrar, pois o que passa a ser valorizado e reivindicado é a eterna novidade, que é própria da informação reproduzida através da imprensa. A informação precisa ser verificada antes de ser divulgada, pois deve soar plausível. Ela está impregnada de explicações, enquanto que na narrativa, é facultado interpretar a coisa como se entende, o ouvinte tem esta faculdade.

o mérito da informação reduz-se ao instante em que era nova. Vive apenas nesse instante, precisa entregar-se inteiramente a ele, e, sem perda de tempo, comprometer-se com ele. Com a narrativa é diferente: ela não se exaure. Conserva coesa a sua força e é capaz de desdobramento mesmo depois de passado muito tempo... Quanto mais esquecido de si mesmo está quem escuta, tanto mais fundo se grava nele a coisa escutada... (p. 62)

A narrativa é, de certo modo, uma forma artesanal de comunicação. No contexto atual, marcado pela velocidade do tempo e pela impossibilidade cada vez maior dos momentos de troca de experiência, fazer uso da metodologia da História Oral poderá significar uma retomada desse tipo de comunicação.

Ao mesmo tempo, vale ressaltar que o uso da tecnologia é importante para a pesquisa na História Oral, sendo esta uma significativa contribuição para seu desenvolvimento. Para que haja o uso adequado dos materiais e instrumentos tecnológicos, será necessária a participação humana para o manuseio dos mesmos, o que acarreta o contato direto entre entrevistador e entrevistado, pois o uso tecnológico é um meio para a pesquisa, e não um fim, como observa Meihy (2005).

As entrevistas realizadas no processo de pesquisa pela História Oral têm mudado no decorrer do tempo, em virtude da expansão do uso de novas formas de registro. Segundo Meihy (2005) “a evolução dos registros combinando som e imagem gerou um desafio que tem atraído muitos adeptos da História Oral: as gravações em vídeo. A relação entre o uso de entrevistas e fotos, gravuras e outras imagens também é tema constante das reflexões teóricas sobre História Oral” (p.93).

Nesta pesquisa, foram utilizadas fotos e filmagens para a realização das entrevistas, sendo estas no total de treze entrevistas, sendo seis com alunos, seis com professores, e uma com o idealizador do projeto Verso Vivo.

Os seis alunos entrevistados foram: Driale, Sadraque, Flávia, Giovane, Luis Fernando e Mayna, por terem participado em mais de um espetáculo, e também por serem alunos que demonstraram mais facilidade em se expressar.

Driale é uma ex-aluna que estudou de 2001 até 2005 na escola. Vivenciou a escola antes e depois desses projetos serem realizados, participou de muitos deles como atriz, e também com a confecção dos cenários. Desde que concluiu o Ensino Médio continua indo à escola e ajudando nos projetos voluntariamente. Continuou seus estudos em Administração de Empresas.

Sadraque é um ex-aluno, concluinte em 2008, participou de alguns projetos também. Em um deles foi o autor da poesia declamada. Continuou seus estudos em Biologia.

Flávia é uma ex-aluna, concluinte em 2009, participou de eventos nos dois últimos anos. Atualmente faz curso técnico de Design de Interiores.

Giovane é um ex-aluno que concluiu em 2009, participou em performances e em peças como ator, e foi o protagonista na peça *A Vida é Sonho*. Pretende continuar seus estudos, em nível universitário, a partir do próximo ano.

Luis Fernando é um ex-aluno que concluiu em 2008, participou de peças como ator e como compositor da trilha sonora da peça *Píramo e Tisbe*, ajudou em oficinas de canto e voz com os alunos que também iam representar. Participou também do festival de música regional representando a escola. Continuou seus estudos em Fonoaudiologia.

Mayna é uma ex-aluna que concluiu em 2006, participou de peças como atriz e na confecção dos cenários. Continuou seus estudos em Administração de Empresas.

Os seis professores entrevistados foram: Carlos, Gláucia, Márcia, Sílvia, Kelvis e Margarida.

O critério para escolha da entrevista com o professor coordenador Carlos, foi pelo motivo dele ser um grande colaborador dessas atividades na escola, de acompanhá-las significativamente, e também pela sua formação na área artística. Ele é professor de Arte e formado também em Arquitetura. Desde 2002, exerce a função de professor coordenador do Ensino Fundamental no período diurno da escola. Tem dezoito anos no magistério, e trabalhou em todos esses projetos orientando e ajudando alunos e professores também.

A entrevista com a professora Gláucia se deu, em virtude de ser quem acompanhou os alunos na formação e ensaio das torcidas, e pela sua ótima relação com os alunos. Ela é professora de Geografia da escola desde 2002. Desde então, participou de todos os eventos auxiliando e organizando os alunos para as apresentações. Tem treze anos de magistério.

No caso da professora Márcia, sua entrevista foi em razão dela ser a professora da disciplina de Arte, que participou diretamente na realização desse processo e no envolvimento

da escola nesses eventos. Ela é professora de Arte da escola desde 2000, orientou os alunos na confecção dos cenários, e de maneira geral, realizou aulas diferenciadas no ensino de Arte. Tem vinte e um anos de magistério.

A professora Silvia têm sua contribuição nas entrevistas, por sua direta convivência e participação com os alunos nos ensaios e oficinas dos fins de semana, e inclusive, por ser uma das autoras da peça *Na Ponta dos Dedos*. Ela é professora de Língua Portuguesa da escola desde 2004. Participou auxiliando os alunos desde 2006, e juntamente com o professor Kelvis escreveu o texto da peça *Na Ponta dos Dedos*, de 2007. Também ajudou nas oficinas de teatro com os alunos. Tem quinze anos de magistério.

O professor e diretor Kelvis, colaborou nas entrevistas devido à realização de todo processo de seleção e ensaios dos alunos, ajuda na criação das peças e pelo trabalho de escrita conjuntamente com a professora Silvia. Ele é professor de História, lecionou na escola temporariamente, é ex-aluno, tendo estudado nesta escola no período de 1988 a 1992. Trabalha com teatro há alguns anos, e foi diretor das peças de teatro voluntariamente auxiliando também em outros projetos. Tem cinco anos de magistério.

O critério de entrevista com a professora de Educação Física, Margarida, foi porque suas aulas eram, na maioria das vezes, extra-classe, o que colaborou com outras observações sobre o envolvimento dos alunos nos projetos, e também pelo seu próprio olhar dos projetos e eventos realizados. Ela é professora de Educação Física da escola desde 2002, auxiliou os alunos realizando aulas diferenciadas de Educação Física, contribuindo para a preparação e participação nos espetáculos. Atualmente está afastada da escola em licença, desde 2009. Tem quatorze anos de magistério.

A última entrevista foi realizada com o idealizador do projeto Verso Vivo, José Farid Zaine, professor de Biologia, trabalhou na Secretaria de Cultura de Santa Bárbara D'Oeste como coordenador de projetos especiais. Desde 1998, o projeto idealizado por ele é realizado no município. Atualmente é vereador em Limeira.

Com o intuito de possibilitar melhor qualidade nas gravações das entrevistas, a que foi realizada com o professor coordenador Carlos, por seu próprio pedido, se deu em sua residência, o que inclusive, auxiliou a ser uma entrevista de tranquilidade extrema. Da mesma maneira, a professora Margarida, pediu que fosse entrevistada em sua sala do local de trabalho, em horário específico, para poder assim, dar maior atenção ao assunto.

As demais entrevistas foram realizadas na sala de informática da escola, por ser um local que os demais entrevistados, professores, e principalmente os alunos, tinham acesso fácil, conheciam o ambiente, e aparentemente não causava estranheza ou resistência ao espaço usado.

A solicitação para que os professores fossem entrevistados, foi através de contato pessoal, e os alunos foram contatados pessoalmente, por telefone ou pela internet.

O material utilizado para as entrevistas foi a apresentação aleatória de 46 fotos no computador, e os critérios da seleção das mesmas foram que se houvesse fotos da maioria dos eventos e as fotos que estavam com melhor qualidade de apresentação.

Todo o conteúdo selecionado foi organizado da seguinte maneira: 16 fotos das apresentações do FETESB (Festival de Teatro Estudantil de Santa Bárbara), entre os anos 2003 a 2007, e das oficinas que foram realizadas para as mesmas, 07 fotos sobre a confecção de cenários e elaboração de maquiagem das peças, 06 fotos sobre eventos culturais que a escola participou, como festivais de música, apresentação em sarau e desfile de Sete de Setembro e 17

fotos das apresentações do Verso Vivo, entre os anos 2003 a 2007, torcida e verso vivo interno da escola.

Depois da apresentação das fotos, eram colocados trechos de filmagens das apresentações do FETESB entre os anos 2004 a 2007, e de algumas apresentações do Verso Vivo, em virtude de não haver acervo completo desses eventos em todos os anos apresentados.

Esses recursos auxiliaram para despertar no entrevistado outros sentidos, outras emoções, outras recordações, que talvez não fossem possíveis sem esses materiais, e que contribuíram para tornar ainda mais ricos os depoimentos.

Todo o material utilizado para as entrevistas está gravado, e as próprias entrevistas foram gravadas em MP3 para depois serem repassadas para o computador e posteriormente serem transcritas.

Com a apresentação de todo esse material aos entrevistados, estes, conforme observavam, faziam suas colocações e seus relatos ao longo da entrevista, e logo em seguida, tinham a liberdade de, sem tempo determinado ou questões prontas, relatarem o que quisessem.

As fotos e filmagens foram importantes para que relembassem de pessoas, fatos engraçados e tristes, comentários que não recordavam mais, e isso colaborou significativamente na realização das entrevistas.

Apesar de todos os cuidados, na realização da entrevista com a aluna Driale, ficaram claras as dificuldades trazidas quando ocorrem problemas com os equipamentos usados para pesquisa. Isso se deu quando houve perda da gravação ao tentar salvá-la no computador, o que fez com que a entrevista com essa aluna tivesse que ser refeita, e com isso, relatos significativos, depoimentos históricos, sentimentos e emoções demonstradas por ela na primeira entrevista foram perdidos.

Na História Oral, as fontes e os relatos obtidos, que geram a documentação oral, possibilitam guardar as sensações, emoções e sentimentos que somente as entrevistas podem oferecer, possibilita que memórias sejam trazidas ao presente e relatadas de tal maneira, que se tornem informações e histórias relevantes. As técnicas utilizadas na História Oral são imprescindíveis para que a coleta de dados, entrevistas e sua análise não sejam comprometidas durante seu processo.

Os pesquisadores que trabalham com História Oral, ao entrevistar e se relacionar com seus colaboradores, como abordado anteriormente, devem ter cuidado para não interferir nas entrevistas, sabendo escutar e analisá-las adequadamente, e assim obter relatos que atendam ao que está sendo pesquisado, sem alterações das mesmas.

Nas entrevistas realizadas para esta pesquisa, alguns relatos importantes se deram em virtude dos entrevistados poderem ter o tempo que quiseram, e também fazê-lo de forma espontânea, conforme era exposto o material para a entrevista, sem perguntas dirigidas e fechadas.

Para que a exposição de materiais aos entrevistados ocorra tranquilamente, e sem interferência de opiniões, o entrevistador necessita desenvolver a capacidade de ouvir e não interferir na fala da pessoa entrevistada, com o intuito de não induzir suas respostas. Nesse sentido Thompson (1992) afirma que

ser bem-sucedido ao entrevistar exige habilidade. Porém, há muitos estilos diferentes de entrevista, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar, e o bom entrevistador acaba por desenvolver uma variedade do método que, para ele, produz os melhores resultados e se harmoniza com sua personalidade. Há algumas qualidades essenciais que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição de para ficar calado e escutar. Quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou de lhe impor suas próprias idéias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas. (p.254)

As entrevistas iniciais foram regadas de certa insegurança sobre a postura a ser tomada, com receio de interferir nas colocações do entrevistado e de transparecer se concordava ou não com os relatos que estavam sendo feitos.

Durante o processo da pesquisa, a realização das entrevistas com professores e alunos, suas posições contrárias ou semelhantes sobre os assuntos tratados foram se tornando cada vez mais reconhecidos através de alguns olhares comuns em suas falas.

Com isso, no decorrer das realizações das entrevistas, houve uma maior consciência de futura postura, no que se referia às falas, e ao material que era apresentado ao entrevistado.

A relação entrevistador e entrevistado é uma relação de opostos, de mútuos interesses. De um lado, temos o entrevistador que deseja e necessita de informações, em contrapartida temos o entrevistado, que relata sua versão dos fatos, da forma como lhe aprouver, de acordo com seus próprios interesses e, de acordo também com seu entrevistador, podendo desta maneira, relatar ou ocultar informações que lhe são convenientes. Le Ven, Faria e Motta (1997) destacam que

as entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro. Ele se percebe “criador da história” a partir do momento em que se dá conta que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter a consciência disso), questionando elementos da vida social. Então ele pára e reflete sobre sua vida - e este momento é acirrado pelas entrevistas, ocorrendo com frequência – se vê como um ator social e “criador da história”. (p.220)

Essa relação, esse choque de interesses, é também relevante na análise da pesquisa em História Oral, pois a afirmação, bem como a negação, a ocultação ou explanação dos relatos e fontes orais proporcionam os rumos que a pesquisa obterá. Silveira (2002) denomina a entrevista como sendo uma “arena de significados”, e enfatiza sobre a situação da entrevista sendo

um jogo interlocutivo em que um/a entrevistador/a “quer saber algo”, propondo ao/à entrevistado/a uma espécie de exercício de lacunas a serem preenchidas... Para esse preenchimento, os/as entrevistados/as saberão ou tentarão se reinventar como personagens, mas não personagens sem autor, e sim, personagens cujo autor coletivo sejam as experiências culturais, cotidianas, os discursos que os atravessaram e ressoam em suas vozes. Para completar essa “arena de significados”, ainda se abre espaço para mais um personagem: o pesquisador, o analista, que – fazendo falar de novo tais discursos – os releerá e os reconstruirá, a eles trazendo outros sentidos. (p.139)

O entrevistador deve ter cuidado ao observar o que se pesquisa, seus entrevistados, em virtude destes poderem relatar o que imaginam que é desejável ouvir por quem realiza a entrevista.

Existe a possibilidade de que um entrevistado, dependendo da abordagem que lhe é dada, tenha falas e opiniões diferentes. Ele poderá com o tempo, ter um desprendimento da figura do entrevistador, e com o próprio assunto pesquisado.

Na relação entrevistador e entrevistado, o entrevistador, ao ouvir os relatos, também passa por um processo de reflexão dos acontecimentos que estão sendo relatados, em virtude até do próprio contato direto entre eles. Le Ven, Faria e Motta (1997) coloca que

o trabalho do pesquisador não só é um trabalho analítico, de cunho científico, mas um trabalho social. Na tentativa de compreensão – a partir das histórias de vida – de um grupo ou de uma comunidade, o pesquisador ajuda o grupo a compreender-se enquanto agente de transformação social.

Outro ponto que deve ser comentado é que, nas experiências que tivemos em entrevistas, o modo de vida do entrevistado produz um efeito no entrevistador, pois ele também passa a refletir sobre sua própria vida, a partir do depoimento do outro. Os diferentes pontos de vista, concepções de mundo e modos de atuação proporcionados pelo entrevistado suscitam no entrevistador uma reflexão sobre si mesmo e novos questionamentos sobre sua experiência e projeto de vida. Assim sendo, podemos inferir que os indivíduos não continuam os mesmos após a realização de entrevistas de história de vida. (p.221)

No que se referem a esse contato, Guedes-Pinto, Silva e Gomes (2008) também afirmam que “... o processo de rememoração não é de mão única. Pesquisadores e pesquisados rememoram suas trajetórias nas situações de entrevista”. (p. 62).

Nas entrevistas realizadas, uma delas em especial, fez com que muito do que foi relatado trouxesse memórias relevantes dos acontecimentos expostos, das maneiras pelas quais estes foram realizados, das dificuldades e facilidades de todo o processo de construção, de percepções positivas ou negativas desses acontecimentos, e reflexões sobre os mesmos.

A entrevista citada foi com o professor coordenador, quando este comenta sobre a idealização de um projeto, mesmo antes do exercício e ingresso na escola.

porque o que aconteceu é... tanto eu quanto a Simeire, a gente passou por diretores diferentes ao longo desse tempo, né. E nós nunca encontramos um diretor que topasse pegar mesmo a escola com unhas e dentes e falar assim: "eu vou imprimir um trabalho nessa escola" um processo, com começo né, processo... com começo, meio e fim, o fim não chegou né, e nunca chega na verdade. (Entrevista com Carlos, p. 68).

Esse relato trouxe para mim, lembrança de um processo que foi idealizado, de como ele foi iniciado tempos depois, de experiências realizadas com dificuldades ou sucessos, e de tudo que foi feito para atingí-lo, na medida do possível.

Além disso, algumas vezes, imprevistos de última hora podem ocorrer, como por exemplo, o entrevistado, em virtude de idade avançada, ter dificuldade em realizar seus relatos ou de lembrá-los detalhadamente, outras vezes, dificuldades devido a problemas físicos diversos, ou ainda, por conta de outros imprevistos que podem surgir no momento das entrevistas.

Pode-se dizer que o esquecimento faz parte da análise na História Oral, uma vez que, esta é importante para verificar a memória que está sendo relatada, pois memória e esquecimento existem e são dependentes um do outro. Para Meihy (2005)

a relação do esquecimento com a memória é vital para se entender os resultados propostos pela história oral. Supondo que a história oficial seja feita sempre com base em documentos registradores de alguma lembrança que se quer preservar, a memória equivaleria ao esforço de recuperação de coisas que ficaram fora do enquadramento registrado por escrito. (p.76)

É nesse sentido que podemos afirmar que a memória é resultado de trabalho, ou seja, rememorar demanda esforços do entrevistado.

A utilização dos materiais que foram usados para a realização das entrevistas, com o intuito de suscitar uma maior rememoração no entrevistado, não significa exatamente que o mesmo não retenha relatos e informações, que apesar de tê-los relembrado, queira omitir por motivos quaisquer. Sobre essa questão de rememoração Guedes-Pinto, Silva e Gomes (2008) relatam que

... essencialmente, a rememoração é disparada pelas situações atuais, pelos objetos e lembranças concretas que temos à disposição e que nos são ativados pelas relações com o outro. Podemos denominar de **disparadores da memória** ou **muletas da memória** os objetos que evocam de algum modo o passado e auxiliam os sujeitos no processo de rememoração. (p.43)

Um exemplo da importância dessa estratégia nesta pesquisa foi o uso do material em uma das entrevistas, e o que isso propiciou no relato do entrevistado.

Em uma das entrevistas, há o comentário de lembranças e fatos relacionados ao projeto da escola.

então quando eu olho essas fotos, eu falei "eu me senti orgulhosa!" de sabe que, tava ali ó, junto com eles! né, que mesmo que, indiretamente eu não tenha participado de algumas coisas aí, as vezes nem... nem... nem pude estar lá, presente né! Mais, aquilo que... o outro dia, que eles chegavam com aquela cara feliz, com aquele sorriso... nossa aquilo, não se cabia, não se continha! eu acho que isso num tem valor maior né? (Entrevista com Margarida, p. 197).

Da mesma maneira, no relato de uma das entrevistas, no fim da mesma, comenta-se sobre a importância da memória, e de como refletir sobre ela.

é por isso que é legal, hoje parar e conversar sobre isso entendeu. Porque talvez a gente consiga hoje amadurece mais essas... do que foi feito né, o quê isso tudo significa... porque que foi feito né, porque as coisas tomaram essa forma né, eu tenho certeza que, que, que... o bom é, é... é essa memória, entendeu. Essa memória ela é fantástica né, e uma... e um... é um jeito formidável pra gente olha pra, pra... pra

feitos né, pra realizações, e pensa “puxa vida mais, e como é que eu vou toca o barco daqui pra frente” né, “como é que eu vou direciona a minha vida daqui pra frente, como é que eu penso em mim, como é que eu vou pensa no outro” né, o outro aí é a escola né, ou o aluno né, os demais profissionais né..., por aí. (Entrevista com Carlos, p. 81).

Uma das alunas entrevistadas recorda as situações vividas, e de como participou dos eventos.

aí, me dá saudade! dá uma vontade de fazer tudo de novo, mais ao mesmo tempo dá uma, eu falo assim “nossa eu já fiz tudo isso!”, não tudo e... é... “eu já participei... nossa... quanta coisa que já foi feita já”, e... é tudo é, é... é muito saudosista isso pra mim né, eu não me recordo de coisas ruins na realidade, eu até me recordo de brigas que eu tive né, de situações. Mais a... parte boa é a que ficou pra mim né. (Entrevista com Driale, p. 248).

Observamos nesses depoimentos, a importância do uso de materiais como fotos e filmagens, para que o entrevistado possa rememorar informações e detalhes que sem os mesmos, talvez não seria possível.

Capítulo II – A CIDADE DE SANTA BÁRBARA D’OESTE E A ESCOLA ESTADUAL

PROFESSORA IRENE DE ASSIS SAES

O município de Santa Bárbara D’Oeste se localiza a 130 quilômetros da capital de São Paulo, na Região Metropolitana de Campinas (RMC), interior do Estado, com aproximadamente 190 mil habitantes. Sua fundação se deu no início do século XIX, com a abertura da rodovia entre Campinas e Piracicaba.

A cidade teve seu progresso com o impulso da indústria açucareira a partir de 1877, fator fundamental para gerar seu crescimento urbano e conseqüentemente a conurbação com o município vizinho, Americana.

De acordo com dados obtidos no Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais (Inep) e a Secretaria Municipal da Educação, além da rede municipal, Santa Bárbara d’Oeste conta com 35 unidades escolares estaduais de Ensino Fundamental, 18 unidades escolares de Ensino Médio, além das escolas privadas existentes.

Rede Estadual	
Escolas – Ensino fundamental	35
Escolas – Ensino médio	18
Rede municipal	
Escolas – Ensino fundamental	19
Escolas privadas	
Escolas – Ensino fundamental	7
Escolas – Ensino médio	4
Somatória das redes estadual, municipal e privada	
Escolas – Ensino fundamental	61
Escolas – Ensino médio	22

Fontes: Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e pesquisa Educacionais (Inep).

UMA HISTÓRIA DA ESCOLA

Dentre as escolas estaduais do município, especificamente no bairro Jardim São Francisco II, região Sul da cidade, foi construída a Escola Estadual de Primeiro Grau Agrupada do Jardim São Francisco, inaugurada em 25 de Fevereiro de 1978, com a presença de autoridades locais e professores conhecidos da época.

Inicialmente a escola atendia somente seis classes, sendo três séries de 1º ano, uma de 2º, uma de 3º, e uma de 4ª série respectivamente, comportadas em apenas quatro salas de aula existentes.

Nesse período, havia muita dificuldade de conseguir professores interessados em lecionar, devido à escola estar em um bairro de difícil acesso, principalmente pela proximidade à rodovia Luiz de Queiroz, que liga Campinas a Piracicaba, separando os bairros da região central dos bairros periféricos.

Posteriormente, em 26 de Dezembro de 1979, passou a ser denominada Escola Estadual de Primeiro Grau Professora Irene de Assis Saes, homenagem para uma professora que lecionava em turmas de 1ª a 4ª séries, moradora da cidade, que faleceu muito jovem por motivos de saúde.

Em 1984, a escola foi ampliada para doze salas de aula, atendendo, naquele momento, primeiro e segundos graus, nos três períodos, manhã, tarde e noite, e em 1994 foram construídas a quadra poliesportiva e zeladoria da escola.

Atualmente, atende cerca de 1200 alunos, sendo vinte classes de Ensino Fundamental - Ciclo II, atendidos nos períodos manhã e tarde, e treze classes de Ensino Médio, atendidos nos períodos manhã e noite, organizados nas 12 salas de aula que a escola possui.

A escola possui 32 professores efetivos por concurso público e cerca de 7 professores não efetivos ou eventuais lecionando em substituição, em virtude de afastamentos médicos, licença gestante, afastamentos não remunerados ou para exercício de outras funções, tais como coordenação pedagógica e vice direção em outras escolas.

No quadro de funcionários para serviços escolares, a escola possui somente 04 pessoas, o que equivale a 50% que tem direito por lei, e no que se refere ao quadro de funcionários para organização escolar, a escola possui 07 funcionários.

Entretanto, não possui secretário efetivo, e dessa maneira, um dos funcionários é designado para tal função. Além desse quadro, a escola conta com 03 merendeiras, 01 jardineiro e 01 zelador, pela parceria Estado e Município.

É uma escola que possui além de suas salas de aula, outras dependências tais como, sala dos professores, coordenação, secretaria, direção, sala para material pedagógico, sala de informática, sala para depósito, cozinha, zeladoria, espaço para arquivo, quadra e pátio, ocupando uma área de 5.400 m². A seguir foto externa da escola.



Fachada da escola em 2006.
Foto tirada por mim.

E também, para ter uma visão da escola, em seu interior



Pátio da escola em 2005.
Foto tirada por mim.

No que se refere à sua localização, a escola atende, além do bairro Jardim São Francisco II, alunos de outros bairros vizinhos como, Jardim do Lago, Santa Rita, Santa Inês, Vista Alegre, Jardim Paraíso e Inocoop, que ficam próximos, podendo também ser considerados de classe baixa, devido às carências e dificuldades existentes.

A maioria da população da região trabalha em indústrias do próprio bairro e do Distrito Industrial, que fica nas imediações. Outra parcela trabalha no comércio do bairro, do centro da cidade e também em Americana, município vizinho. Uma pequena parte possui comércio próprio ou trabalha de fora autônoma, sendo que na maioria das vezes são com venda de miudezas.

Muitos alunos trabalham sem registro em carteira, em empregos temporários ou fazendo bicos, e muitos outros participam da Guarda Mirim da cidade, (projeto de cunho social, com o intuito de dar oportunidade aos adolescentes para se especializarem em algum tipo de serviço), sendo encaminhados para trabalhar em diversos lugares, como comércios e indústrias, até os 18 anos.

Outra grande dificuldade destes alunos são os trabalhos em turnos, que dificulta a permanência na escola e a continuidade dos estudos, além do que, as adolescentes e jovens que cada vez mais se tornam mães precocemente, dificultando e agravando a possibilidade de inserção no mercado de trabalho. O economista Márcio Pochmann (2004) relata que

nos dias de hoje, por ainda haver parcelas importantes de crianças e adolescentes trabalhando, torna-se fundamental avançar na viabilização de condições que favoreçam a entrada mais tardia possível de jovens no mercado de trabalho. Nota-se que há no Brasil, para cada dez jovens, quase sete ativos no mercado de trabalho. Nos países desenvolvidos, a presença de jovens no mercado de trabalho é muito menor, chegando a apenas um ativo para cada nove inativos. (p. 230).

Essa questão do jovem ter que trabalhar muito cedo, deixando muitas vezes a escola em virtude disso, nos mostra o pouco investimento e falta de políticas públicas adequadas para atender essa faixa etária. Segundo Frigotto (2004)

uma política que atue na dilatação do fundo público, com amplo controle democrático, mediante impostos progressivos, taxação das grandes fortunas e do capital financeiro, pode permitir, no curto prazo, tirar 6 milhões de jovens e crianças do mercado de trabalho – no qual foram inseridos precocemente e que se encontram fora da escola. Isso lhes garantiria o direito da escolaridade básica (ensino fundamental e médio) no tempo adequado e, num contexto de desemprego endêmico, abriria vagas para adultos. Essa política tem, no plano contábil, um custo alternativo. Ou seja, para que essas crianças e esses jovens possam sair do mercado de trabalho e freqüentar a escola (até 18 anos), o Estado tem de garantir uma renda mínima que compense o que ganhavam. Se isso não for feito, as reiteradas campanhas para punir pais que fazem seus filhos trabalhar precocemente ou punir as empresas que os empregam não só são cínicas como, em vez de garantir direitos à educação, à cultura e ao lazer, agravariam sua situação, lançando-os na mendicância, na prostituição, ou tornando-os presas fáceis do tráfico e do crime. (p. 206).

Além disso, existe uma rotatividade muito grande nos empregos da região, gerando alto índice de desemprego. Muitas mulheres chefiam suas famílias, não sendo remuneradas adequadamente, estando na condição de arrimo de família, administrando seus lares sozinhas.

Esse quadro da necessidade de, muitas vezes, ter que se manter realizando bicos ou atividades de trabalho informal, acaba contribuindo com baixas condições financeiras, acarretando, inclusive, muitas dificuldades no que se refere às próprias casas, que em alguns casos se encontram em situações precárias.

Na escola há também o atendimento de muitas famílias, cujos chefes não são os próprios pais. Em alguns casos, os pais moram em outras cidades por motivos diversos, e assim, esses adolescentes e jovens acabam sendo cuidados principalmente por seus tios ou avós, ou até mesmo, ficando certo tempo em uma casa, e outro tempo em outra.

Muitos alunos maiores de 14 anos começam a trabalhar para ajudar na manutenção da casa, e desta maneira, a estudar no período noturno, sendo que essa situação trabalho/estudo, em razão de suas dificuldades, contribui muitas vezes para o aumento dos índices de evasão e retenção escolar, principalmente no primeiro ano do ensino médio.

Em contrapartida, outros tantos estudam em Americana, no SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial de Americana, ou na ETEA – Escola Técnica Estadual de Americana, que oferecem cursos técnicos e profissionalizantes, e tentam dessa maneira, complementar a formação dada no Ensino Médio, para conseguirem futuramente um emprego mais qualificado.

Outros alunos também complementam seus estudos participando do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (PRÓ-JOVEM), mantido pelo Governo Federal, oferecido em Santa Bárbara D'Oeste, que consiste na capacitação profissional de 350 horas, para jovens

desempregados entre 18 e 29 anos, em diversas áreas como marketing, vendas, vestuário, beleza e estética, administração, entre outros.

Além da capacitação profissional, esses jovens, comprovando sua frequência, recebem por seis meses auxílio de R\$ 100,00, o que estimula a continuidade do curso.

Essa procura constante por novas possibilidades de trabalho se deve à renda da maioria das pessoas da região ser baixa, principalmente pelos trabalhadores mais jovens, bem como, pelos trabalhadores mais velhos, que em sua grande parte recebem apenas um ou dois salários mínimos em seus empregos.

Os moradores que estão na região desde seu princípio, em grande parte, são provenientes de outras regiões da própria cidade ou de outros municípios, que vieram morar no bairro em sua formação em busca de emprego, casa própria, enfim, melhor condição de vida, o que contribuiu para o desenvolvimento não planejado do bairro e em seu entorno.

Muitos desses moradores são semi-analfabetos ou com pouca escolaridade, não possuindo sequer o Ensino Fundamental completo. Em contrapartida, encontramos pais que possuem o Ensino Médio e outros poucos que possuem Ensino Superior.

Percebe-se que muitos adultos estão voltando a estudar em cursos supletivos ou modalidades de ensino à distância, para manterem seus empregos, por ser cada vez mais exigido, minimamente, o Ensino Médio como formação necessária.

Nesta perspectiva de estar empregado um dia, e no outro não, dos jovens precisarem trabalhar, e pela procura da população por inserção no mercado de trabalho, esses fatores contribuem para o desenvolvimento de um ciclo de problemas sociais, gerando dessa maneira, dificuldades e um contexto de pobreza, que precisariam ser minimizados com investimentos

públicos diversos e políticas sociais adequadas, como citado pelo também economista, Dowbor (2002)

somos um país pobre num mundo que onde a distância entre países ricos e pobres aumenta. Entre os países pobres, somos hoje o país de maior concentração de renda e, portanto de maior discriminação dos pobres. Não bastasse isto, as políticas sociais, que deveriam ser compensatórias, privilegiam os ricos. E quanto mais pobres se tornam os pobres, mais dificuldades haverá de se gerar espaço político para a mudança. (p.27).

No sentido de minimizar as diferenças sociais, de contribuir com a melhoria da comunidade em que está inserida, cabe à escola o papel de interferir positivamente na formação desses alunos, com o intuito de tentar que esse quadro seja amenizado, que estes jovens possam ter melhores condições de trabalho e novas oportunidades, e conseqüentemente, melhores condições de vida.

IMPACTO DA GESTÃO

A escola tem, portanto, o desafio de atuar frente a esta realidade permeada por problemas sociais e econômicos que envolvem esta comunidade e com um quadro de muitos alunos desmotivados para os estudos. Tendo este contexto como referência, foi que em 2002 iniciou-se um trabalho na escola que teve como objetivo principal, naquele momento, tentar fazer com que os alunos percebessem a necessidade e importância da escola, e assim, dentre outras questões, não depredá-la mais, o que então era comum, sendo que em anos anteriores, segundo relatos de alguns alunos, esse processo de depredação escolar não era superado com sucesso.

No que se refere à depredação da escola, Guimarães (1990)

quebrar um “bem público” é uma atitude muito próxima de nós. Pobres e ricos, pessoas de diferentes segmentos da sociedade depredam o patrimônio público, mas cada classe social faz uma apropriação diferente dessas ações. Podemos encontrar vândalos que não quebram nada em suas casas e os seus atos anti-sociais podem estar representando uma forma de diversão. Outros quebram porque não sentem o “público” como sendo

deles, uma vez que são desapropriados do mínimo necessário para viver. A escola aqui é um dos alvos preferidos, pois ela contraria todos os seus pressupostos, isto é, se diz democrática, mas não é; diz que prepara para a vida, mas não prepara; é lugar do novo, mas propaga o velho. (p. 146).

Esse estado da escola, além dos problemas no espaço físico, também refletia no comportamento e desejos dos alunos que ali estavam estudando. Isso é retratado por uma das alunas quando diz

desde que eu... noventa e nove eu entrei tava uma diretora, aí em dois mil tava outra diretora, em dois mil e outra diretora, e em dois mil e dois veio a direção, eu falei "ah ano que vem, é outra coisa né, mais um ano, nessa baderna, desgraçada", que você já sabe, que eu odiava a escola na época, tinha medo de vim pra escola... (Entrevista com Driale, p.243).

Além disso, também é colocada a questão das dificuldades dos estudos, bem como, da convivência escolar entre os próprios alunos.

... é que aquela pergunta, "porque que eu saí do Irene na época... que eu saí daqui", foi porque eu achava... eu achava não né, muita gente achava. A escola, já não estava... em... más condições né, muito depredada e... além das salas, os professores já num... num, num conseguiam trabalhar mais, e... eu particularmente saí, porque eu sentia muito medo, muito... muito medo de... Porque era uma coisa muito assim, tinha alguns grupos, formavam-se alguns grupos um... porque não dizer gangues né. (Entrevista com Luis, p.230).

Entre outras questões, desejávamos que os alunos percebessem a possibilidade de possuir uma escola com suas dependências mais adequadas, e que estas pudessem ajudar a oferecer novas possibilidades de estudo, com atividades e materiais diferenciados, trazendo novos conhecimentos e informações, o que então não lhes eram muito oferecidos adequadamente, ou com o sucesso esperado, devido a fatores internos e externos da escola que contribuía para grandes dificuldades do processo de ensino e de aprendizagem.

escola, grupo, e eu não via a escola como um, um grupo, via uma escola como uma coisa assim, uma obrigação, "cê tem que ir!". Aquela chatice toda, aquela coisa "toma cuidado pra na hora do intervalo, ninguém bate em você e... e viver mais um dia!", uma coisa meio assim né, "eu vou pra selva, não vou pra escola!" né. Uma coisa meio estranha! (Entrevista com Luis, p.231).

Para alcançarmos as metas da proposta pedagógica que desejávamos, investimos na recuperação da parte física da escola, melhorando esteticamente o prédio escolar e o seu entorno, pensávamos que dessa maneira, houvesse a obtenção inicial de mudanças dos conceitos que os alunos tinham referentes à escola, bem como, de uma melhor relação aluno/escola.

então, em termos de... de cuidados do patrimônio, né! eu acho que o aluno mudou... ele se sentia um pedaço... da escola... "então porque que eu vou... é... destrui, aquilo que é meu!"... né, então ele passou a ter esse cuidado, ele passou a ter esse olhar de preocupação com a escola. Então a escola, ela começou a fica... mais conservado, por quê? Porque ele criou uma conscientização! então, as... né, abrangente! foi envolvendo, foi crescendo né! (Entrevista com Margarida, p. 192).

Concomitantemente a esse processo de conscientização e mudança dos alunos, também era necessário, a partir desse quadro, oferecer ao corpo docente e aos funcionários a possibilidade de adquirir novos materiais, sendo eles, pedagógicos ou não, além do que, espaço para atividades diferenciadas, e conseqüentemente, melhorar suas condições de trabalho, contribuindo dessa maneira com o processo de ensino na escola.

A escola começou a ter uma nova cara, a se modificar estruturalmente e pedagogicamente, e os primeiros resultados surgiram.

Strazzacappa, Nassif Schroeder, Schroeder (2005) afirmam que

educação estética, uma das funções do ensino de arte na formação do indivíduo, ocorre desde o momento em que o estudante põe os pés na porta do prédio escolar. Os muros, portões, jardins, árvores; as paredes com seus quadros de aviso, varais, murais, cartazes; a variedade e qualidade de imagens que povoam cada sala de aula, os corredores, a cantina... A opção por cores, disposições, alinhamentos, além de responder a um aspecto prático (e por vezes econômico), responde a opções estéticas. A maneira como professores, funcionários e alunos vão se relacionar com esse ambiente, acolhedor ou repulsivo, de cores quentes ou frias, com o qual se identificam ou não, vai influenciar a formação estética daqueles que aí convivem, mesmo sem se darem conta. (p.76).

Algumas das transformações do prédio escolar contribuíram para que os alunos e a própria comunidade acreditassem no trabalho que estava sendo implantado naquele momento.

Com o tempo, o respeito da comunidade pela escola foi recuperado, bem como o interesse em saber o que estava acontecendo devido às rápidas transformações. Inicia-se, dessa maneira, o maior interesse dos pais para terem seus filhos matriculados na escola, e inclusive, alunos que estavam em outras unidades escolares fora do bairro, quiseram voltar a estudar na escola.

Uma observação, referente às reuniões que eram realizadas com o intuito de demonstrar para os pais a intenção de melhorar a escola, é lembrada.

então eles tiveram um olhar diferente pra escola e quem estava fora, também passou a ter um olhar diferente, "olha aquela escola... olha que trabalho legal que eles estão fazendo! o meu filho tá lá ô!". Então a gente... né, o... os pais, as reuniões! né, quando eles iam lá assisti, você via... o olhar, a fala... de que aquilo pra eles tava sendo grandioso. (Entrevista com Margarida, p.195).

E a professora complementa sua fala ao dizer

então eu acho que mudou o olhar dos dois, de... de fora pra dentro e de dentro pra fora né! e isso... uma... na reflete, a gente vê, na questão até da conservação da escola! né, ele passou a se sentir... parte do processo! ele passou a cuidar melhor, embelezar a escola! (Entrevista com Margarida, p. 195).

Entre as muitas mudanças físicas da escola, tivemos, primeiramente, a total limpeza de todos os ambientes, fossem eles internos ou externos, deixando as salas de aula, corredores, jardins, e todas as dependências existentes com a maior claridade possível.

Foram jogados fora todo lixo e materiais quebrados que estavam dentro das salas de aula sem condições de uso, como por exemplo, trilhos de cortinas e ventiladores retorcidos, armários destruídos, carteiras com as ferragens completamente destruídas, livros inutilizados por estarem totalmente rasgados e rabiscados, e foram refeitos pequenos concertos com amarração de arames.

Essas ações se deram nos dias iniciais do trabalho, impactando alunos e professores, demonstrando assim, que metas e objetivos claros estavam em início de construção.

Da mesma maneira, apesar das paredes das salas de aulas estarem completamente pichadas e destruídas, foram limpas com o intuito de, além de diminuir a sujeira, demonstrar aos alunos a importância de interromper o processo de vandalismo que existia, e de como os ambientes escolares poderiam melhorar.

Uma das muitas providências tomadas foi a restauração da iluminação da escola, iniciando, desta maneira, um processo de clarear o máximo possível o interior e o seu entorno.

Durante todo esse processo, com o intuito de não receber críticas negativas por parte da Diretoria de Ensino de Americana e para que não houvesse dúvidas da seriedade do trabalho, em razão do recente ingresso como diretora no Estado, constantemente eram tiradas e arquivadas fotos da escola, de suas transformações físicas, das atividades escolares internas e dos eventos externos que a escola participava, que começam a acontecer com maior frequência.

O professor coordenador Carlos retrata a importância desses registros

comprava um filme, fotografava, ia lá, revelava, e a Simeire já ia pondo lá no portfólio né. Quando não, ia guardando em lugares separados pra depois separar, “esse vai para o portfólio, esse vai pra caixinha” tal, tal... tanto é que tem a caixa lá até hoje com milhão de fotos né, é muito registro né, e... à medida que a escola foi crescendo... estruturalmente, ela também foi crescendo pedagogicamente... (Entrevista com Carlos, p. 69).

A foto a seguir é da entrada da escola, logo no início do trabalho, em fevereiro de 2002, a porta principal precisava ser restaurada e pintada, havia um excesso de plantas no ambiente, de tal maneira que ficava com aspecto desagradável.



Entrada da escola em fevereiro de 2002.
Foto tirada por mim.

Posteriormente, foi trocado o piso, realizadas outras benfeitorias como, a troca da porta principal que dá acesso ao pátio, toda pintura do espaço foi refeita, foram retiradas as plantas em excesso, deixando o ambiente mais claro e limpo, com o intuito de receber melhor as pessoas, com um ambiente melhor.

Percebemos naquele momento, que com a mudança desse espaço, especificamente, as pessoas que ali compareciam, tinham uma melhor impressão da escola e do trabalho que estava sendo realizado.



Entrada da escola em 2004.
Foto tirada por mim.

A seguir temos a visão de um dos corredores das salas de aula, logo em frente à entrada principal da escola. A cor escura das paredes tinha sido uma opção da gestão anterior para esconder as pichações que haviam nas paredes, e assim mantê-las em ordem.



Foto corredor de salas de aula em fevereiro de 2002.
Foto tirada por mim.

No final do ano de 2002, a escola recebeu uma verba estadual, que estava em processo de aprovação há algum tempo, que era designada para troca do piso das salas de aula desse corredor, e do mesmo, além de mudança do local da cozinha e da secretaria, aumento da metragem da sala de informática e construção de um pequeno depósito, para guardar arquivos da secretaria e materiais diversos.

Essa reforma foi concluída em Janeiro de 2003, e esse fato foi de fundamental importância para o término da restauração de todas as salas de aula, pois naquele momento, todas as demais salas, corredor e pátio, já estavam totalmente restaurados.

A intenção de mudar esse espaço, e o da escola como um todo, o mais rápido possível, era no sentido de poder oferecer aos alunos um ambiente mais agradável, trazendo dessa maneira, um clima mais calmo e tranquilo, sensação de amplitude e maior limpeza do ambiente,

e para tal foram realizadas pintura com cores claras e também melhorias da iluminação. Acreditávamos que quanto mais limpo e claro fosse o ambiente, menor seria o interesse de sujá-lo ou agredi-lo, por parte dos alunos.



Foto corredor de salas de aula em fevereiro de 2003.
Foto tirada por mim.

A primeira sala reformada na escola foi intencionalmente a que seria destinada a formação da única sala ambiente que tínhamos, a sala de arte, que nos anos anteriores estava em má condição de uso e inadequada para as aulas, como podemos verificar.



Sala ambiente de Arte em fevereiro de 2002.
Foto tirada por mim.

Pensando na importância da Arte como disciplina, para que houvesse um ambiente e espaço específico para suas aulas, foram realizadas em uma das salas de aula, pintura com cores claras e iluminação nova, assim como aquisição de mobiliário adequado (mesas e cadeiras). Além de apresentarem um espaço específico, o que havia também, era a intenção de chamar a atenção dos alunos a respeito dessa área, mostrando dessa maneira, que a arte seria muito incentivada na escola.

Esse investimento inicial, específico nessa sala, foi primordial para a manutenção dos outros ambientes, conforme eles eram revitalizados, pois os alunos começaram a perceber o quanto a escola estava sendo transformada e necessitava de colaboração.

Assim, o primeiro passo para colocar a Arte em evidência na escola, tendo como base a proposta de trabalho pedagógico, começou a ser valorizado e respeitado pelos alunos, ao ser oferecido um espaço adequado para o desenvolvimento dessa disciplina.

Tanto professores como alunos, mudaram o olhar para as aulas de Arte, sendo que esse espaço contribuiu muito para isso. A professora de Arte faz suas colocações a respeito do espaço de trabalho

ahh... eu acho que... que ajudou, que tinha uma outra cara! né, "porque nós vamos pra aula de artes, tal! a aula de artes é lá!". Tanto é, que quando deixou de existir... eles sentiram e queriam, tal... É... penso que era um bom espaço, dava pra mim fazer um... bastante coisa diferente aí, por que... o espaço em si, era... né, diferente! E, eu acho que tinha uma outra visão, era... era diferente né, Simeire? Tinha uma... uma cara assim "nossa!" né! (Entrevista com Márcia, p. 175).

E complementa

... então, tinha uns... um outro... é, um outro sentimento, uma outra... emoção aí nesse lugar, mais... a gente produziu bastante aí né?
E também tinha aquele fator né, que eu não precisava ficar interrompendo... as coisas, eu tava na sala, então tudo o que era de arte tava ali, então cê podia, sujar, cê podia fazer, cê podia, que depois vinha também outra turma que... (Entrevista com Márcia, p. 175).

O olhar dos alunos sobre as aulas de Arte começou a mudar, percebendo o espaço como diferente

... ela tinha diferença sim! Era mais descontraído né, o ambiente era descontraído né!
... é porque mudava né, aquela coisa de ir um atrás do outro né, ali se trabalhava em grupo né, cada mesa né! era melhor! (Entrevista com Giovane, p.331).



Sala ambiente de Arte em abril de 2002.
Foto tirada por mim.

As mudanças que foram ocorrendo na escola, fisicamente e pedagogicamente, contribuíram para a volta de pessoas do bairro que estavam em outras escolas, com outro olhar e compromisso para com a escola. Em um dos relatos é colocado

... quando eu voltei, eu já vi uma escola totalmente diferente, uma escola que já tinha uma outra cara, todo e... pintada e toda... as carteiras todas... tudo em ordem né, os professores já tinham mais, mais voz na sala. Uma coisa diferente, então já né. (Entrevista com Luis, p. 230).

A transformação das salas de aulas foi realizada rapidamente, o que contribuiu muito para o crédito da escola perante a comunidade, e também da melhoria das aulas que eram desenvolvidas. Somente com mudanças rápidas, imaginávamos que se poderiam alcançar resultados positivos.



Sala de aula em fevereiro de 2002.
Foto tirada por mim.

Verificamos que esse processo de manutenção, e procura de mais benfeitorias, que se deu constantemente durante todos esses anos, refletiu na mudança de postura do aluno para com a escola.



Sala de aula em 2005.
Foto tirada por mim.

Além de todos esses fatores, foi primordial, que no decorrer desse período, o crescimento e manutenção da quantidade de professores efetivos, contribuindo para que as mudanças pedagógicas e estruturais da escola ocorressem constantemente, colaborando, dessa maneira, com o desenvolvimento desse trabalho, principalmente nos primeiros anos em que foi implementado e percebeu-se também que alguns professores começaram a pedir remoção para trabalhar na escola.

... a escola ela passou a ser vista né, pra quem tava de fora como uma referência mesmo né, até pra aqueles que "ah, eu quero trabalha nessa escola" né, ah... eu, eu não sei nem se, se a idéia original era essa, por que... porque o que ficava assim olha, quem vier pra cá sabe que vai ter que trabalhar... né (Entrevista com Carlos, p.74).

O corpo docente da escola entre 2002 e 2007, teve o seguinte quadro

ANO	PROF. EFETIVOS	PROF. NÃO EFETIVOS	TOTAL
2002	16	51	67
2003	18	47	65
2004	21	35	56
2005	28	26	54
2006	31	46	77
2007	34	35	69

Entre os anos de 2008 a 2010, o número de professores efetivos continuou em número crescente, e assim, percebemos que se não houver corpo docente, funcionários e gestores comprometidos com a proposta pedagógica da escola, de nada valeriam mudanças físicas e estruturais na escola, como ocorreram nesses anos, pois essas mesmas mudanças precisam acontecer em conjunto para alcançar resultados significativos.

Arelado às reformas físicas e estruturais da escola, começamos a participar, com grande investimento, dos eventos da secretaria da cultura, Verso Vivo e FETESB (Festival de Teatro Estudantil de Santa Bárbara), entre outros projetos culturais e artísticos.

VERSO VIVO E FETESB

O Verso Vivo é um evento de declamação e encenação de poesias, de autoria de poetas consagrados e também de autores barbarense, produzido por alunos do Ensino Médio. Foi idealizado pelo professor José Farid Zaine, como projeto interno na escola em que lecionava em Limeira SP, com o objetivo, naquele momento, de despertar nos seus alunos o gosto pela leitura e escrita de poesias.

O referido projeto se constitui a partir de competição entre as escolas, de tal maneira, que um júri de artistas é convidado para analisar critérios como, melhor declamador de poesia

de autor consagrado, melhor declamador de poesia de autor barbarenses, e também de melhor performance, poesia, maquiagem, figurino, iluminação, sonoplastia, composição da obra, melhor torcida e destaques que o júri quiser considerar.

No ano de 1997, foi convidado para desenvolver projetos especiais na cidade de Santa Bárbara D'Oeste, e devido ao sucesso alcançado na cidade de Limeira, Farid trouxe o evento Verso Vivo como sugestão de trabalho para a Secretaria de Cultura barbarenses.

bom, o projeto verso vivo que eu implantei em Santa Bárbara, na verdade ele é decorrência de um outro projeto que eu iniciei na cidade de Limeira! (Entrevista com Farid, p. 198).

E complementa seu comentário sobre outros projetos que também idealizou na cidade.

e... em... a... mil novecentos e noventa e sete fui convidado pra vir Santa Bárbara, na... pra desenvolver um trabalho de projetos especiais na Secretaria da Cultura. Fui convidado pelo secretário Paulo D' Elboux! que tinha assumido na... naquele ano. Então eu vim pra desenvolve vários projetos. Aqui eu desenvolvi... implantei aqui, a Via Crucis que é a paixão de Cristo de Santa Bárbara, que num existia... passou a existir, e existe até hoje. Aí implantei dois festivais de música, um ecológico a canção da terra e o outro de música de raiz ou viola do oeste! né, enfim, diversos projetos... (Entrevista com Farid, p. 199).

A proposta da realização do evento foi apresentada ao secretário de cultura, Paulo César D'Elboux e à dirigente de ensino, Neusa Maria Malavasi Meneghel, então responsável pela Diretoria Regional de Ensino de Americana, que abrange as cidades de Americana, Santa Bárbara D'Oeste e Nova Odessa.

mais eu vim e... a... apresentei o projeto ao secretário da época, não é o Paulo... é o D'Elboux é o atual secretário... gostou muito do projeto. Daí eu fui conversar com a professora Neusa, na diretoria de ensino de Americana. Ahhh... ela também gostou muito do projeto, aí eu fui numa reunião... porque no começo você sabe que é tudo difícil, as pessoas num... num gostam muito de encarar o novo né? (Entrevista com Farid, p. 200).

As escolas, em sua maioria, começaram a participar do evento, a princípio timidamente, mas no decorrer dos anos, os trabalhos e as apresentações se tornaram mais significativas e com maior qualidade dos seus quesitos.

O investimento das escolas para que houvesse melhores apresentações e maior envolvimento no projeto culminou, muitas vezes, em trabalhos internos específicos nas unidades escolares.

porque nessa época... como agora, eu acho que... a... eu acho que... há muita carência desse tipo de... de projeto que faz o aluno ter orgulho de sua escola, faz ele... vesti a camisa da escola né! E não é simplesmente uma... uma... um... uma competição, uma coisa lúdica né? Por trás do lúdico, da diversão existe... um... um trabalho muito amplo na área artística, que o aluno num vai... num tem em sala de aula! Ao mesmo tempo, então ele se envolve com a literatura, ele passa a conhece poesia, que é um gênero meio... meio banido né... (Entrevista com Farid, p. 201).

Farid, com sua experiência como professor e idealizador do evento, aborda a questão do envolvimento necessário das escolas, para ter repercussão nas próprias escolas, despertando nos alunos melhor relacionamento com a instituição.

isso! evento da cultura, mas são as escolas... é que fazem, né! Secretaria da Cultura pode lança o projeto, mas se não tiver a escola... porque não... não tive esse envolvimento, esse brilho né, a... que só aluno e professor conseguem dá pras coisas! na... num aconteceria aquele a... a... a... não aconteceriam aqueles momentos, que acontecem no teatro, se é a torcida, é o... pessoal unifor... uniformizada, o grito de guerra né, enfim... enfim! é o envolvimento total da escola mesmo que faz o evento! (Entrevista com Farid, p.201).

E complementa

passa-se interessar pela poesia, passa a conhecer as obras do... do... dos escritores né, consagrados, passa também a se interessar pela técnica vocal, pra expressão corporal né, e aí entra a criatividade nos figurinos, nos cenários né, então a... a criação de quatro minutos de... de... interpretação, que é o tempo que o... o regulamento estipula né! Esses quatro minutos significam um trabalho às vezes, de meses na escola, de envolvimento... e de muitas pessoas né! então eu acho que o... o resultado, eu tenho muito orgulho desse projeto, eu acho que o resultado é altamente positivo! E ele cumpre o seu objetivo né! nem eu imaginava quanto. (Entrevista com Farid, p. 201).

Como consequência do projeto Verso Vivo, teve início, em 1999, o FETESB (Festival de Teatro Estudantil de Santa Bárbara), que se constitui em apresentação de peças teatrais, infantis ou adultas, com atuação de alunos dos Ensinos Fundamental e Médio, das escolas estaduais de Santa Bárbara D'Oeste.

Farid comenta como o evento surgiu também como possibilidade de trabalho nas escolas.

ele veio depois do... do verso vivo, e ele... ele é uma consequência do verso vivo também... esse festival de teatro... é... ele é uma consequência, porque daí o... secretário Paulo na época, ele também ficou apaixonado pelo... pelo projeto e queria estimular, que as escolas fizessem mais coisas, tivessem mais... participações né! e... aí na época um... a... o diretor... a direção de... do teatro... da área de teatro... e... que fez esse... esse festival! (Entrevista com Farid, p. 207).

Como o Verso Vivo, o FETESB são apresentações, com a competição entre as escolas, também com júri de artistas convidados, que analisam os critérios de melhor ator, atriz, ator coadjuvante, atriz coadjuvante, diretor, figurino, cenário, sonoplastia, maquiagem, iluminação, maior público, melhor peça e destaques que o júri considerar.

Esses dois eventos, Verso Vivo e FETESB, fizeram muito sucesso nesses anos, e assim, se tornaram parte da programação cultural da cidade de Santa Bárbara D'Oeste.

e... aqui em Santa Bárbara, o pessoal abraçou muito né, abraçou demais, entendeu o espírito do... do projeto né! e... a... tanto que acabou hoje, é um evento... a... do município, é o evento da Secretaria da Cultura, num pode mais sair da... da... da lista de... de eventos né... (Entrevista com Farid, p. 201).

O professor Farid termina seus comentários ao considerar esses eventos muito importantes para a educação e o ensino, também no que se refere às relações entre alunos, professores e escolas.

o projeto eu já acho assim... encantador, quando uma escola se envolve mesmo, quando a direção da escola, a coordenação e os professores se envolvem plenamente. Porque se passa a acreditar mais... na educação né, e também no trabalho, porque apesar de todas as dificuldades, as pessoas continuarem com muita dificuldade né, com carências materiais né, com salários baixos e com tudo isso,

enfrentando né, problemas de indisciplina de alunos, que isso... foi uma coisa que aconteceu a e... continua acontecendo cada vez né, cada vez mais! O professor perdeu espaço da... de... de... de autoridade, digamos né! e... quando isso acontece, a gente vê, a... um evento desse, só alunos e professores, e aquela felicidade, e tudo em torno de poesia né! você tem que... acha que... que é uma coisa... que é uma vitória! (Entrevista com Farid, p. 207).

O Verso Vivo e o FETESB começaram a fazer parte também das atividades da escola, com o intuito de auxiliar no desenvolvimento do processo pedagógico, bem como, de ajudar na melhora do ambiente escolar. E dessa maneira, a escola inicia, veementemente, seu envolvimento com esses eventos, especificamente, em virtude da opção em valorizar a arte na escola.

Capítulo III - O TRABALHO COM ARTE NA ESCOLA.

O CURRÍCULO E A ARTE

Ao analisarmos as matrizes curriculares de nossas escolas, é possível verificarmos que existe uma ênfase nas ciências exatas, humanas e biológicas. É perceptível que os conceitos e aprendizagens objetivas, exatas e lógicas, se destacam mais do que as diferentes formas de manifestações artísticas com seus conceitos e aprendizagens subjetivas e sensíveis. Isso está explicitado, por exemplo, na desigual distribuição da carga horária entre as disciplinas destas áreas.

A escola, muitas vezes, em sua proposta pedagógica, não valoriza o ensino e a prática da Arte, em virtude de fatores tais como, a dificuldade de obtenção de materiais diversos necessários, ausência de espaço físico adequado, profissionais capacitados para seu desenvolvimento, e porque também não dizer, de possíveis espaços alternativos para seu desenvolvimento.

Vianna e Strazzacappa (2009) nos colocam que “na composição da grade curricular, sempre foi difícil pensar a inclusão da arte. Isso por um motivo muito simples: a instituição não pensou a arte como área de conhecimento no processo de formação do indivíduo”. (p.117)

Podemos observar essa questão, verificando a matriz curricular do Estado de São Paulo a partir do ano de 2008. Nesta matriz, de um total de 27 aulas semanais no Ensino Fundamental – Ciclo II (de 5^a/6^a a 8^a/9^a séries), somente 02 são dedicadas à disciplina de Arte.

ENSINO FUNDAMENTAL – CICLO II

LEI FEDERAL 9394/96 - RESOLUÇÃO CNE 02/98 - RESOLUÇÃO SE 98/2008				
BASE NACIONAL COMUM				
COMPONENTES CURRICULARES	CICLO II – 2010.			
	6A/5S	7A/6S	8A/7S	9A/8S
Língua Portuguesa	05	05	05	05
História	03	03	03	03
Geografia	03	03	03	03
Ciências Físicas e Biológicas	03	03	03	03
Matemática	05	05	05	05
Educação Física	02	02	02	02
Arte	02	02	02	02
TOTAL DE AULAS (BNC)	23	23	23	23
PARTE DIVERSIFICADA				
Inglês	02	02	02	02
Produção e Leitura de Texto	02	02	02	02
TOTAL DE AULAS (PD)	04	04	04	04
TOTAL GERAL DE AULAS (BNC + PD)	27	27	27	27
Ensino Religioso	-	-	-	01
CARGA HORÁRIA DO CURSO	900	900	900	933

No Ensino Médio diurno, nos primeiros e segundos anos, de um total de 30 aulas semanais, somente 02 aulas são de Arte, e no terceiro ano, não é oferecida essa disciplina. Finalmente, no Ensino Médio noturno, nos primeiros e segundos anos, de um total de 27 aulas semanais, somente 02 são de arte, e no terceiro ano, também não é oferecido esse componente curricular.

ENSINO MÉDIO DIURNO

Lei Federal 9394/96 – Resolução CNE 03/98 – Resolução SE 98/2008				
Tratamento Metodológico: Interdisciplinar e Contextualizado				
BASE NACIONAL COMUM				
Áreas do Conhecimento	Disciplinas	Ano/Série		
		2010	2010	2010
		1ª	2ª	3ª
Linguagens, Códigos e suas tecnologias	L. Portuguesa Literatura	05	05	05
	Arte	02	02	-
	Ed.Física	02	02	-
Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias	Física	02	02	02
	Química	02	02	02
	Biologia	02	02	02
	Matemática	05	05	05
Ciências Humanas e suas tecnologias	História	03	02	02
	Geografia	02	03	02
	Filosofia	02	02	01
	Sociologia	01	01	01
TOTAL DE AULAS (BNC)		28	28	22
PARTE DIVERSIFICADA				
Inglês		02	02	02
Disc. Apoio Curricular L. Portuguesa e Literatura		-	-	02
Disc. Apoio Curricular Matemática		-	-	02
Disc. Apoio Curricular História ou Geografia		-	-	02
TOTAL DE AULAS (PD)		02	02	08
TOTAL GERAL DE AULAS (BNC + PD)		30	30	30
CARGA HORÁRIA DO CURSO		1000	1000	1000

ENSINO MÉDIO NOTURNO

Lei Federal 9394/96 – Resolução CNE 03/98 – Resolução SE 98/2008				
Tratamento Metodológico: Interdisciplinar e Contextualizado				
BASE NACIONAL COMUM				
Áreas do Conhecimento	Disciplinas	Ano/Série		
		2010	2010	2010
		1ª	2ª	3ª
Linguagens, Códigos e suas tecnologias	L. Portuguesa lit.	04	04	04
	Arte	02	02	-
	Ed. Física	02	02	02
Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias	Física	02	02	02
	Química	02	02	02
	Biologia	02	02	02
	Matemática	04	04	04
Ciências Humanas e suas tecnologias	História	02	03	01
	Geografia	02	02	01
	Filosofia	02	01	01
	Sociologia	01	01	01
TOTAL DE AULAS (B.N.C.)		25	25	20
PARTE DIVERSIFICADA				
Inglês		02	02	01
Disc. Apoio Curricular L. Portuguesa e Literatura		-	-	02
Disc. Apoio Curricular Matemática		-	-	02
Disc. Apoio Curricular História		-	-	02
TOTAL DE AULAS (P.D.)		02	02	07
TOTAL GERAL DE AULAS (B.N.C. + P.D.)		27	27	27
CARGA HORÁRIA DO CURSO		810	810	810

Como se verifica nas matrizes curriculares, a Arte está inserida de maneira pouco significativa, sendo a ênfase na linguagem e nas disciplinas das chamadas ciências exatas.

Uma hipótese para compreensão dessa situação, talvez esteja no potencial formador da Arte. Segundo Duarte Jr (2009)

a arte é, por conseguinte, uma maneira de despertar o indivíduo para que este dê maior atenção ao seu próprio processo de sentir. O intelectualismo de nossa civilização – reforçado no ambiente escolar – torna relevante apenas aquilo que é concebido racionalmente, logicamente. Devem-se aprender aqueles conceitos já “prontos”, “objetivos”, que a escola veicula a todos, indistintamente, sem levar em conta as

características existenciais de cada um. Neste processo, os educandos não têm oportunidade de elaborar sua “visão de mundo”, com base em suas próprias percepções e sentimentos. Através da arte pode-se, então, despertar a atenção de cada um para a sua maneira particular de sentir, sobre a qual se elaboram todos os outros processos racionais. (p.66)

A Arte, segundo o autor, possui papel relevante na formação, e porque não dizer, na transformação do processo ensino-aprendizagem dos alunos. O acesso ao conhecimento na área artística e suas manifestações, pode ser de formas variadas. Na entrevista com a professora de Arte da escola, ela enfatiza a importância da arte na vida das pessoas, quando diz

... porque a gente já tem... prova assim... nossa, mais do que suficientes de que a arte, mexe com a pessoa, que a arte transforma, que a arte... tanto é que cada vez mais a gente vê, é na TV, vendo em tantos lugares, é reportagens... a prova de que a arte mudou a pessoa, que a arte modificou, que a arte melhorou a vida da pessoa. (Entrevista com Márcia, p. 178).

A obtenção por parte dos indivíduos, de maior acesso à arte e suas atividades, faz com que possíveis mudanças sejam realizadas no que diz respeito à formação dos mesmos, no seu próprio desenvolvimento humano, intelectual e de sua sensibilidade. Duarte Jr (2009) destaca que a percepção de cada espectador, em relação a uma obra artística, se dá em acordo com os sentimentos e interpretação individuais. Para Almeida (2009)

as atividades artísticas também auxiliam o desenvolvimento de habilidades que expandem a capacidade de dizer mais e melhor sobre si mesmo e sobre o mundo. Sabemos que é no próprio processo de sua produção que as idéias são formadas e clarificadas. Por extensão, podemos dizer que o processo de expressar conhecimentos, valores e afetos por meio de imagens visuais, sons, gestos, movimentos e palavras ajuda os alunos a compreenderem melhor os conhecimentos, valores e sentimentos que tentam expressar, conferindo sentidos plenos à atividade que realizam. Concretizados em forma de canções, danças, dramatizações, desenhos e esculturas, as ideias e os sentimentos que motivaram essas produções dialeticamente geram outros sentimentos e pensamentos, desenvolvendo a percepção de si mesmo e do outro e a consciência sobre o que ocorre em volta, o que poderá contribuir para o desenvolvimento de sua afetividade. (p.25)

A arte, independentemente das formas de suas manifestações, colabora diretamente com o desenvolvimento e conhecimento humano e obtenção de uma formação mais integral, mais complexa, mais sensível e única.

Na escola investigada, o professor coordenador também aponta para a potencialidade da arte no trabalho que foi realizado. Segundo ele, a arte possibilitou também a ida dos alunos em outros lugares, para terem conhecimento de outros espaços além do que tinham acesso naquele momento.

... e você chega num São Francisco né, e dizê pra aquela molecada "olha o mundo é mais do que o São Francisco" era uma idéia né, e mesmo que o mundo chegasse um pouquinho além "olha também é o teatro municipal" né, "olha também é uma viagem, a gente vai lá pra São Paulo, a gente vai no MASP, a gente vai no Museu do Ipiranga, a gente vai não sei aonde pararan, pararan... então... e lá a gente assim porque no museu é assado pararan...". Então era ampliar esse universo né, e fazer as pessoas saírem daquele micro e ir pro macro, e entender que o mundo tem muito mais formatos e com isso também resolver, outros problemas né, porque cê tem e... discriminação, cê tem preconceito, cê tem desigualdade muitas vezes por falta de conhecimento. (Entrevista com Carlos, p. 74).

O desenvolvimento e crescimento da arte como forma de manifestação humana, mostra sua importância e o modo como esta pode interferir na própria história, seja no âmbito individual, ou também no âmbito coletivo. Vianna e Strazzacappa (2009) afirmam que

a arte existe desde que homens e mulheres expressam seu imaginário. A arte pertence ao ser humano, é uma de suas maneiras de se desenvolver, criar e recriar mundos. O exercício da imaginação proporciona um olhar diferenciado e distanciado da realidade, capaz de vasculhá-la, investigá-la, e criar diferentes possibilidades de compreendê-la. Ao imaginarmos diferentes possibilidades de sermos, estarmos, agirmos, etc., poderemos nos dedicar, no plano concreto, à busca de outras maneiras, talvez melhores, de viver e, dessa forma, colocarmo-nos em movimento à procura de melhores alternativas de realização do que pretendemos. (p.117)

A opção pelo ensino da arte, de maneira significativa, com um trabalho diferenciado, fez com que a escola enfatizasse esse componente curricular, devido sua importância na proposta pedagógica.

OPÇÃO DA ESCOLA PELA ARTE

Verificando que a arte tem capacidade de interferir na formação das pessoas, e também da possibilidade de proporcionar melhorias no processo de ensino e aprendizagem, a escola optou por ter uma proposta pedagógica que enfatizasse diversas atividades artísticas.

Strazzacappa, Nassif Schroeder e Schroeder (2005) apontam que a arte e suas especificidades são conhecimentos vinculados com outras produções humanas, e insubstituíveis por qualquer outra área do conhecimento. Segundo esses autores, só a plena compreensão das atividades artísticas pode auxiliar na elaboração de propostas pedagógicas relevantes (p.82).

Dentre as atividades propostas pela escola, algumas foram visitas a museus, sejam eles de cunho artístico ou histórico, exposições artísticas de pintores consagrados, participação em projetos com objetivo de conscientização política e social, tanto no bairro como na cidade, o cuidado com a escola e suas mudanças estruturais, visitas à empresas da região, saídas para cinema e teatro, que inclusive, muitos alunos nunca tinham ido, e não conheciam a dinâmica de uma peça de teatro, por não terem tido oportunidade anteriormente de participar de eventos como esse, se não fosse pela possibilidade que a escola oferecesse.

Desgranges (2003) aborda a questão, especificamente, do espectador criar gosto pelo teatro e da experiência que pode oferecer ao indivíduo

a pedagogia do espectador está calcada fundamentalmente em procedimentos adotados para criar o gosto pelo debate estético, para estimular no espectador o desejo de lançar um olhar particular à peça teatral, de empreender uma pesquisa pessoal na interpretação que se faz da obra, despertando seu interesse para uma batalha que se trava nos campos da linguagem. Assim se contribui para formar espectadores que estejam aptos a decifrar os signos propostos, a elaborar um percurso próprio no ato de leitura da encenação, pondo em jogo, sua subjetividade, seu ponto de vista, partindo de suas experiências, sua posição, do lugar que ocupa na sociedade. A experiência teatral é única e cada espectador descobrirá sua forma de abordar a obra e de estar disponível para o evento. (p.30).

Para tanto, o corpo docente foi desafiado juntamente com os gestores a construir essa proposta pedagógica diferenciada para a unidade escolar, com características próprias, dando ênfase às áreas humanas e artísticas, com o principal intuito de colaborar com um processo de humanização dos alunos, por verificar entre tantos problemas, um quadro de violência entre os alunos e no contexto escolar.

Para enfrentar tal desafio, iniciou-se um trabalho de formação com os professores em reuniões de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), leitura de textos como, o livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire, assistir e debater documentários e filmes sobre educação e palestras a respeito da importância de uma proposta pedagógica bem definida e articulada aos interesses educativos da escola.

Carlos comenta sobre o assunto

então nós acabamos mexendo em, em estruturas de processos educativos muito, muito difíceis, historicamente difíceis e... trouxemos autores diversos pra estudar, estuda isso em HTPC, não foi assim no escuro também, entendeu, diante do que nós pensávamos, do que nós é... tínhamos como referência nós fizemos o que nós pudemos né, pra pode trazer informação pra esses professores né, e... a *Pedagogia da Autonomia* foi um livro fundamental pra esse... pra esse processo todo, porque o Paulo Freire ele... ele sensibiliza essa visão né, e... (Entrevista com Carlos, p. 77).

Além disso, investiu-se no estudos sobre avaliação e currículo, com a intenção de nortear ações para que o planejamento não ficasse somente no campo teórico, mas que fosse trabalhado e assimilado pelo corpo docente e pelo grupo de gestores. Segundo Veiga (2001)

para que a construção do projeto político-pedagógico seja possível não é necessário convencer os professores, a equipe escolar e os funcionários a trabalhar mais, ou mobilizá-los de forma espontânea, mas propiciar situações que lhes permitam aprender a pensar e a realizar o fazer pedagógico de forma coerente. (p.15).

Na implementação da proposta pedagógica da escola, é importante relatar o trabalho dos professores em oferecer aulas com ênfases diferenciadas, com o intuito de conseguir melhorar o aproveitamento no processo de ensino dos alunos.

a proposta é a identidade da escola né, é aquilo que faz com que a escola decida que caminho ela vai tomar pra ensinar os seus alunos né, e aí que apareciam, por exemplo, iniciativas como "olha..., primeiro mês de aula a equipe de Língua Portuguesa vai trabalhar só com poesia", então nós, não tínhamos essa coisa de ficar enquadrado né, "não, nós vamos ter que trabalhar porque a proposta curricular diz que tem que trabalhar" né, e... na Geografia, sai da geografia física, então é geografia humana, a História sai daquele contexto de linha certinha pra contar uma história mais dinâmica né, o contexto né, e... e aí vai nas diferentes disciplinas né, até em exatas a gente conseguiu fazer muita coisa né? (Entrevista com Carlos, p. 70).

Muitas vezes, o ensino e desenvolvimento da arte nas escolas, são vistos com certa resistência, com medo do novo, e assim, de maneira equivocada por parte de alguns profissionais, seja pela dificuldade e necessidade das mudanças na proposta pedagógica já existente, sejam pelas mudanças no processo ensino-aprendizagem, ou mesmo, pelas dificuldades físicas e materiais que as escolas possuem.

Para ajudar no combate dessas dificuldades, além das atividades teóricas para a formação dos professores, no replanejamento de 2004, foram realizadas visitas ao CRE - Centro de Referência em Educação e ao MASP – Museu de Arte de São Paulo.

Isso se deu por acreditarmos que para o aluno ser sensibilizado pela arte, o professor também deveria ser, além de ser capacitado para tal ensino. O professor também deveria conhecer e ter acesso à outros espaços que possibilitassem um outro olhar, tanto pela própria educação, como pela arte, e sobre isso Desgranges (2003) afirma

sendo a escola um espaço privilegiado para projetos de formação de espectadores, não se pode tratar a iniciação de alunos sem abordar a iniciação dos professores. Ao apontar o direito dos alunos à criação e expressão, é preciso pensar também no direito dos professores, direito de acesso ao teatro, à possibilidade de ver e de praticar e à capacidade para ler os espetáculos. (p.68).

Foi de fundamental importância, naquele momento, que além das questões pedagógicas específicas da escola, os professores tivessem contato com lugares diferenciados e atividades que muitos deles desconheciam, como a oficina com pintura e materiais diversos realizada no MASP, que era voltada para sensibilização. As fotos a seguir nos mostram essas visitas.



Visita dos professores durante replanejamento de 2004.
Exposição no CRE – Centro de Referência em Educação, em São Paulo.
Foto tirada por mim.



Visita dos professores durante replanejamento de 2004.
Oficina realizada no MASP – Museu de Arte de São Paulo.
Foto tirada por mim.

Além das questões internas da escola, enfrenta-se fatores externos como, as especificidades e metas das políticas públicas educacionais, que muitas vezes dificultam o desenvolvimento da arte e torna difícil que a escola consiga atuar livremente, de acordo com suas próprias metas no trabalho com os alunos, sem ter que seguir conteúdos e conceitos pré-estabelecidos pelos sistemas educacionais.

Nesse contexto, para que a escola não perdesse o foco de suas atividades, sua maneira específica de trabalhar, bem como sua proposta pedagógica, os professores que não conheciam a escola e vinham nela lecionar, assumiam o compromisso de proporcionar um trabalho compatível com a proposta pedagógica da escola.

Isso é relatado pelo professor coordenador quando diz

todo fevereiro era comum a gente ficar maior tempo conversando com os professores que chegavam né, "olha a escola é assim, a escola é assado... a gente não vai dar aula de português como você imagina tal, tal, tal..., a gente não vai... dar aula de arte tal, tal... ah! você vai dar aula de história, então você vai lá busca uma imagem, um texto que vai complementa aquela imagem, você faz uma dinâmica e... cerca o aluno de uma forma não sistematizada" né, é essa concepção, quando a gente fala de formar o aluno pela linguagem artística né... por esse meio né, e... é oferece pra ele e... um ensino menos sistemático, não que o ensino sistematizado sabe, não funciona, a idéia... nós nunca botamos isso em xeque. A idéia era sensibilizar o aluno, era fazer com que ele comprasse a idéia de aprender de uma outra forma, portanto sentisse mais prazer de tá na escola, se vinculasse mais aos colegas, aos professores e ao próprio ambiente escolar e portanto, riscasse menos, pichasse menos, depredasse menos né..., brigasse menos,... fosse mais polido né, e... todos essas coisinhas que, que é o que tava implícito no trabalho né. (Entrevista com Carlos, p.74).

Nesse sentido, pode-se afirmar que as atividades em um trabalho com arte, permite ao aluno se enxergar sujeito no seu processo de desenvolvimento, ao mesmo tempo em que contribui para o fortalecimento de sua auto-estima. Alguns alunos como Sadraque, Mayna, Giovane e Driale, reafirmam essa idéia em suas entrevistas

não, é, sim... é... eu num estudei aqui mu... muito... muito antes de... da nova direção né, que cê tinha entrado! mais pelo que eu ouvia fala, nossa! é... era... precariedade total né! eu acho que esse... a esse papel da escola é isso né, é envolve os alunos em

tudo, não só... sala de aula, o ensino tradicional né! em trabalha a questão, teatro, é... música... a horta comunitária. Eu acho que isso envolve os alunos e... abre novos caminhos né, é... da importância do aluno né. O aluno... participasse, ajuda a escola, melhorar o bairro né os la... os pais em... na escola né, e nisso... a gente fazia isso né, a gente... corria atrás com o figurino, corria atrás com cenário, sem deixá de lado o estudo né! muito, muito legal! (Entrevista com Sadraque, p. 284).

e... eu... antes assim de entra eu num... tinha muita vontade de estuda mesmo! na verdade eu num... num queria nada com nada né! mais aí depois se começa né, a se interessar, se começa... aí entra aí se vê o... se vê a escola de outro jeito né, se vê a escola de ou... com outros olhos! e... a ca... qui... essa aproximação de... e... coordenadores, diretores, professores com os alunos, é muito bom! Eu acho que o teatro e... eu acho que... sempre deveria... é... o pessoal deveria dá mais apoio, mais... a... a... o... focá mais os olhos pras escolas em relação a isso! (Entrevista com Mayna, p. 300).

ah... um olhar diferente né, tipo assim, que envolve né, a educação dos alunos né, tipo assim, o aluno tinha mais estrutura, via no teatro assisti uma peça, é... não faze barulho, respeita quem tá no palco né, é... é a coisa do respeito né, eu acho que o teatro vê isso também a respeita né, quem tá... quem você tá assistindo né! isso envolve muito né, porque o teatro traz pra sala de aula né, você tem respeito pra quem tá lá no palco, tem... tem pra quem tá na sua frente ali ensinando né! (Entrevista com Giovane, p. 322).

a gente aprende a viver em comunidade né, a gente aprende a respeitar o outro, de certa forma isso se torna mais adulto sim, quando você faz teatro, porque você assume responsabilidade é... sozinha, pelo seus atos, você escolheu fazer aquilo, então você arca com as conseqüências né, você aprende a respeita o indivíduo né, você cresce. (Entrevista com Driale, p.244).

Algumas atividades, que anteriormente julgava-se impossíveis, começaram a acontecer com os alunos, sendo que não ocorriam por falta de oportunidades e estímulos, sejam em virtude deles mesmos não acreditarem na possibilidade de produção e envolvimento de outras maneiras de expressão. Almeida (2009) completa dizendo que

as artes fornecem um dos mais potentes sistemas simbólicos das culturas e auxiliam os alunos a criar formas únicas de pensamento. Em contato com as artes e ao realizarem atividades artísticas, os alunos aprendem muito mais do que pretendemos, extrapolam o que poderiam aprender no campo específico das artes. E, como o ser humano é um ser cultural, essa é a razão primeira para a presença das artes na educação escolar. (p.32)

No sentido do aluno mudar sua própria postura, e também diante do outro, a professora coloca

... e a gente percebe que esses trabalhos, eles é... criavam um elo de ligação tão forte entre... não só entre o professor e o aluno, mais entre o aluno e o aluno! né! porque a partir dali, eles começaram a se sociabilizar! então quando eu... eu entrei aqui na escola, eu percebia que... eles eram muito individualistas! né, cada um defendia o seu, então se tivesse que saí um... uma confusão! né?

Um exemplo, é... cada um defendia a su... a sua própria... o seu próprio espaço! e... e através desses projetos não! (Entrevista com Margarida, p.191).

Ao mesmo tempo em que a participação dos estudantes nesses eventos contribuíram para melhoria do espaço físico e das relações na escola, como relatado anteriormente, os índices de retenção e evasão apresentaram queda ao longo desse período, o que contribui para a hipótese de que, possivelmente, tenha uma relação entre o trabalho desenvolvido na escola durante esses anos e a melhoria do desempenho escolar do corpo discente.

O trabalho dos professores contribuiu efetivamente para que os quadros de promoção, retenção e evasão fossem melhorados, ao comparar com os anos anteriores a essa proposta pedagógica, e temos assim, a importância dessa continuidade e dessa postura por parte do corpo docente.

ÍNDICES DA ESCOLA NOS ANOS 2002 A 2007			
ANO	APROVAÇÃO	RETENÇÃO	EVASÃO
2002	82%	10%	8%
2003	81%	10%	9%
2004	82%	8%	10%
2005	87%	7%	6%
2006	90%	5%	5%
2007	83%	10%	7%

Sobre o olhar do trabalho dos professores em suas aulas, temos o comentário do professor coordenador quando diz

e... eu tenho, tenho uma visão de que os professores é... acreditaram que era possível tornar a prática diferente, entendeu... é fizeram, fizeram sim, não dá pra nega que não, muitos deles inclusive não só fizeram como fazem até hoje né,... mesmo diante de uma proposta que enquadra né, mais e... era visível quantidade de trabalhos diferenciados

né, e em todas as disciplinas né, seja na língua portuguesa é... na matemática né, onde a idéia da sensibilidade entrou pela idéia dos jogos né, e... que era jogo tudo... tudo de quanto é jeito né, era jogo deitado, jogo em pé, jogo de ponta cabeça né. Então dentre a quantidade de aulas que tinha por semana, pelo menos uma era reservada pra esse espaço lúdico, digo pra esse momento de que... que era de relaxar, que na verdade não era de relaxá né... por de trás daquela estratégias de jogos haviam... aulas né. (Entrevista com Carlos, p. 78).

E complementa

aulas que sensibilizavam o aluno pra um universo que ele não tinha percebido que "nossa, mais isso aqui não é matemática, e né... ah tá! então é poesia, olha que legal, poesia, então é texto né, então na poesia há um significado, há um sentido". (Entrevista com Carlos, p. 79).

Além das aulas dadas pelos professores, o investimento nos projetos Verso Vivo e FETESB, especificamente, colaboram com o sucesso dessa proposta pedagógica de maneira grandiosa.

O TRABALHO DA ESCOLA COM ARTE

As participações dos projetos Verso Vivo, que em alguns anos também foi denominado Jovens Trovadores, e do FETESB, vêm ao encontro dos objetivos da escola no investimento na área artística, e foram desenvolvidas principalmente entre os anos de 2003 a 2007.

Esses eventos logo impactaram, tanto professores como alunos, em virtude de serem atividades que anteriormente não eram realizadas, e também pela qualidade do trabalho que estudantes e professores conseguiram desenvolver.

Sobre o início dessas atividades, a professora Gláucia lembra:

... e eu falo pra muitos ainda Simeire, que é muito importante eu acho, é que... nem um outro momento vai tê oportunidade como essa né! né, de conhece, é... sei lá... poetas, poesias variadas, interpretações, as vezes é o único momento de... assim, de arte, de cultura que ele tem na vida dele, a não ser a televisão né! as vezes é o único momento de... eu, eu percebo as vezes que eu continuo no bairro, ninguém vai mais ao teatro, num sabe assim! ia num teatro, com quem, com a escola. (Entrevista com Gláucia, p. 149).

Sabemos que o teatro desperta conhecimentos que tradicionalmente não seriam oferecidos, como mudança de valores em razão de ter novos compromissos, novas relações pessoais, novo olhar para suas próprias questões, e porque não dizer, de outro olhar para o outro também.

Sobre a aprendizagem do teatro Desgranges (2003)

ir ao teatro ou gostar de teatro, também se aprende. E ninguém gosta de algo sem conhecê-lo. De que maneira se pode considerar relevante, e até mesmo imprescindível, aquilo que não conhecemos em todas as suas possibilidades? O apreço está diretamente ligado ao grau de intimidade e, apenas entrando em contato com o teatro, seus meandros, técnicas e história, o espectador pode reconhecer nele importante espaço de debate das nossas questões e, principalmente, perceber o quão prazerosa e gratificante pode ser essa relação. (p.33).

A aluna Driale, ao entrar em contato com o teatro, conta que mudanças em sua vida e em seus relacionamentos começaram a acontecer, de tal maneira, que até hoje leva consigo a importância desses conhecimentos.

... aí entra... aí começa, pinta uma parede, faz você usar uniforme, aí inventam esse negócio de teatro na escola, que pra mim era a maior baboseira até então, porque eu nunca tinha ido num teatro, achava que num... num sei, eu num... achava que era a maior baboseira!

Aí eu começo a participar, aí eu começo a me sentir útil né, então pra mim efetuou o que, mudou a minha vida de certa forma, porque eu faço teatro até hoje, o teatro é importante pra mim até hoje. A maior parte do que eu sou é por causa do teatro, por causa das pessoas que fizeram teatro comigo, e muitas é... delas que ... influenciaram na minha vida, até hoje influenciam. (Entrevista com Driale, p. 243).

No que se refere especificamente ao teatro, Vianna e Strazzacappa (2009) afirmam que

considerando que o teatro, em uma sociedade como a nossa, é encarada como algo pouco sério, por ter a fama de não assegurar o futuro de um indivíduo, a escola poderia contribuir desfazendo esse ponto de vista, mostrando outros, fazendo com que o aluno perceba que o estudo do teatro, independentemente de ser uma escolha profissional futura, pode ser *o aprendizado da vivência em grupo, da criação coletiva, da partilha de diversos pontos de vista.* (p.122)

A professora Silvia, como participante de ensaios e oficinas juntamente com os alunos, observa como eles começaram a se importar com a formação de um grupo.

pra eles, essa, essa convivência de formar um grupo, de tá preocupado com outro, mais assim e... “se o outro não for bem, a peça inteira não vai bem”, entende. Não é... não só eu, não é eu que tenho que fazer um bom trabalho, eu tenho que fazer um bom trabalho mais o outro tem que fazer, aquele outro também, o cara que tá no som também, quem tá... todo mundo tem, senão o conjunto não sai. (Entrevista com Silvia, p. 97).

Percebe-se que os alunos começaram, pela atividade artística, a se sentirem mais valorizados, a valorizar seu próprio trabalho e o da escola, conforme é explicitado

então a gente... a gente consegue perceber... né, a riqueza, da construção daquilo que eles fizeram, não só da... da matéria né, não só do... do cenário, da fantasia, mais deles, na construção da... do personagem né, deles se sentirem mais úteis, mais importantes! Então eles mudaram o olhar, diante da escola, eles passaram a valorizar a escola, a valorizar as pessoas, a valorizar a equipe de trabalho né, eles passaram a ter um outro olhar! (Entrevista com Margarida, p. 195).

Para a elaboração das peças, além do apoio dos professores, coordenadores e direção, houve também a ajuda de ex-alunos, entre eles, o hoje professor Kelvis, que é morador do bairro, e possui um grupo de teatro amador na cidade.

O seu interesse em ajudar na realização de um trabalho teatral na escola, se deu em virtude de seu desejo de retribuir à escola um pouco do que ela tinha lhe oferecido quando era aluno, entre os anos de 1988 a 1992. E assim ele diz

... eu acho que o... um pouco pra mim, é retornar um pouco pra sociedade, o que a sociedade me deu! né, por exemplo, eu estudei numa escola, estudei num bairro, se eu quero que meu bairro melhore, eu também tenho que ajudar que melhore! mesmo que seja de uma forma des... parece absurdo isso, “ah, eu me beneficiei com isso!”, eu me beneficiei, porque eu tive possibilidades de experimentar coisas! eu me beneficiei disso! mais eu acho que a... num é questão de ver quem se beneficiou mais! Acho que é questão de poder ajudar um pouco, e eu acho que isso me completava né, é até me completa ainda!
né, é... poder fazer esse tipo de trabalho né, sem precisar... não é uma coisa que eu era pago pra fazer, e sim uma coisa que eu gostava de fazer! né, que... que me completa como ser humano né, eu dou possibilidades pras pessoas!
pô é, super legal a molecada... “ah, eu venho por causa...” dos alunos principalmente! num é porque direção só, a direção quer! num é porque eu tenho amizade com as pessoas da direção, mais é porque os alunos querem! (Entrevista com Kelvis, p. 142).

Os alunos selecionados para confeccionar os cenários, a princípio, eram os que se destacavam nas aulas, principalmente nas de arte, e alunos voluntários também eram convidados a participar da montagem dos trabalhos.

Para atuação nas peças teatrais, passava-se em todas as salas de aula, convidando os alunos a participarem do processo de seleção, que era sempre realizado nos fins de semana, para atender aos alunos que estudavam em qualquer um dos três períodos da escola.

Dos alunos que demonstravam interesse, alguns eram selecionados para atuar e outros para ajudar na confecção do cenário ou em outras atividades do espetáculo. Muitos alunos acabavam desistindo do processo de montagem das peças, seja por motivos pessoais, seja pelas dificuldades naturais de encenar, dada a complexidade.

Nesse processo, o teatro da escola começou a ser reconhecido, dentro e fora do espaço escolar, de tal maneira que, quando o aluno se inscrevia para atuar em uma peça, sabia da importância desse projeto e de sua qualidade. A professora Silvia aborda essa questão das peças quando diz

oh... eu vejo assim, alguns, alguns, aqui é no... nossa... pessoal que frequenta nossa escola ele... tem gente que é... é... é bem, tem pai, mãe, num trabalha, o pai tem emprego ra... legal, compensação tem outros,tem que trabalha desde muito cedo, a família é mais, bem mais simples e eu vi em alguns, que é uma oportunidade mesmo de... de mudar, de conhecer outras coisas, de fazer coisas que normalmente não teria chance de fazer se não fosse na escola.

Algumas é... participar de um grupo como esse... que ele é... é diferente de... as pessoas ficam imaginando um teatrinho de escola, em que vai ter a flor, a árvore e o sol, entendeu... e vai ter a pedra, não você é a pedra... não, não é bem assim no teatro né.

Então, as pessoas se surpreendem quando elas vêem o... "ah!! isso é de uma escola... uma escola estadual", então vê a qualidade primeiro, outra é uma oportunidade de tá fazendo algo, por você que você... só você pode fazer, porque você decidiu, num dá pra a... outra pessoa fazer no seu lugar, ou é você ou não é. (Entrevista com Silvia, p. 103).

E também comenta sobre o compromisso dos alunos na participação dos eventos

... muito legal, tinha noção do que tava fazendo né... bem legal mesmo... e se envolve, um compromisso muito sério, que eles não ganham nada pra fazer isso, não ganha nota a mais, porque tão ali, as vezes até dependendo do professor eles perdem nota

por tá ali né. Mas eles num... isso não era um problema pra eles né, pra eles não era problema, pra eles o... eu acho que o prêmio maior deles era ir lá e vê o cenário sendo visto, premiado ... cenário, a... performance alguma coisa assim né, isso pra eles acho que era muito gran... é ! uma coisa muito valorizada ainda. (Entrevista com Silvia, p. 92).

Depois de um período, o interesse de participação dos alunos no Verso Vivo começou a aumentar muito, e assim, a escola iniciou um Verso Vivo interno, com os mesmos itens de avaliação que teriam no teatro, com o intuito de selecionar alunos que se destacavam e que talvez passariam despercebidos.

As classes tinham ajuda para o preparo das apresentações, e também estudo e produção de poesias, sendo orientadas pelos professores de Língua Portuguesa

que chegou uma hora que a idéia era democratizar mesmo, né, ou seja, então é... quem tá a fim de ir para o teatro, né. "ah ... então tem várias pessoas afim?"... então vamos ter que selecionar ... como selecionar. Então cada professor de português vai trabalhar numa sala, primeiro mês de aula, é uma forma de você já fazer um diagnóstico e também inserir um trabalho com poesia, né. Aí cada professor de português dentro da sua sala de aula, fazia um trabalho com poesia com os alunos, e aí a classe escolhia quem ia representar a turma na seletiva interna. Foi bem legal, saíram coisas interessantes aí. Sem precisar ser no dedo assim "vai você, vai você, né...", que é o princípio de democratizar né, a gente sempre trabalhou com essa idéia. (Entrevista com Carlos, p. 66).

Dessa maneira, os espaços de atuação, criação, confecção de cenários e o valor dado à arte, começaram a ser vistos em todos os cantos da escola, transformando o quadro de uma escola apática em suas atividades em uma escola em constante movimento.

Margarida comenta sobre o trabalho

... é o é... é assim a no... as pessoas que eu achava mais, bacana! Era vê assim, que tinha espaço pra todo mundo né! que quem... não estava inserido dentro da peça, tava inserido na torcida, ou tava inserido no cenário, não precisava ser necessariamente o mesmo aluno participando em tudo! Então eles conseguiam dividir e atingir... os que as vezes num... num gosta muito da... da fala, mais que gostam da dança, outros ou que são... fortes na arte! (Entrevista com Margarida, p. 188).

As participações da escola no FETESB se deram da seguinte maneira

PARTICIPAÇÃO NO FETESB NOS ANOS 2003 A 2007.		
	PEÇA E ANO	AUTOR
2003	O Círculo de Giz – 1944.	Bertolt Brecht
2004	Píramo e Tisbe – 1995.	Vladimir Capella
2005	Revolução na América do Sul – 1960.	Augusto Boal
2006	Vida é Sonho – 1635.	Pedro Calderon de La Barca
2007	Na Ponta dos Dedos – 2007.	Kelvis Germano e Silvia J. Silva

AS PARTICIPAÇÕES NO FETESB

O Círculo de Giz - Sinopse

Escrita em 1944 e encenada pela primeira vez em 1954, a peça é uma longa fábula, aparentemente constituída de diferentes enredos, que no entanto sutilmente se entrelaçam e que respondem, ou antes fazem pensar a respeito de questões como: “o dono da terra deve ser aquele que a trabalha, ou seu proprietário?”, “a mãe deve ser a biológica ou a que cuida e ama a criança, ainda que não sua filha natural?” É a busca por uma resposta a esta última pergunta que forma o cerne do enredo, afinal consistente e que dá título ao drama.

Uma mãe que abandona seu filho perde-o para uma mulher - Grusche - que corajosamente o “assume”, enfrentando toda sorte de adversidades, dando-lhe o necessário cuidado e amor. A mãe biológica, quando a realidade política lhe é novamente favorável, volta para reivindicar a posse da criança, e o caso é dado a um juiz - Azdak - que deve decidir acerca da posse da criança. Mais que Grusche talvez, é Azdak o grande personagem da peça, dos maiores em toda a obra brechtiana.

Para decidir como sentenciará, Azdak coloca a criança no centro de um círculo de giz e manda que as duas que a disputam a puxem para si. Grusche, que ama verdadeiramente a criança e tem medo de machucá-la, deixa que a mãe de sangue ganhe a disputa física. O autor, todavia, não apresenta o juiz como um homem sério, ao contrário: ele é divertido, por vezes, um verdadeiro “malandro”, um sujeito de poucos escrúpulos, apreciador do vinho e da farra, um depravado, que ainda assim ou por isso mesmo tem o sentido do que quer o povo. Sabe ou intui com perfeição a instrumentalidade dominante do direito burguês, decidindo sempre contra a lei e a favor do populacho. É um personagem emblemático, dos que ficaram e ficarão para a história dos maiores personagens dos grandes dramaturgos.

(Sinopse fornecida pelo diretor da peça Kelvis Rogério Germano).

A primeira peça realizada foi *O Círculo de Giz*, de Bertolt Brecht, com a direção de Kelvis Rogério Germano, em 2003. Ela foi apresentada no FETESB, e na própria escola, totalizando um público de aproximadamente 900 pessoas.

Foram envolvidas na realização do espetáculo 50 pessoas, com um elenco de 16 integrantes, no qual além de atuarem, alguns alunos também tocavam durante a peça. As temáticas abordadas pela peça foram II Guerra Mundial e a justiça social.

Esse texto foi importante para que se percebesse a potencialidade dos alunos para o teatro. O professor coordenador Carlos comenta a importância dessa peça e o desafio de montá-la

é assim ... o pessoal foi corajoso, porque pegar um texto do Brecht assim de imediato, né... também não tinha muito recurso, como a Simeire lembrou, mais ainda assim é um trabalho que já dava pistas de que tipo de linha a escola ia seguir, né. E mesmo com recurso limitado, pega-se um texto elaborado, né, de um autor de teatro que é!!!... é clássico do teatro, né, Brecht. (Entrevista com Carlos, p. 61).



Cena da peça *Círculo de Giz*.
FETESB de 2003.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.



Cena da peça *Círculo de Giz*.
FETESB de 2003.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.

Píramo e Tisbe – Sinopse

No espetáculo se encontra os mitos que deram origem aos arquétipos. São três histórias de amor, narradas por Vlademir Capella.

O primeiro desses mitos é o de Eco e Narciso. Eco é uma ninfa das montanhas, que fazia parte do séquito da deusa Hera, mulher de Zeus. Este se comprazia na presença das ninfas, para desviar a atenção da ciumenta Hera. Eco tagarelava incansavelmente com a deusa. Quando esta percebe o jogo da ninfa, priva-a do uso da palavra, condenando-a a repetir a última sílaba das palavras que lhe chegam aos ouvidos.

Eco estava enamorada de Narciso, que se cansa do silêncio da amante e da repetição das últimas palavras de tudo o que ele dizia, a ninfa refugia-se então no fundo dos bosques e das cavernas, onde deixa-se consumir pela dor, até que só lhe resta a voz.

Narciso, cujo pai e o adivinho Tirésios predissera que morreria quando visse sua imagem, fôra afastado de qualquer espelho que pudesse refletí-la. Nêmesis, a deusa da vingança, pune Narciso pelo abandono de Eco, e um dia sentado à beira de uma fonte, ele vê sua imagem refletida e...

O segundo grande mito, é o de Orfeu, rei da Trácia, que era filho do deus Apolo e da musa Calíope. Cantava e tocava lira com tanta maestria que chegava a encantar a própria natureza. Orfeu tinha por esposa a ninfa Eurídice. Um dia, fugindo de um antigo apaixonado, Eurídice é picada por uma víbora e morre. Orfeu retira-se então para bem longe dos homens, e passa os dias a cantar a sua dor.

Incorformado com a morte da amada, Orfeu decide descer aos Infernos para trazê-la novamente para o reino dos vivos. Com sua música, ele consegue...

Por último, o final da história é a cena do romance Píramo e Tisbe.

Píramo era um jovem assírio, de beleza encantadora apaixonado por Tisbe.

Tisbe por sua vez era linda jovem grega, mas o amor de ambos foi proibido pelos pais, que levantaram um muro em volta de ambas as casas impedindo os jovens de se verem, exceto por um buraco pequeno por onde se falavam. Assim passavam-se os dias, suplicantes para ambos. Até que um dia resolveram fugir, marcando um encontro no vale, onde encontrava-se o túmulo de Nino que era protegido por uma imensa amoreira. Aquele que chegasse primeiro esperaria o outro. Assim fizeram, e Tisbe chegou primeiro. Mas logo em seguida ouviu o uivo de uma leoa, que vinha em sua direção para beber água no rio. Havia acabado de comer uma presa e tinha sede. Tisbe se escondeu subindo numa árvore, mas ao correr deixou cair o manto que a agasalhava. A leoa saciou-se da sede e seu caminho, mas ao passar pelo manto quis brincar com ele, arranhando e mordendo, despedaçando e sujando-o de sangue

Tempos depois Píramo chegou ao local. Estava atrasado pois cães o seguiam e ele precisava despista-los. Chamava por Tisbe, observava os lados e acabou avistando o manto de Tisbe todo rasgado e sujo de sangue. Apavorado pegou e reconheceu-o e chorando começou a lamentar-se. Gritou, berrou, xingou os deuses e sacou de um punhal atingindo seu coração. Alguns metros dali Tisbe ouviu uma voz que parecia chamar-lhe e foi verificar quem era. Chegou ao local e viu o corpo de Píramo caído. Chorando pegou a lâmina de Píramo e enterrou também em seu coração. Píramo abriu os olhos, sorriu vagamente e suspirou pela última vez. Logo depois os pais de ambos chegaram e desesperados viram os corpos dos seus filhos caídos e abraçados um ao outro. O ódio deu lugar aos prantos e choros. Enterraram-nos ali próximo a amoreira, onde estavam, que antes era branca, sem vida e amarga, passou a ser vermelha e de uma doçura inigualável.

(Sinopse fornecida pelo diretor da peça Kelvis Rogério Germano).

A segunda peça realizada foi *Píramo e Tisbe*, de Vlademir Capella, com a direção de Kelvis Rogério Germano, em 2004. Ela foi apresentada no FETESB, e na própria escola, totalizando um público de aproximadamente 1200 pessoas.

A quantidade de pessoas envolvidas para a realização do espetáculo foi de 250, entre seleção, cenário, figurino, e parte da trilha sonora, que foi composta por um dos alunos, havia um elenco de 36 integrantes, que atuaram e alguns alunos também tocavam durante a apresentação. As temáticas abordadas na peça foram a mitologia grega o amor na juventude.

Luis comenta de sua participação na peça

... é o grande lance do *Pirame e Tisbe*, foi realmente a estética né, por ser uma tragédia grega e tal. A gente não tinha muito tempo pra, pra adquirir conhecimento de, de interpretação e tal... era mais uma coisa de marcação e... o Kelvis por não conhecer todo mundo, acabou explorando algumas coisas entre outros, como... falo... falando por mim já que a entrevista é comigo foi a questão da música né, ele viu isso e deixou a trilha toda, inclusive a... um... duas ou três composições minhas, tá nessa peça... ah! mais é realmente é uma coisa... (Entrevista com Luis, p. 210).

A peça *Piramo e Tisbe*, foi um marco para a escola, em virtude do grande investimento que houve para que ela fosse produzida. A intenção era de realmente fazer um espetáculo grandioso, para que alunos e comunidade fossem muito tocados pelo trabalho desenvolvido, e que os alunos tivessem a experiência de produzir, participar e ver uma peça de grande porte.

Giovane relata sobre o interesse dos alunos assistirem a peça

... ah, eu ouvi falá que a peça era muito boa! Os personagens eram ótimos... e todo mundo que ia assisti queria morrer.. A escola inteira, foi uma repercussão assim, no teatro... também é... na época eu num sei... a os alunos... eu falei muito do teatro assim, falava muito que tava bastante no começo... não via a hora de... de chega, eu vê o... apresentação que eu assisti! (Entrevista com Giovane, p. 306).

O gasto para a peça foi um montante que jamais a escola conseguia ter, ou seja, aproximadamente R\$ 4.000,00 e então, íamos atrás de patrocínio para cada item que era necessário. Os alunos fizeram os desenhos do figurino e dos adereços, e assim, mostravam o que precisavam, e com essa organização do trabalho, algumas empresas e o comércio da região ficaram sensibilizados com o projeto e acabaram doando, tanto em espécie, quanto em material,

ou em ajuda para a confecção das roupas para a realização da peça, sendo que foram necessários aproximadamente 600 metros de tecido para a confecção do figurino.

é... fora também gente que doou dinheiro, que doou material né, teve trabalhos inteiros que não se gastou um centavo. Isso é muito legal né! importante inclusive... *Píramo e Tisbe* foi um trabalho que não teve um centavo de custo... né, e... porque a família Covolan ficou tão assim, eu diria que, com os desenhinhos que a molecada fez dos figurinos tal, tal... que quando a... a dona Irene marcou o... "pode vir buscar que eu já separei as coisas pro..." chegou lá eram de rolo, não eram um paninho dobrado, ela pegou o fardo inteiro, aquele rolo desse tamanho, que tinha que carregar em dois "não... pode leva", rolo marrom, rolo preto, rolo branco, rolo amarelo, rolo azul, rolo vermelho né. Então ela doou assim né. na época nós fizemos uma estimativa aí, que só de tecido ela doou pelo menos uns mil reais né é né... teve coisa que se nós fossemos comprar seria impossível né. É, e as coisas foram acontecendo assim né. É claro que tudo isso não é assim, você tem que ir lá, tem que bate, tem gente que não atende você, você aperta o interfone a pessoa nem atende o portão, fala com você no interfone mesmo "ah... põe debaixo do portão aí né, o que você quer, depois eu te ligo" né, aí nunca liga... então, a gente tem que insisti muito pra pessoa ouvir né, e quem sentou pra ouvir, sempre ajudou né, sempre foi assim... (Entrevista com Carlos, p. 71).

Juntamente com patrocínios arrecadados, os ingressos na apresentação no FETESB era usada para cobrir os gastos com a peça. O professor coordenador Carlos comenta sobre isso

normalmente nós vendíamos todos os ingressos a cada Festival de Teatro, casa cheia sempre né, e sempre voltava com um troféu de maior público né, porque vendia os seiscentos e seis ingressos... no teatro né... e era legal, porque esse dinheiro também era o dinheiro que ajudava a pagar possíveis despesas pra montar o espetáculo, e quando tinha... a despesa e... não tinha conseguido patrocínio daí por diante né. (Entrevista com Carlos, p. 75).

O que mais chamou a atenção nessa peça, com certeza, foi a confecção do cenário, que tinha três painéis extensos, todos feitos com papel kraft e tinta látex, colunas e caixas de papelão, e toda a pintura, desenhos e confecção do cenário foram realizados pelos próprios alunos. A foto a seguir nos dá uma dimensão do cenário, figurino e quantidade de alunos participantes.



Cena da peça Píramo e Tisbe.
FETESB de 2004.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola

O interesse dos alunos pelo teatro na escola, muitas vezes começou com a confecção dos cenários. A partir dessa peça, a procura para ajudar no cenário ficou muito grande, e eles começaram a se sentir importantes pelo trabalho realizado e a compreender a relevância de um cenário de qualidade na valorização da peça. Driale comenta seu início no teatro pelo caminho da produção de cenário

me introduzi nesse meio artístico, porque eu, eu ajudava no cenário. Foi quando eu comecei aprende a fazer alguma coisa de útil no cenário... hum, que era o sombre... assombreado dessas pedras. O Carlos foi vê tudo sozinho, aí eu tava aqui sem fazer nada! eu pedi pra ele me ensiná, aí ele me ensinou, aí eu fazia de tudo também... foi onde eu comecei aprende a fazer alguma coisa... mais ainda eu não tava muito relacionada com esse negócio de teatro ainda. (Entrevista com Driale, p. 239).

E a professora Silvia fala sobre a ligação que o aluno mantém com a escola através do desejo de fazer o cenário

eu tinha um aluno um ano que dizia... "o ano que vem vai ser bom. Por quê? porque eu não sou se... eu vou... eu termino o terceiro esse ano, ano que vem eu só... eu venho só pra pinta o cenário". Então eles mantêm o vínculo, eles gostam disso de... de vir pra montar o cenário, pra fazer, pra ir lá, assisti, vê que o trabalho dele tá lá... (Entrevista com Silvia, p. 92).

Para que o cenário ficasse pronto no tempo previsto, os alunos ficavam na escola o maior tempo possível, e iam revisando por equipes e horários previstos

o próprio elenco ajudou a fazer o cenário. Então foi uma coisa é... bastante unida né, pessoal... se uniu bastante né, o pessoal... viu, e quem podia vim à noite, vinha à tarde, vinha e... vinha de manhã, e assim... no seu período, cada um fazia um pouco! pra saí... deu que saiu uma coisa legal né, eu achei que este... esse espetáculo ficou super bom! (Entrevista com Mayna, p. 293).

Sobre essa organização

aí pinta chão... tinha que bota um chefe né... Então o aluno tal vai ser o chefe de equipe, então ele que vai delegar o serviço né, "olha hoje tem que fazer isso, amanhã tem que fazê aquilo, oh... o cronograma tá lá" né, "tem que fazer isso, isso, isso, isso, isso...

Então..., nós de um modo geral, só gerenciávamos mesmo né. Eu costume dizer que eu fazia mais a parte de logística né..., que é a idéia de comprar as coisas e quase sempre, nem sempre a gente tinha recurso imediato, então tinha que comprar fiado pra depois pagar né. É..., sempre gastando dinheiro que não pode ser o do governo tem que ser o dinheiro da própria escola né. Então tem toda uma parte operacional aí que, que, que era bastante trabalhoso. (Entrevista com Carlos, p. 71).

Na foto a seguir, temos os alunos trabalhando no painel principal que foi realizado para a peça. Ele era colocado no fundo de todo o palco e media aproximadamente dezesseis metros de comprimento, por seis metros de largura, desenhado e pintado à mão pelos alunos, sendo necessário seis latas de 18 litros de tinta látex para todo o cenário.



Produção do cenário da peça *Píramo e Tisbe*, para o FETESB de 2004.
Realizada no pátio da escola.
Foto tirada por mim.

A grandeza deste cenário pode ser sentida na fala de Carlos

... é monstruoso esse painel, acho que foi o maior painel que nós fizemos, a gente nem sabia se isso ia parar em pé, quando erguesse lá no teatro.., mais deu certo. Olha só! (Entrevista com Carlos, p. 63).

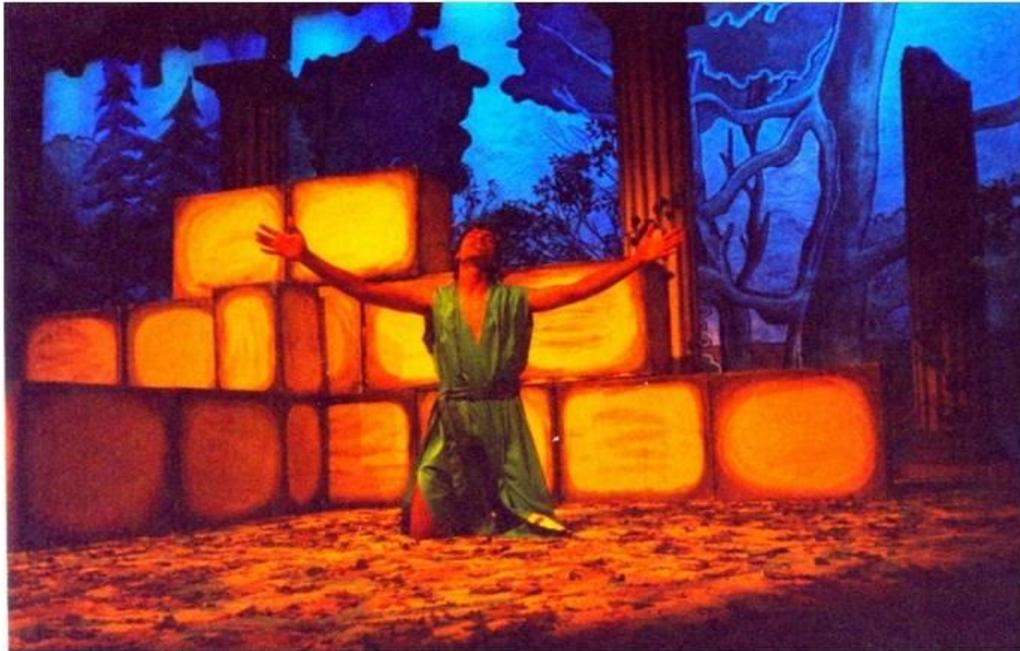
E a professora Margarida ressalta não só a questão da construção do painel, mas também, o fato dele proporcionar que os alunos estivessem unidos e concentrados em um só objetivo

então é... é pra mim, que marca muito, é a questão de cenário! né, de vê... vê-los assim no chão... sempre... se revezando né, porque os grupos se revezava, e fazia uma construção tão bonita! Assim, com a mão de todo mundo né, com... um único objetivo... então isso pra mim, é uma das coisas que marcou muito! é, é... todos os cantinhos né, quando eles estavam num cantinho lá em cima, quando eles tavam na quadra, quando eles estavam no meio do... (Entrevista com Margarida, p. 185).

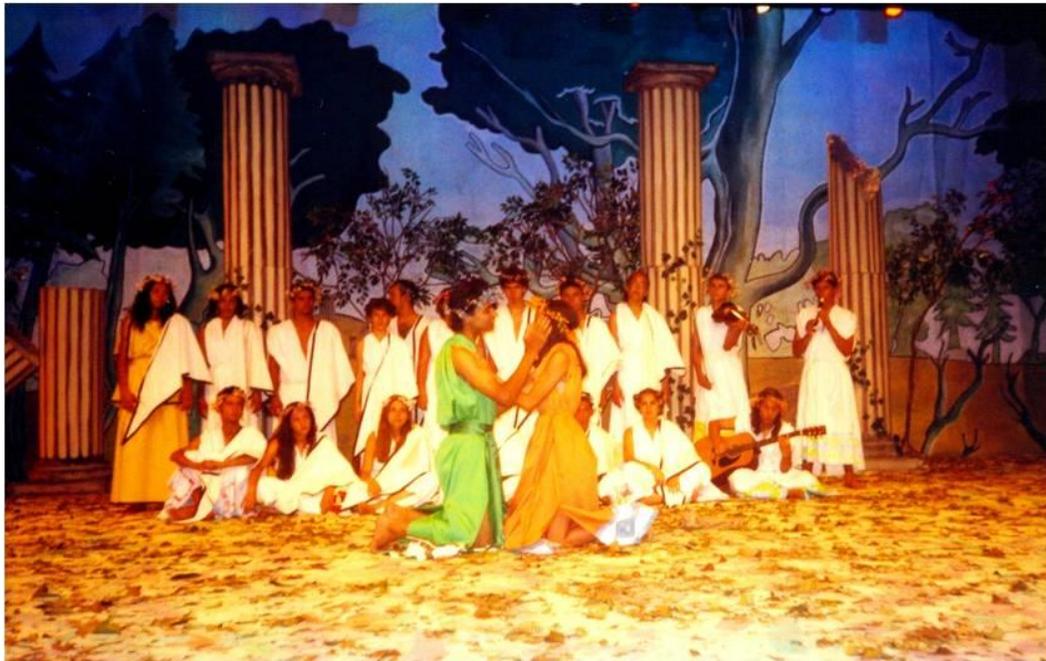
A seguir apresento mais fotos do espetáculo, para dar dimensão dos detalhes da peça, seu figurino e seu cenário.



Cena da peça Píramo e Tisbe.
FETESB de 2004.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.



Cena da peça Píramo e Tísbe.
FETESB de 2004.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.



Cena da peça Píramo e Tísbe.
FETESB de 2004.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.

A peça *Píramo e Tisbe* influenciou a escola como um todo, pois mostrou que era possível fazer um trabalho grandioso e de qualidade, o que parecia impossível realizar, principalmente, por ser uma escola pública que não tem muitos recursos disponíveis, e enfrenta suas dificuldades diárias como tantas outras.

E Luis diz sobre o grupo

e alguma coisa influenciou, eu acho que na vida de todo mundo que vivenciei, influenciou de alguma forma, algumas pessoas mais, outras menos, mais seria um... um pecado falar que num influenciou na vida de... de ninguém né, assim... que não participou do projeto. É uma coisa restrita, não tem... a gente já fez muito, a gente colocou mais de... de trinta e cinco pessoas num palco, fazendo uma mesma peça. Fora isso tinha a galera do, do cenário, que era muita gente... que... que vinha durante o dia, no horário de almoço, coisa loco... de loco mesmo, a gente gerava uma família né, que às vezes eu... e que na... no verso vivo, ainda foi a época que eu... que eu comecei trabalhar, mais eu só trabalhava meio período, assim uma coisa mais freelance assim. Então tinha algum tempo livre eu vinha aqui sempre tinha alguém... às vezes não tinha nada pra fazer, mais a galera tava aqui, tava junto, no... aqui né... ficava ali conversando, ah... se parecia alguma coisa pra fazer, já fazia... alguma idéia nova, já fazia... então era uma coisa assim de grupo né. (Entrevista com Luis, p. 233).

Revolução na América do Sul – Sinopse

A "Revolução" é na verdade a fantástica história de Zé da Silva. Você perguntou, quem? Zé da Silva... esse mesmo que encontramos todos os dias nos noticiários, nas ruas, no meio da multidão. Um "Zé coitado", que aceita ser coitado, que de tão coitado faz ele mesmo ter pena de si próprio. Está confuso de entender? Então imagine todas as classes sociais, todos os grupos étnicos, profissionais e governamentais, interferindo diretamente na luta de nosso anti-herói em conseguir uma refeição mais digna. Revolução na América do Sul, texto escrito por Augusto Boal, que apesar dos 45 anos que carrega nas costas, está mais atual, crítico e sarcástico do que nunca. Por quê? Políticos desonestos, milionários inescrupulosos, fome, serviço público desorganizado e precário, corrupção e manipulação jornalística, miséria, banalização do sexo, burguesia alienada e disputa pelo poder, foram os temas abordados por Boal para desenrolar sua estória em 1960 e que constantemente podem ser encontrados nas manchetes de hoje... qualquer semelhança desta história com a vida real "não" é mera coincidência. (Sinopse fornecida pelo diretor da peça Kelvis Rogério Germano).

A terceira peça realizada foi *Revolução na América do Sul*, de Augusto Boal, com a direção de Kelvis Rogério Germano, em 2005. Foi a peça mais apresentada em outros municípios, sendo que primeiramente no FETESB e na própria escola. Posteriormente, houve apresentações no Festival Estudantil de Teatro, em Piracicaba-SP, no espaço "Fábrica das Artes", em Americana-SP, apresentação exclusiva aos pais, na Faculdade São Marcos, em Paulínia-SP, no Festival de Teatro SESI, em Sorocaba-SP, e esse trabalho teve um destaque especial na escola por ser selecionada para o 18º Festival de Teatro do Estado de São Paulo em Tatuí-SP, que é considerado um dos mais importantes festivais do país, e assim, a escola representou a cidade nesse evento.

Em virtude da quantidade de apresentações, um público de aproximadamente 3500 pessoas assistiram ao espetáculo nesse período. A quantidade de pessoas envolvidas para sua realização foi de 70 pessoas, possuindo um elenco de 18 integrantes, sendo que toda a trilha sonora foi composta por um dos alunos, e as temáticas abordadas pela peça foram políticas públicas e fome.

O que mais destacou para os alunos na montagem dessa peça, foi que eles mesmos fizeram suas roupas, reciclando tecidos e figurinos que a escola tinha das peças anteriores. Seu

cenário era muito simples, e consistia em caixas de madeira de tamanhos diversos, onde eram guardado adereços usados na peça

e... nossa é *Revolução* eu acho que foi a coisa mais legal, porque foi a... a... o Kelvis simplesmente chego pra, pra todo mundo que tava com, com vontade, que passou por uma seleção básica assim, mais ele... deixo a gente fazer e produzi no que a gente... a gente fez o próprio figurino... só a trilha, a trilha que ele deixou pra mim fazer mesmo né, mais o restante... cenário mesmo era uma coisa muito clean né, era umas caixas simplesmente, onde a gente colocava tudo e... não teve muita frescura não! e mais vale a pena... vale a pena citá, foi é um projeto legal também. (Entrevista com Luis, p. 214).

A diminuição de cenário e figurino grandiosos, para cenário e figurino menores, foi de maneira proposital pela escola, pois acreditávamos que agora era necessário que os alunos percebessem que um espetáculo também poderia ter qualidade, com materiais alternativos e poucos recursos. Sobre essa customização Driale comenta

na verdade o *Revolução* foi um, um... não é que foi um baque, mais foi do... da água pro vinho né, porque do *Píramo e Tisbe* que a gente tinha roupa nova, que o cenário era gigante, que a produção era imensa... pro *Revolução* que não tinha cenário e as roupas eram todas customizadas, o que tinha foi feito. Então a gente aprendeu muito aí também né, aprendeu a ser econômico até, tipo é bem... (Entrevista com Driale, p. 240).

Carlos comenta sobre a confecção dos figurinos

que na verdade a idéia era reciclar peças do acervo, né. Então não foi feito um figurino especialmente pra essa peça, a idéia era ir lá "ah, tem isso, tem isso, aí se a gente aplica... não sei o que, e junta não sei o que", isso vai se transformar num novo figurino, claro que foi feito algumas peças novas, que tem a cara, né. (Entrevista com Carlos, p.63).

A seguir foto do espetáculo apresentado em Piracicaba, onde podemos observar a simplicidade do figurino, e principalmente do cenário.



Cena da peça *Revolução na América do Sul*.
Apresentação no Teatro da UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba.
Foto tirada por professor da escola.

Os alunos vinham na escola nos fins de semana, para os ensaios, oficinas de teatro, e para confeccionar suas próprias roupas. Sadraque coloca essa questão

... a gente vinha sábado à tarde, domingo! quando tava pra estrear né! time... o pessoal falava "não!", esse cenário... do cenários grandes né, "não, não é o pessoal que faz, vocês contrata arquiteto!" né! (Entrevista com Sadraque, p. 278).

E Mayna diz

do *Revolução!* é... a gente vinha de sábado à tarde! foi durante, eu acho que seis meses, todo sábado! as vezes tinha um que a gente num vinha né, por alguma... ou as vezes o Kelvis tinha algum compromisso ou algumas pessoas num vinham, mais... né... num falava não! (Entrevista com Mayna, p. 301).



Produção do figurino da peça *Revolução na América do Sul*, para o FETESB de 2005.
Realizada no pátio da escola.
Foto tirada por mim.

O fato do figurino ser realizado pelos alunos, não foi o ideal enquanto qualidade teatral, mas naquele momento, era importante que eles se sentissem participantes da montagem

... então esse tipo de coisa, por exemplo, pra mim num passa, né, no meu aval, faz um figurino como esse! só que a liberdade que ficou deles de construí o figurino deles... né, que eles escolheram, que eles escolheram o material. Tem que tê algumas coisas desse tipo nu... no início de um trabalho.

né, é... que nem no *Revolução*, eles... a gente, cê tava no processo, então eles tinham liberdade de faze algumas coisas, de escolhe algumas coisas... mesmo que as pessoas o produto no final! Então, a gente abre mão, dentro de um trabalho pedagógico, de... da estética, em função do a... da... do crescimento deles... né, porque se você for pro lado profissional, você cancela isso! eu num... num colocaria! né, porque é mal feito, é mal recortado, num tem unidade né, mais pra eles é legal! é o máximo né! nós fizemos a catanção, nós colamos né! (Entrevista com Kelvis, p. 134)

O fato dos alunos fazerem suas próprias roupas, fez com que o envolvimento com o espetáculo fosse maior ainda, e vimos o resultado desse trabalho.



Cena da peça *Revolução* na América do Sul.
FETESB de 2005.
Apresentação no Espaço Fábrica das Artes, em Americana – SP.
Foto tirada por professor da escola.

Para a montagem dessa peça, em virtude de ser um trabalho com um grupo de alunos que se conhecia a mais tempo, com eles tendo mais atividades delegadas, como por exemplo o figurino da peça, por eles ficarem em maior tempo juntos, tiveram que aprender a lidar muito com as dificuldades que apareciam, o que contribuiu também para o sucesso da peça. Driale comenta

... o pessoal do *Revolução* era um pessoal... um pouquinho diferente das turmas que vieram depois, e um... não sei tê dize se era um pessoal... porque era mais velho ou se era... mais era todo mundo, tão diferente do outro, que todo mundo tinha, personalidade tão forte, que a gente não parava de briga, mais era... nossa, era muito gostoso, tê tanta gente diferente, você... você aprende a lida com as pessoas né. Porque não é só do jeito que você quer, é do jeito que você... tem que trabalha em grupo.... o teatro é comunidade também né. (Entrevista com Driale, p. 242).

Como Driale diz, as dificuldades de relacionamento entre eles, fizeram, com que houvesse crescimento e amadurecimento em suas posturas, aprenderam a ver a importância de conviver em grupo. O aluno Luis fala também sobre isso

... é Tatuí, na *Revolução! Revolução* e... foi a... acho que a peça, assim que... a mais mal-feita... mal-feita do ponto de vista assim... e... pra quem entende um pouco de teatro. Porém, pra vivência foi um... uma experiência que o Kelvis propôs... que ele... a direção dele foi livre, ele falou assim "gente! quê que... como que vocês vêem isso aqui, como vocês acham que tá!", então ele abriu dialogo! Então um achava que tinha que entra por cima, o outro achava que eu tinha que entra rodando e tal, e a gente tinha que entra em um consenso. A direção do Kelvis foi muito livre, tanto que o figurinho, cada um fez do jeito que... ele apenas... e... cortou as asas de alguns absurdos né... lógico! foi que era o papel dele. Mais foi o grande lance, ele falo aquele... ele sentia... e... necessidade de vê um trabalho desse acontecendo! e foi o que, foi feito né! trabalhou... Pra mim *Revolução* foi muito importante... de convivência, conviver... as ve... a gente tinha cada quebra-pau... de fica muito... com muita raiva um do outro assim, de um num... de um num bate mesmo, e de você antes de começa a peça, cê tê que abraça a pessoa e tê que... deseja boa sorte, vamo lá, vamo faze acontece! E foi muito assim de convive, às vezes assim até... e... simplesmente cansava de briga, no ônibus mesmo. A gente via que... num ia dá certo, a gente qualquer hora, a gente ia tê que apresenta de novo, e num compensava fica de cara virada. E é mais ou menos o que a gente vive hoje né, tem coisa que... tem que engoli sapo... muita coisa... tem coisa que você... tem que, coloca o seu pensamento ali, abri mão al... algumas vezes, outras cê tem que se impor... é o que é, com a sociedade, foi um...foi um... quase que uma oficina toda a peça, tal... (Entrevista com Luis, p. 236).

Devido a peça *Revolução na América do Sul* ter abordagem política, muitas questões relativas a essa temática foram discutidas com os alunos, e por tratar desse assunto, foi uma peça de muita aceitação pelo público

esse... essa... essa peça aí, mostrava bem o... o... como que fala, a vida do operário né? na... né, na década de... digamos aí, é... oitenta, noventa né? O pessoal era... era muito né, muito pobre né, e se trabalhava-se muito e ganhava-se pouco né? E... a gente num, é... nu... eu lembro... eu me recordo quando a gente começou a ensaia, a gente num tinha muito o que faze, a gente lia, e relia, passava o texto, começamo a passa o texto pra depois começa a encena... e eu me recordo que o Kelvis teve que trabalha muito em cima dos personagens que era bem pobre mesmo, que... se pa... se dava pra se perceber que ele tava assim, passando necessidade mesmo, e que... tinha né, que... que faze o papel anda... que nem é o... personagem do Luis Fernando né, o do... que é o caso do patrão, o caso né, do... do se do sim... eu num me recordo não... dos políticos. É um pouco mais fácil né, por se sim... sim... se vive aqui né, se vê no... no presente! Agora... essa situação assim, é... do... um pouco mais antigo assim, é meio complicado, mais, por isso que eu foi... foi desafiador, mais foi... o... eu acho que a recompensa veio... veio bastante, veio bastante gratificante! (Entrevista com Mayna, p. 297).

A Vida é Sonho - Sinopse

Na Polônia, em uma época antiga e indeterminada, o príncipe Segismundo vive trancafiado em uma torre desde que nasceu. Tudo isso porque seu pai, o velho rei Basílio, acreditava ler as estrelas e previu que seu filho seria um homem destinado a crimes e desgraças.

A essas alturas da história, o rei percebe que talvez tenha cometido um erro com tal atitude e resolve tirar o filho da prisão e testá-lo para ver se ele merece ser seu herdeiro. Tem medo, porém, de que o desventurado príncipe demonstre má índole e incapacidade de governar - caso isso venha acontecer, terá que retorná-lo à prisão, e esta atitude lhe seria mais dolorosa do que jamais fora, depois de ter vivido na suntuosidade e conforto do palácio real. Para que seu filho não sofra essa desilusão, Basílio resolvera usar um estratagema: o carcereiro deverá oferecer a Segismundo uma droga muito forte que o fará dormir profundamente e, depois, só acordará como príncipe em um luxuoso quarto no palácio de seu pai. Será para Segismundo vida ou sonho?
(Sinopse fornecida pelo diretor da peça Kelvis Rogério Germano).

A quarta peça realizada foi *A Vida é Sonho*, de Pedro Calderon de La Barca, com a direção de Kelvis Rogério Germano, em 2006. A peça foi apresentada no FETESB e na própria escola, e além disso na UNISAL (Universidade Salesiana de São Paulo), em Americana, e esse trabalho também foi selecionada para o 19º Festival de Teatro do Estado de São Paulo, em Tatuí-SP, e assim, a escola representou a cidade nesse evento por duas vezes consecutivas.

Aproximadamente 3000 pessoas assistiram ao espetáculo. A montagem da peça envolveu 200 pessoas, desde a seleção do elenco até a apresentação, e possuía um elenco de 15 integrantes, sendo que a trilha sonora também foi composta exclusivamente para a peça, e as temáticas abordadas pela peça foram o barroco espanhol, a dualidade, escolhas e consequências.

Sobre o texto da peça, sua qualidade e a maneira como foi escolhido, a professora Silvia, que pela primeira vez acompanhou de perto todo esse processo, participando das oficinas e dos ensaios, coloca

... é bem diferente do da *Vida é Sonho* que é bem mais realidade, são os problemas sociais né. O que é interessante é que a escola ela, ela participa com diferentes tipos, ela não fica presa a um, a um gene... a um tipo de texto, que nem *Píramo e Tisbe* ele é um mitolo... mitologia... (Entrevista com Silvia, p. 87)

E complementa

a... o ... *A Vida é Sonho* foi, foi escolhido depois de leitura de vários e vários textos. Então não foi... não se chegou e falou "ah... vamos fazer essa peça" não... lemos vários, encenamos pedacinhos de cada uma, pra vê como é que isso tudo, ficaria no palco. O que seria possível fazer no palco, porque ninguém é ator profissional... então não

adiantava pega um texto extremamente complicado muito, muito técnico, que são alunos, são estudantes né, num tem... não temos nem o tempo nem a... nem a possibili... nem o tempo, nem a capacidade assim, ainda vivência deles é... pra isso, prum texto desse jeito. (Entrevista com Silvia, p. 88).

O figurino teve algumas peças emprestadas do grupo de teatro que o diretor Kelvis possui, e sobre a escolha do texto e do figurino, o professor coordenador Carlos coloca

... é Caldeirão de La Barca, né. É um texto antigo, difícil até, né... mais que tem uma mensagem implícita muito bonita. Que figurino lindo, não... esse figurino deve tá em parte na escola, não tá totalmente não, mais deve tá lá... tá dentro do armário. (Entrevista com Carlos, p. 60).

Para a montagem da peça muitas oficinas teatrais foram realizadas, além dos ensaios da trilha sonora, o que colaborou para a união do grupo, que inclusive, foi o grande diferencial dessa montagem. Isso se deu pela mudança de grande parte dos alunos, por se formarem, e assim, outros que estavam chegando das séries anteriores começaram a se interessar também pelo processo de seleção e participação das peças.

A aluna Flávia fala de sua inscrição para a participação da peça

a gente... é, se inscreveu lá, teve a seleção, aí... eu... sei lá fui passa na seleção! Porque, primeiro que eu sempre fui tímida, muito tímida! Nem sei que deu na telha de se inscreve pro teatro! Aí... entrei tudo, passei na seleção, foi bem legal assim, primeiro eu achei assim, "nossa esse povo é meio doido né! O quê que eu tô fazendo aqui!". Kelvis mandava a gente anda prum lado e pro outro sem... sei leva uma... mandava faze umas coisas meio sem noção! a gente ficava assim, "hã? quê que é isso né!". (Entrevista com Flávia, p. 249).

Com as inscrições e seleção, novos alunos se destacaram, e porque não dizer, surpreenderam pelas suas atuações, e também pela união do grupo, dentro e fora da escola.

Giovane fala sobre isso

no teatro foi o grupo mais unido, porque era demais, demais, a amizade, sabe, nos bastidores lá... lá fora, então todo mundo tava encenando no palco ou tava lá atrás abraçando, beijando, torcendo pra quem ia entrar em seguida! tava! o grupo mudou né! saiu várias pessoas do elenco né, porque terminou o ano também, de faze teatro... e... então mudou, o grupo mudou, as pessoas, mudou muito o ambiente. Aí se tem que começar tudo de novo né! e foi muito bom também, porque dois mil e seis ele foi o grupo mais unido que eu trabalhei! (Entrevista com Giovane, p. 311).

E comenta sobre a surpresa que teve em ser escolhido como protagonista

eu fiquei muito assustado né, quando eu recebi o convite, porque pensa assim "ah, eu né aquele personagem assim, foi bom mais só que eu num fazia teatro então ahh, " ainda bem que o Kelvis deu uma segunda chance pra mim né! Eu pensei que ele ia dá um personagem mais... mais ou menos né, coadjuvante, né... ele vem é dá o... o protagonista! (Entrevista com Giovane, p. 311).

O professor coordenador Carlos comenta sobre Bruno, que atuou pela primeira vez

Bruno é... o Bruno era um menino que ele... ou seja, ele fez a escola inteira... e ele só observando, né. Chegou no terceiro ano ele falou "não, mais não e possível, eu quero participar disso", entendeu, e aí ele foi fazer o teste, né. E acabou pegando o papel principal, e acabou arrasando, né... porque ele levou a peça nas costas assim, né. (Entrevista com Carlos, p. 67).

A seguir temos fotos da peça, e entre elas, o aluno Bruno atuando



Cena da peça A Vida é Sonho.

FETESB de 2006.

Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.

Foto tirada por professor da escola.



Cena da peça A Vida é Sonho.
FETESB de 2006.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.



Cena da peça A Vida é Sonho.
FETESB de 2006.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.

Na Ponta dos Dedos – Sinopse

Através de histórias fragmentadas e colhidas do cotidiano, “Na Ponta dos Dedos”, aborda a situação de exclusão, exploração e falta de respeito à criança dentro da sociedade brasileira.

Os irmãos Jesus e Lúcia, vítimas da miséria e do descaso, trabalham como catadores de papel, tem responsabilidades de adultos e desejos de criança, como o de poder mascar um chiclete e imaginar poder sentir os diferentes sabores.

A gravidez de Malú, a faz encontrar Kill, um adolescente sozinho que nem no dia do seu aniversário tem quem lhe deseje dias melhores. Juntos eles admiram a lua e vêem a possibilidade de uma família.

Pixote “um aviãozinho” nas mãos do tráfico de drogas, não consegue concretizar o gesto de lembrança e homenagem ao amigo morto e nem tantos que se foram nos inúmeros massacres, como o da Candelária, ou mesmo no bairro das crianças e adolescentes que encenam essa história.

Nanda, uma menina tímida que usa um óculos, não é aceita pelos alunos na escola e é constantemente humilhada. Para escutar suas queixas e dar conselhos tem a Vó Bisa, uma senhora que está perdendo a visão e traz em uma caixinha as lembranças de momentos felizes de sua vida.

Na Ponta dos Dedos está cada história de vida, como a do menino João Hélio, a das crianças que são vendidas para prostituição, das que são jogadas no lixo e das que tem uma família e carinho. Em algum momento será que os dedos apontarão uma outra direção?

(Sinopse fornecida pelo diretor da peça Kelvis Rogério Germano).

A quinta peça realizada foi *Na Ponta dos Dedos*, de Kelvis Rogério Germano, e Silvia Aparecida José e Silva, em 2007, sendo que eles eram respectivamente, o diretor da peça e uma das professoras de Língua Portuguesa da escola. A peça foi apresentada no FETESB, na própria escola, e além disso na UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas - SP.

Em suas apresentações, teve um público total de aproximadamente 3000 pessoas assistindo ao espetáculo. A quantidade de pessoas envolvidas para sua montagem foi de 25 pessoas, possuía um elenco de 18 integrantes, e as temáticas abordadas pela peça foram exclusão, problemas sociais, e exploração de crianças.

O grande diferencial da peça foi a maneira pela qual ela foi idealizada, sendo um espetáculo alternativo, com figurinos constituídos por roupas do dia a dia, trazidas pelos próprios alunos, não havia cenário, e sim, tecidos de alto a baixo em suas laterais, onde eram projetadas imagens simultâneas às cenas da peça, e tinha toda a iluminação no chão, e em toda a volta do espaço de apresentação, sendo isso também um diferenciador de peças de formatos tradicionais.

A aluna Flávia comenta sobre isso

... aí o Kelvis fez uma proposta, totalmente diferente... do que a gente tinha feito em *A Vida é Sonho* né! Primeiro espetáculo alternativo! A hora que ele veio com essas idéias, todo mundo né! que já tava! Quem entrou, pra eles né... tanto faz, quanto tanto fez assim, eles não entendem muito, ainda! E pra quem já tava... tal pensamos, "nossa! O Kelvis é louco! o quê que ele quer, não sei se vou fazer parte disso não!" né! foi a primeira coisa que veio, "será que eu faço parte?". Porque, "roupas de casa? teatro com roupa de casa, sem maquiagem?". uma... uma das coisas mais divertidas, é a maquiagem né... (Entrevista com Flávia, p. 251).

E Kelvis, um dos autores e diretor da peça, explica

é que o... a grande sacada do espetáculo, é porque, não é tão próximo nosso, é próximo deles! é muito próximo deles, eles num tem como fica... é... o próximo eu quero dize, das pessoas que eu... da molecada que vinha assisti!
Por isso que eles vinham toda semana assisti a molecada! é próximo deles!
mesmo que não falem deles, é criança como eles. Então assim eles, "eu quero vê!", é estranho pra mim! né, eles se incomodam com aquilo, e até os que dão risadas né, é muito engraçado que tem uma cena que têm às vezes eles dão risada porque eles num sabe reagi diante daquilo. Então ele reage com riso, invés do choro! né, pro cê assusta!
E é bem legal a sacada que cê tá... né, a gente foi além do que a gente esperava! mais a sacada da aceitação, é porque próximo deles né! (Entrevista com Kelvis, p.133).

O processo de escrita do texto foi iniciado com pesquisas que os próprios alunos fizeram, e assim, os autores foram direcionando a peça conforme necessidades apontadas e o olhar do aluno. Para a professora Sílvia,

pra ir seleciona, porque, como a gente começou o trabalho, que começou no ano anterior a gente pediu uma... que eles trouxessem coisas que falassem de criança. Que houvesse pesquisas, coisas nos jornais, notícias de jornais que falasse sobre a... as crianças né, aí eles trouxeram, muitos trouxeram e a partir disso e a partir de... a partir dessas informações, juntando com leituras que nós fizemos, de várias coisas durante né, por vários momentos a gente conseguiu ir cri... dando cara pra essa peça. (Entrevista com Silvia, p. 90).

Diante dessas pesquisas, fatos do próprio bairro, como por exemplo, uma chacina que havia ocorrido há anos, começaram a aparecer, e isso contribuiu com o conhecimento dos alunos e dos próprios autores

porque a gente fez toda uma pesquisa né, por trás! então a gente buscou em jornal, em revista... tinha coisas que a gente nunca imagin... assim, eu pelo menos num imaginava que... a gente, até tenta até vê na televisão, mais... que tipo que aconteceu perto da gente sabe! Quando, passa o que aconteceu aqui, com os meninos nam... eu nem sabia disso! fui sabe depois, que a gente fez! e... foi legal porque a gente se comove também com... que nem a história do João Ênio, a gente se comove tudo, mais a gente num tem voz ativa né, na sociedade pra fala assim dessas coisas... então foi uma... tipo uma resposta também, acho da gente. (Entrevista com Flávia, p. 251).

Outra questão importante, é que o espetáculo contou com a participação de alunos do Ensino Fundamental e Ensino Médio juntos, com alunos da sexta série atuando pela primeira vez, como na foto abaixo. Esse contato com um texto de teatro e o trabalho em grupo com crianças, são fatores que necessitam cuidados e atenção.

decorar um texto e fazer um... um... e incorporar mesmo um personagem né, não é fácil. Eu não faria isso, é muito difícil né... eu fico pensando aqueles pequenininhos quando eu olhava no... na vida... na... *na Ponta dos Dedos*, eu falei "gente! eles tão... tão próximos das pessoas, se eles errarem dá muito evidente e eles são tão jovens" né, porque ali tinha gente de sexta série... sexta, sétima série e eles são tão pequenininhos e eles vão lá e fazem e adoram né, mais é um... é... é... é se expor demais né. Ainda mais pela idade deles que... tenta meio que ficar todo mundo junto numa manada só né. Eu acho isso legal, muito interessante de fazer... e eu acho que com os alunos que eles tem assim uma dificuldade maior com a sala de aula, era interessante tentá atraí-lo pra isso né. Pra vê se eles se descobrem, em outra coisa, e falá "isso aqui não é pra mim" né. (Entrevista com Silvia, p. 93).



Cena da peça *Na Ponta dos Dedos*.
FETESB de 2007.
Apresentação na UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas.
Foto tirada por mim.

As apresentações que foram realizadas fora da escola, eram motivação para os alunos, por terem a possibilidade de novas vivências, novos conhecimentos e novas amizades. Além do que, eram muito bem recebidos, e isso fez com que a auto estima deles fosse melhorada.

A apresentação na UNICAMP foi muito marcante para o elenco, pois além de apresentarem a peça para um público de estudantes que não conheciam, puderam visitar e conhecer uma universidade pública, o que para eles foi muito importante. São eventos assim, que colaboram com o crescimento e a auto estima desses alunos. Silvia comenta sobre o assunto

... ah foi bem legal... o espetáculo... esse *Na Ponta dos Dedos* e... mexe muito com quem assiste, com quem participou, por conta da temática muito próxima deles né. O que conduz tudo é uma... é uma vida numa escola é uma sala de aula, é a relação com os alun... com os colegas, com a professora né. Isso fica muito forte no... no texto ele, ele e que costura tudo praticamente né, e o que é legal no... nesse da *Na Ponta dos*

Dedos é que nem tudo a gente tem uma solução, então a gente não dá a solução pra algumas coisas, porque a gente não tem condição, pra isso né... isso que é legal. E a... o envolvimento dos alunos, o compromisso, o compromisso em fazer e não falta, estar presente o tempo todo é... essa responsabilidade é legal, muito legal né. E vira uma festa, o que eles gostam muito também é dessa viagem, de apresenta em outros lugares, de outras pessoas verem o trabalho deles, isso é, isso é legal também né, eles sentem sabe muito motivados e muito valorizados com esse trabalho né. (Entrevista com Silvia, p. 88).

A seguir, foto da apresentação na UNICAMP



Cena da peça *Na Ponta dos Dedos*.
FETESB de 2007.
Apresentação na UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas.
Foto tirada por mim.

Na Ponta dos Dedos foi uma peça que grande parte da comunidade assistiu, devido seu formato alternativo, pois foram realizadas muitas apresentações na própria escola para o público.

Segundo alunos e professores, *Na Ponta dos Dedos*, foi a peça que mais sensibilizou os espectadores, pela sua montagem e proximidade dos assuntos tratados com eles mesmos e com a comunidade.

A aluna Driale, que participou de outras peças e já tinha se formado, comenta

que... nossa... esse espetáculo, eu acho que... pra mim é... apesar da... da eu ter participado de outros espetáculos, foi o ponto alto da... do teatro aqui no Irene, eu acho. Depois dele ainda não teve nada que... eu posso fala que foi "nossa, foi outro trabalho de". esse daí ele... mostro a criança como ela é... ela... e o pessoal, era um pessoal muito novo, pra tá falando do tema que eles falaram, entendeu... de prostituição na adolescência, droga, de morte, de... mais eles fizeram muito bem e... na realidade, eles foram se transformando durante o processo né. Que é isso que o teatro trás, a transformação, a união né, o amadurecimento também. (Entrevista com Driale, p. 241).

Além disso, o grupo tinha uma identidade muito peculiar, pelas diferenças principalmente no que se refere à idade. A aluna Flávia diz

tudo *Na Ponta dos Dedos* foi bom assim, desde, de conhece gente nova, a... desde o comecinho até o último momento, tanto que... ninguém queria se desfaze de *Na Ponta dos Dedos* né! se chamasse qualquer hora, todo mundo pra faze de novo... toda, toda vez que todo mundo vai quere faze né, ninguém quer se despedi! foi bom nesse sentido! E as amizades continuam né, acho que mais do que o conhecimento, as coisas que a gente leva assim... é o valor sentimental que teve pra gente né, que eu acho que é o... que mais a gente vai leva. (Entrevista com Flávia, p. 252).

A seguir, fotos do elenco e da apresentação da peça.



Elenco da peça Na Ponta dos Dedos.
Apresentação realizada na escola.
Foto tirada pelo professor coordenador Carlos.



Cena da peça Na Ponta dos Dedos.
Apresentação na UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas.
Foto tirada por mim.

As participações do Verso Vivo se deram da seguinte maneira

PARTICIPAÇÃO NO VERSO VIVO E JOVENS TROVADORES		
NOS ANOS 2002 A 2007.		
	POESIA – AUTOR CONSAGRADO	AUTOR
2002	Os Lusíadas	Luís de Camões
2003	A Flor e a Náusea	Carlos Drummond de Andrade
2004	O Poeta e a Poesia	Cora Coralina
2005	O Medo	Carlos Drummond de Andrade
2006	O Mundo do Menino Impossível	Jorge Mateus de Lima
2007	O Relógio, a Casa e o Pato	Vinícius de Moraes
	POESIA – AUTOR BARBARENSE	AUTOR
2002	Guerra do Soldado da Paz	Maria Rita Pereira da Cunha
2003	Silêncio	Jefferson Dantas Nielsen
2004	O Poeta e as Nuvens	Gabriel Rubens Pimentel
2005	Construção	Sadraque Caetano da Silva
2006	Solução Romântica	Gabriel Rubens Pimentel
2007	Leite Seco	Gilmar Lopes Marinho

AS PARTICIPAÇÕES NO VERSO VIVO

As participações nos eventos do Verso Vivo começaram, com grande investimento, em 2003. Naquele momento, foi fundamental essa participação para os alunos, pois era o primeiro trabalho artístico que seria apresentado fora da escola, e também havia grande expectativa sobre seu resultado, tanto por parte dos alunos, como pelos professores:

dois mil e três pra mim foi assim... a... um momento que se cria novas expectativas, ou até mesmo que se faz expectativas, que até então não tinha. é... outras possibilidades, alunos se descobrindo, é... o gosto pela arte né, uma, uma outra forma de, de ler o mundo, de estudar, de vê as coisas, pra mim foi isso! (Entrevista com Gláucia, p. 145).

Em todos esses anos, a realização do Verso Vivo, que faz parte da programação da Secretaria de Cultura da cidade, se deu entre os meses de abril e maio. Tendo esta possibilidade

de calendário, passamos a planejar o trabalho da escola com a previsão de participação neste evento desde o início das aulas.

VERSO VIVO 2003

O Verso Vivo de 2003, contou com a direção de João Bonatti, ex-aluno da diretora da escola Simeire, que colaborou espontaneamente com o desenvolvimento do projeto.

Para isso, primeiramente eram selecionados os alunos, a partir da seleção, iniciava-se um trabalho de pesquisa, tanto por parte dos professores como por parte dos alunos, de uma poesia que melhor se adaptasse para uma apresentação cênica. Após esta escolha, tinha início a construção do cenário e do figurino.

Essas atividades contribuíram para que muitos alunos mudassem sua visão da escola, conhecessem o teatro, e como consequência, melhorassem suas relações pessoais e sua auto estima.

Driale comenta sua primeira participação, produzindo cenário em 2003 e sua continuidade nesse trabalho, em 2004.

foi mais assim, eu não tinha noção do que eu tava fazendo, na realidade né... eu comecei pintando tudo de preto e branco, e eu só fui descobrir o que tinha acontecido com as coisas que eu tava pintando de preto e branco na hora que abriu a cortina do teatro. Aí eu falei "meu Deus! Não, ano que vem eu vou tá no palco!". Nunca consegui estar no palco no verso vivo, mais tudo bem, eu fiz todos os cenários, depois desse... foi até as nuvens, que... foi o que mais me emocionou até hoje, de ter feito, eu fiquei tão orgulhosa de ter pintado essas florzinhas... feito essa, essa mandala... (Entrevista com Driale, p. 242).

A trilha sonora era escolhida e preparada, exclusivamente, para a apresentação, a cada ano

é ... como a trilha foi composta em cima da declamação, né, então tudo tinha que bater milimetricamente, se desse um tempo errado o poema terminava antes da música ou vice e versa, e aí já perdia a ponta... era uma coisa doida. (Entrevista com Carlos, p. 53).

O envolvimento dos alunos para o Verso Vivo 2003, foi surpreendente, por ser o primeiro projeto de tantos outros que viriam, os quais também tiveram esse mesmo formato de planejamento.

... 2003, é *a flor e a náusea*... olha isso... a escola seguiu o jeito que quiser, era um atrás do outro, era um atrás do outro... não dava tempo. Olha que bonito... lembro da engenhosidade que foi isso em matéria de criatividade era pa... pa... pa... não, é assim... pode entorta, pode cria... olha o relógio... Gente!!! eles compraram a idéia..., eles acreditaram ... assim é... enfim é o aluno que... é o aluno que a gente acredita né... porque ele tem muito mais facilidade de comprar as coisas, de investir de... o adulto... ele tem muito mais dificuldade, entende!!! ele não se joga nas coisas com facilidade... o aluno não... ele tá percebendo o que que vai rolar.. ele, o quanto aquilo vai ser bom, né... (Entrevista com Carlos, p. 51).

A seguir, foto das duas apresentações do Verso Vivo de 2003.



Verso Vivo 2003.

Poesia de autor consagrado - *A Flor e a Náusea* de Carlos Drummond de Andrade.

Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.

Foto tirada por professor da escola.



Verso Vivo 2003.

Poesia de autor barbarensense - *Silêncio* de Jefferson Dantas Nielsen.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.

Na montagem da performance, os alunos que atuavam, estudavam sobre o poema escolhido e as referências que eram usadas para a apresentação, e temos como exemplo disso, a apresentação de autor barbarensense de 2003.

... a referência aí era Salvador Dalí, né. A construção do tempo... os dois eus né..... tinha menina que tava com dois casacos... colocava um, tirava um, então era o ego e o auter ego, de um mesmo personagem... (Entrevista com Carlos, p. 52).

VERSO VIVO 2004

No Verso Vivo de 2004, com a direção de Kelvis Rogério Germano, o diferencial da apresentação foi o trabalho de dança coreografado por um ex-aluno da escola, que ensaiou alunas que nunca tinham tido uma experiência como essa. Essa tentativa de inovar, foi constante durante esses anos, o que colaborou para que as apresentações fossem diferenciadas.

o Daniel é um bailarino, aquele que dançou nos trinta anos. Era um bailarino que participa do Festival Internacional de Joinville, que vai dançar em Nova Iorque, entende. Ele pegou um ano, ele pegou 2002 só, ele tava no terceiro ano né. Então ele já tinha isso nele né, tanto é que ele veio colaborar com a escola em anos seguintes né, em outros anos e... ajudando a montar trabalhos, trabalho voluntário né, então ele coreografou vários... É... elas não eram bailarinas né... então alunos que se viram dançando né, nem elas sabiam que o trabalho seria dançado né, mais uma vez é tudo muito intuitivo. Então não tem essa de, "aí que a gente que aparece ou de que é tudo calculado" né, as coisas foram simplesmente acontecendo né, e... e tomaram esse formato né... (Entrevista com Carlos, p. 73).

A apresentação do poema de autor barbarenses, se destacou pela sua performance e pelo seu cenário.

... é o *Poeta e as Nuvens*... a gente brincava muito com uma cor só, né... tudo... ou só vermelho, ou só azul... essas roupas ficaram lindas!! e foi bem mais simples do que eu imaginava, achava que seria mais trabalhoso e... acabou sendo bem interessante. (Entrevista com Carlos, p. 65).

A seguir, fotos das apresentações do Verso Vivo de 2004.



Verso Vivo 2004.

Poesia de autor consagrado - *O Poeta e a Poesia* de Cora Coralina.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.



Verso Vivo 2004.
Poesia de autor barbarenses - *O Poeta e as Nuvens* de Gabriel Rubens Pimentel.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.

Além da montagem das apresentações, confecção dos cenários e figurinos, no Verso Vivo também era ensaiada a torcida pela escola. Em todo esse período, não deixaram de ter, como todo trabalho em grupo, muitas dificuldades para sua realização e também nos relacionamentos. Sobre isso a professora Gláucia coloca a importância de lidar com essas questões

eu acho o que é bom, é porque é uma parte gostosa! então precisa mesmo, porque você mexe com sentimentos, você mexe com alegria, você trabalha em conjunto, você tem que trabalhar com a diferença dos outros. Quantas brigas fenomenais, a gente já teve nesses versos vivos! quantas! é uma coisa assim... porque você tá mexendo com pessoas que pensa diferente, que age diferente, você quer dum jeito e num aceitam que vo... sabe assim? Então é nisso se aprende né! nu... numa convivência, no dia-a-dia! (Entrevista com Gláucia, p. 157).

A seguir, fotos das apresentações do Jovens Trovadores de 2005, com a direção de Kelvis Rogério Germano, e do Jovens Trovadores de 2006, com a direção de João Bonatti.

JOVENS TROVADORES 2005



Jovens Trovadores 2005.

Poesia de autor consagrado - *O medo* de Carlos Drummond de Andrade.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.



Jovens Trovadores 2005.

Poesia de autor barbarenses - *Construção* de Sadraque Caetano da Silva.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.

JOVENS TROVADORES 2006



Jovens Trovadores 2006.

Poesia de autor consagrado - *O mundo do menino impossível* de Jorge Mateus de Lima.

Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.

Foto tirada por professor da escola.



Jovens Trovadores 2006.

Poesia de autor barbarensense - *Solução Romântica* de Gabriel Rubens Pimentel.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.

Foto tirada por professor da escola.

Essas apresentações e participação da escola nos eventos Verso Vivo e FETESB, deram a oportunidade dos alunos conhecerem e terem acesso à outras oportunidades e desejos para as suas vidas. A professora Silvia comenta

... então se a escola conseguiu ajudá-los nisso tudo, trabalhar com essas frustrações, às vezes trabalha tanto e não ganha nenhum prêmio..., não ganha alguma coisa, tem que lida com essas coisas, ou não era exatamente o que queria, esperava que fosse uma coisa e acontece outra né, acho que o teatro ajuda a lida com tudo isso, com os imprevistos né, principalmente o teatro, que as vezes não dá certo... você ensaia, ensaia e no ensaio tá ótimo, vai na apresentação... Acontece coisas que não eram pra acontece e as vezes eles sabendo, eles ficam: "poxa não devia ter acontecido assim eu podia ter feito melhor", e vai lidando com essas coisas e vai aprendendo a lida com isso né, e vai se descobrindo né, eu acho que vai descobrindo, como alguém que sabe faz cenário, alguém que sabe pensa no figurino, alguém que interpreta bem, e vai abrindo outras oportunidades na vida né... eu acho que eles... que isso possibilita, né. (Entrevista com Silvia, p. 92).

JOVENS TROVADORES 2007

Sobre o Verso Vivo de 2007, com a direção de Kelvis Rogério Germano, não foram encontradas nos arquivos da escola, fotos das apresentações, mas somente do elenco, como as expostas a seguir



Elenco dos Jovens Trovadores 2007.
Poesia de autor consagrado - *O Relógio, a Casa e o Pato* de Vinícius de Moraes.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.



Elenco dos Jovens Trovadores 2007.
Poesia de autor barbarenses - *Leite Seco* de Gilmar Lopes Marinho.
Realizada no Teatro Municipal Manoel Lyra, em Santa Bárbara D'Oeste - SP.
Foto tirada por professor da escola.

No ano de 2008, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo adotou um currículo único para todas as escolas estaduais, com material específico e unificado a ser seguido. Com essas mudanças, a continuidade da participação da escola no Verso Vivo ficou restrita, pela dificuldade de adaptação do projeto da escola com o currículo do Estado.

A professora Gláucia fala sobre a reação dos alunos depois disso

como que eu acho assim, que os próprios alunos, quando não... foi dado uma cortada! eles sentiram falta! "cadê dona, não é agora?" e... ou eles mesmo cobraram! porque, por mais que, " ah, uma grande turma já saiu!", mais aí saía comentário, temos discípulos... um vai passando pro outro, os irmãos contam, "ah foi legal! participei disso...". Então é... ou aquele ano que foi os jovens trovadores né! que não teve investimento naquela situação ali... eu acho que... eles mesmo sentiram falta, então faz parte. (Entrevista com Gláucia, p. 156).

E segundo a professora Margarida, o envolvimento dos alunos nessas participações, colaborou com mudanças das perspectivas dos alunos, e comenta

... porque eu achava assim que... mesmo aqueles que teoricamente eram alunos mais... bagunceiros né, que num... num conseguia fica muito tempo na sala de aula... eles, eles participavam assim de uma forma tão efetiva, com tanto carinho que eles colocavam! e eu acho que isso que é uma grande transformação na vida deles! de você vê alunos que, que de repente num tava nem aí nada... né, que num tava indo pra lado nenhum... e que através da... da participação deles nessa... nessas atividades, foram se transformando, foram... eu acho que... eles começaram a... a se senti como o próprio personagem!
né, de se valoriza, a auto estima, achei que... assim muitos alunos foram... mudando o comportamento deles, em relação as pessoas, no envolvimento né, com os outros colegas. Então eu acho que foi... melhorando muito nesse aspecto de relacionamentos, e conseqüentemente dentro da sala de aula, porque..., a partir do momento que ele tá inserido! né, ele se sente parte do processo, e aí que eu acho que começa a grande mudança... deles tarem tendo essa percepção, né, e buscando a partir dali, ser melhores né! Alguns assim, que você falava assim, "que caminho que vai tomá?"... não sabia a direção, e que hoje tão aí, fazendo cursos, né, fazendo faculdade, então... (Entrevista com Margarida, p. 190).

A participação dos alunos nesses eventos, colaborou com mudanças de postura em relação à escola, bem como, de perceber sua importância, proporcionando muitas vezes o desafio de continuar os estudos, e além disso, valorizaram a participação que tiveram nesses projetos, e desta maneira, sentiram o que foi fazer parte da história da escola.

Capítulo IV - SENTIDOS DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

Até que ponto essas atividades artísticas marcaram a vida das pessoas? Até que ponto essas atividades interferiram na relação aluno/escola, e até mesmo, na relação escola/comunidade?

Com a realização dessas atividades, podemos falar que para muitos a experiência significou mudanças pessoais, o surgimento de outros sentimentos e de um novo olhar para a escola. Por vezes ainda, houve o despertar do desejo de novas possibilidades para a vida, e a busca por um futuro melhor.

Dos alunos e professores entrevistados, na sua maioria, foram feitas observações sobre questões relacionadas à participação nesses projetos e mudanças pessoais experimentadas.

Para alguns professores, o desafio de realizar o novo, o que antes era improvável, trouxe crescimento pessoal e profissional, além de novos conhecimentos e desenvolvimento de trabalhos, que só foram possíveis de realizar, dada a disponibilização dos espaços escolares e autonomia para utilizá-los.

A professora Márcia, da disciplina de Arte, comenta sobre o ato de inovar em suas atividades, na possibilidade de ensinar diferenciadamente, em virtude desses projetos, e de maior espaço para a realização de suas aulas

é, como profissional, acho que... que cresci, que aprendi muita coisa que num era do meu... do meu mundo assim, eu tinha meus projetos, eu fazia as minhas coisas, mais era uma coisa isolada! né era meu! meu trabalho! e... e todo esse trabalho de verso vivo, FETESB an... tudo que aconteceu! é... mesmo não fazendo parte assim, diretamente do grupo, vamo supor, do teatro, isso aqui! de certa forma... tava envolvido! né estive envolvida, é... na criação do cenário, na execução e de... nessa parte mais prática mesmo! e... aprendi muito! (Entrevista com Márcia, p. 176).

O querer estar junto em todo o processo de trabalho, conhecer novas possibilidades de ensino, de entender de como ele se dá, fez parte da vida da professora Silvia, que começou a participar das atividades que eram realizadas com os alunos.

Essas participações foram, desde a ajuda da seleção para as peças, o acompanhamento desse processo até o resultado final, a participação nas oficinas nos fins de semana. Além disso, a professora abraçou o desafio de ser autora da peça teatral *Na Ponta dos Dedos*, juntamente com o diretor Kelvis, o que até então não imaginava realizar:

... dos bastidores, é isso sempre... eu nunca tinha tido oportunidade de acompanha a montagem de uma peça, eu queria mesmo, sempre falava né, "que... que se eu tivesse uma oportunidade eu ia", eu lembro que depois da *Revolução*, aí eu conheci melhor o Kelvis e... quando foi pra... no ano seguinte que ia monta outra peça, eu perguntei pra ele "eu posso acompanha os ensaios com você?", ele falou "claro, sem problema algum!". Aí eu lembro que eu vim, vê alguma coisa... verifiquei qual era os horários, era de fim de semana, eu vim, aí quando chegou no final do ano, ele virou pra mim e falou assim "oh... nós vamos selecionar o pessoal pro ano que vem, você quer participar?", falei "quero!", aí ele convidou a Elizânia, me convidou, e a gente participou de uma... ele preparou um... tipo um testezinho pra... pra vê o que ele ia... o que é... pra gente seleciona um pessoal, aí a partir daquela seleção, aí a gente se encontrou nas férias, aí eu falei assim ó "eu posso con... continuar acompanhando, ensaio?", ele falou "pode fica a vontade sem problema nenhum!", aí a gente começou a trabalhar junto, por conta disso, aí eu queria vê exatamente esse processo né, de montagem, de como que é montar uma peça, aquilo que parece ser tão simples, tão fácil, quando tá lá no palco, e já tá pronta. (Entrevista com Silvia, p. 106).

E complementa

... é... como é que nasce essa história... aí você vai vendo né, eu achei... pra mim foi muito bom. Eu num profissionalmente, eu nunca tinha participado de nada disso e hoje, até quando eu faço alguma coisa que envolve teatro, em sala de aula meu olhar é outro né, pra tudo, pra tudo isso... não consigo ter idéias igual... o povo tem né... tem umas idéias muito legais, que eu sempre falei assim "nossa, uma solução boa que eles dão!" né, eu não consigo ter essas idéias, eu sempre imagino, eu sempre faço a casinha com a, nuvenzinha... não consigo ter umas idéias legais né. (Entrevista com Silvia, p. 106).

O professor coordenador Carlos, por sua contínua participação e envolvimento nas atividades, comenta sobre os diferentes olhares e/ou recebimentos que muitas pessoas tiveram

sobre os projetos, que observavam o que estava ocorrendo e que muitas vezes colocaram em xeque o resultado do trabalho.

agora e... quando, quando eu falo tudo isso eu tô falando muito de mim né, e... e eu não consigo imagina e... essa relação com a vida se eu não pude falar da minha vivência pessoal né, e é muito complicado eu não sei até que ponto e... o outro vai entende essa vivência, entendeu é... hoje eu não me preocupo mais com isso né, não me compete o modo como o outro interpreta né, é... mais eu, eu não deixo de toca nisso né, mais eu diria que... não tem... todo mundo passa né, todo mundo sente medo, todo mundo dá uma travada, todo mundo recua né, é... o importante é você... ir encarando na tua dose, entendeu, vai liberando aos poucos né, se você... é que nem quando você vai toma soro né, ela não vai caindo de gotinha em gotinha, então e a mesma coisa, então vai liberando aos poucos né, num... que se você entra de cabeça, eu acho difícil aí dá muito trabalho mesmo aí você não sobrevive aí você vai fica doente, você vai fica estressado, estafado né, vai precisa tira licença... não é isso... vai, vai fazendo as coisas com, com equilíbrio né, com calma... (Entrevista com Carlos, p. 80).

Além dessas colocações, percebemos nas falas dos alunos, o quanto esses projetos interferiram positivamente em suas vidas, ao ponto de até mudarem valores pessoais, como exemplo, na discriminação de homossexuais

uma coisa que eu nunca achava que eu ia faze, que era teatro, pra mim, eu tinha aquela, aquele preconceito "pô teatro é coisa... de... de gay né, de, de viado né!". "Teatro é o...", uma galera mais assim... como que é o... eu tinha um... um discurso, dessa forma, eu falava assim "O teatro é a desculpa pros gay, pro, pros gays serem gays!" pra mim... era a definição do teatro né. É... de repente eu tava lá no meio, num deixa de ser... um, num deixa de tê... tanto héteros, como homossexuais, porém, e... o que mudo, num foi o, o fato do cara, ser gay ou não, o fato mudo eu, sabe se eu consigo convive com uma pessoa... gay ou não! Hoje eu tenho, vários amigos homossexuais e vivo muito bem, são pessoas muito divertidas e tal... é con... consegui vê a pessoa, além da opção sexual dela. (Entrevista com Luis, p. 238).

Outro fator importante, da inserção no teatro, é que ajudou a diminuir a timidez que alguns alunos tinham, contribuindo com a possibilidade de novas amizades, e de não terem medo de enfrentar novas situações. Mayna e Giovane comentam suas experiências a respeito

... e eu tinha muita vergonha! eu sinceramente eu tenho muita vergonha! então eu acho que o teatro me ajudou um pouco a perder a minha vergonha, por mais que eu assim tinha esse meu jeito de fala bastante. (Entrevista com Mayna, p. 292).

e quando você entra né, no... no... no teatro, começa a ter mais contato. Você vê que num é assim né? Você vê que... é... é um... né, um... é um grupo né! com... um... um anda do lado do outro! e como pessoa pra mim, me ajudou bastante né. Eu acho que... é... a peça... as peças passam... né, um... um... uma verdade né, passa um... o que... um fundo né de... cutu... cutucando você ali né, pra você... "pô, posso pensa nisso, posso pensa naquilo!". E... aquilo que eu te falei também né, eu era tímida demais! e... me ajudou bastante né, hoje eu falo mais que homem da cobra e num tenho vergonha mais!

É... eu sinceramente só num continuei a fazer o... o teatro pra fora, uma por causa né, dos estudos e outra que, se tem que trabalha né? (Entrevista com Mayna, p. 304).

E Giovane

pra mim foi assim... eu tinha uma cabeça muito fechada quanto a tudo... quanto a tudo mesmo, sabe! sei lá, talvez, tinha preconceito em mim mesmo, pra várias coisas, e o teatro abriu minha mente pra essas coisas! Fiz novas amizades, e... foi abrir novos horizontes mesmo... sabe! foi muito bom! perdi a timidez, comecei a ter mais amizades... foi muito bom! (Entrevista com Giovane, p.308).

como pessoa! sabe, ajudou a... ajudou muito, isso eu digo com certeza! a criou a minha personalidade entre aspas! porque até então,... quando eu fui fazer teatro num tinha um... formado ainda né!...

tive que argumentar né! a... ajudou muito, acho não tenho certeza! ajudou muito, e se não fosse o teatro, eu acho que... seria uma pessoa totalmente diferente! pacato! (Entrevista com Giovane, p.332).

O envolvimento com teatro trouxe para esses alunos a melhora da auto-estima, colocando-os na qualidade de pessoas que podiam conquistar outros espaços, e atingirem novas metas. Sadraque comenta essa questão em sua vida

... nossa, muito gostoso né! a gente trabalha... assim, trabalha né, a gente faz um... se esforça tanto pra conseguir, aí quando a gente tá em outro lugar... a gente termina, todo mundo vem, as vezes nem conhecia, vem abraça, fala parabéns. Nossa, é muito gratificante pra... pro aluno né, não até pro ator, mais pro aluno que... se esforçou tanto pra conseguir, é... (Entrevista com Sadraque, p. 270).

E continua

eu sempre... eu acho que hoje em dia pra gente consegui alguma coisa sem estudo, você num... num tem nada né! mais aí quando a gente tava... participava do... da peça, a gente via novos caminhos assim né. Como era bom assim, quando a gente terminava o espetáculo, nossa, é muito gratificante, eu... o pessoal vinha parabenizar, e eu me sentia assim, importante né! (Entrevista com Sadraque, p. 273).

Além disso, Sadraque fala sobre o apoio do grupo de teatro para superar problemas em determinado momento de sua vida, o que talvez, sem esse relacionamento seria mais difícil.

... então, foi... quando eu participei da *Revolução*... que foi a época que minha mãe faleceu né! nossa, eu fiquei... acabado né! aí eu via no teatro uma forma de... com os amigos ali né, sempre apoiando, os professores, me ajudou muito, muito, muito mesmo! Porque teve uma época que eu fiquei muito... depressivo assim emagreci bastante... aí che... quando chegava aqui no ensaio, eu esquecia de tudo... era... a gente conversava ou dava risada, tal... e até hoje eu preservo as amizades que eu fiz aqui no... Irene. (Entrevista com Sadraque, p. 285).

Especificamente, no interior da escola, ocorreram mudanças nos relacionamentos pessoais, ao lidarem com o trabalho em grupo, no que diz respeito ao trato com o outro, e também, com a mudança do olhar pela escola, percebendo sua importância. Os alunos Driale e Giovane tratam dessa questão ao dizerem, como anteriormente a esse processo de mudanças, qual era a impressão que tinham sobre a escola

... o teatro na escola afetou... particularmente a... a assim né, e... porque até en... antes de entra na... nesse teatro a escola tava numa outra direção, então... outro... um outro tempo que era um... pra mim era horrível vim pra escola né, e... (Entrevista com Driale, p. 243).

... aí quando começou a mudar o assunto, a fazer teatro, os alunos né, mudou a escola! então nem... refletia lá fora como aqui dentro também né! porque quem no início assim, como eu estava aqui, por exemplo, eu vim do Dirceu! eu vim com um pensamento, maioria "num vô gosta, tenho medo dos alunos de lá!". Aí com o tempo vi que era totalmente diferente, sabe? a escola envolvida com projeto, com teatro, cultura, biblioteca! mudou totalmente, muda o pensamento! aí o que cê faz, se pega isso e passa pra sua família, e assim vai acontecendo... né. até porque é... (Entrevista com Giovane, p. 333).

Em alguns casos, houve o despertar do desejo em prosseguir com os estudos, procurando novas oportunidades para suas vidas, e o diretor Kelvis destaca o trabalho do teatro como incentivador dessa continuidade, em virtude dos alunos notarem que, mesmo com todas as dificuldades, era possível melhorar a formação pessoal, e também a acadêmica

... é... por isso que eu falo que esses alunos, que saíram, que estão fazendo faculdade, que tem possibilidade... tão encontrando possibilidades. É porque, acho que tem essa formação também... a escola deu isso! né, só que a gente só reforçou isso, é mostrou fisicamente dentro dele, que ele tem po... potencial pra isso! né, num falo que o... o teatro transformou a vida deles, mas ajudou muito. (Entrevista com Kelvis, p. 127).

Escolhas para prosseguir fazendo outros cursos, começam a ocorrer por parte dos alunos, e assim, outros objetivos foram traçados. Verificamos isso, quando Flávia, que atualmente faz curso técnico de Design de Interiores, fala sobre seu desejo de continuar os estudos no Ensino Superior

o curso que eu escolhi, é... designer de interiores e... eu quero... faze arquitetura... meus... meus... minhas duas opções assim ou é faze arquitetura ou letras! Então tem tudo a vê assim com teatro, eu acho, porque... o designer trabalha o lado criativo né, o... o lado... até os professores quando... logo que a gente entrou no curso, eles perguntaram quem fazi... quem já fez teatro ou quem gostava, porque... trabalha... trabalhava muito esse lado, da criatividade de mexe com cores, mexe com luz! Então isso... acho que influ... num... acho que influenciou sim! na minha escolha sim, profissional! não, não que eu queira fazer algo... a vê com... assim, se formar em atriz, essas coisas artes cênicas não! num... num quero isso! Mais acho que também, nunca vou abandona assim, o lado do teatro. Até porque eu gosto de assisti! Sempre vou em peças também e... e no lado assim da escolha, influenciou um pouco e o lado... de... de letras também! porque... é, querendo ou não né, trabalha interpretação, leitura, essas coisas! (Entrevista com Flávia, p.253).

E também Driale, que concluiu o Ensino Superior em 2009, continuou seus estudos por reconhecer sua importância e necessidade. Entretanto, o que atualmente mais deseja, é continuar o trabalho no teatro, e por isso, participa no grupo teatral que o diretor Kelvis possui

o teatro é, é um meio de, de... de be... libera energia né. Tanto pra mim eu não fazia nada da vida, não tinha nada pra faze, eu não me achava útil em nada assim sabe, eu falava assim "o quê que eu vou faze depois do vestibular?". Eu fiz Administração..., não gosto, mais eu sei do que eu gosto, então por isso eu, eu não importo tanto de tá fazendo, por que... aí tem o teatro, entendeu. Às vezes a pessoa, descobre o amor da vida dela no teatro e a vida continua né. (Entrevista com Driale, p. 246).

Tratando de outras possibilidades de estudos, Kelvis comenta sobre Luis, que compôs músicas para a trilha sonora das peças *A Vida é Sonho* e *Revolução na América do Sul*, auxiliou na elaboração de oficinas teatrais, com o intuito de melhorar o uso da voz pelo elenco, dizendo o quanto esse envolvimento influenciou em sua escolha profissional

... se envolve no trabalho e se envolveu numa coisa, que deu oportunidade pra ele, porque, ele tocava na igreja, mais, ele num via possibilidade de estudo, e ele começa a realiza dentro do trabalho de es... da escola, depois do... do grupo de teatro, a parte de pesquisa de estudos de música né, ele prestou papel, ele num passou mais ele vai faze fono. Então, ele continua numa área, que ele gosta! que é música, que é arte! ele

num vai fugi dessa área né, provavelmente ele vai... vai se especializar uma parte de preparação vocal, pra teatro, pra música e... e foi se envolvendo numa parte que ele já... já... já dominava um pouco né! (Entrevista com Kelvis, p. 137).

O próprio aluno comenta sobre o assunto, sendo que em 2010, ingressou em uma Universidade para fazer o curso de Fonoaudiologia

e foi um lance muito assim, que eu, eu me... eu realmente me senti importante né. Por que... a escola me deu uma responsabilidade, que é representa a escola, tal... isso foi muito gratificante pra mim, é daí eu criei relações com a escola, com a diretoria, com a coordenação e... com alguns alunos que, que participava, que assim... foi uma coisa que... num, num era só da nossa sala era a galera do primeiro ano, a galera do terceiro ano. E foi criando relações, outras coisas tanto que é hoje, hoje eu visto a camisa da escola né. Aquela coisa uma relação, é escola do meu bairro, o meu grupo de teatro que eu entrei em virtude disso, que hoje eu trabalho como, como direção musical hoje es... vou estuda fonoaudiologia por causa disso né. Que eu vi que realmente por sinal não é num é... só o lance da música, eu gosto dessa questão da voz, da dicção, de, de acha uma qualidade e vou ser fonoaudiólogo, entendeu. (Entrevista com Luis, p. 231).

O trabalho com teatro influenciou essa procura pelo novo, por essas novas possibilidades que o aluno, muitas vezes, não possuía. Eles observaram as mudanças da escola e do trabalho desenvolvido, o que a escola proporcionou com o compromisso com a comunidade e com eles mesmos, e conseqüentemente, começaram a ter um olhar diferenciado por ela.

Essa transformação da postura do aluno é retratada por Kelvis quando diz

eu acho que esse tipo de trabalho, insere o aluno a viver em sociedade, porque ele tem que a... a... a... além é... é di... é... é... é um... é um grupo! como se fosse uma sala de aula, mas é um grupo fora pior ainda pra eles trabalha! Porque eles vão ter que disputa espaço, que ele vai ter que aceitar, que o outro vai fazer o personagem que vai se destacar e eu vou ter que fazer o outro personagem pra ajuda ele a se destaca ou vice e versa! Então eu acho que vem a questão da humildade, eles começam a desenvolver, meios deles... dele viver em sociedade! (Entrevista com Kelvis, p. 140).

E complementa

... né, ter o modelo daquela pessoa que a é... que mudou, que ele vai ser líder, mais um líder positivo porque era líder negativo, e tem a transformar a escola numa escola, porque eles vão começa gosta da escola! "Que a minha escola faz! a minha escola tem teatro, a o teatro, é... a gente sai, a gente vai vê, a gente vê uma coisa

diferenciada!", aquele que assistiu a transformação não é tão grande, mais ele conhece, ele viu uma coisa bem feita! (Entrevista com Kelvis, p. 141).

Essa relação aluno/escola gerou por parte do aluno, prazer em pertencer à escola, devido ao trabalho, principalmente de teatro, que teve seu destaque na cidade, e conseqüentemente às mudanças estruturais, pedagógicas, e também, pelo trabalho diferenciado.

O aluno Luis e o professor coordenador Carlos retratam essa questão

digamos assim, teve uma mudança da... da filosofia, da política, da... da escola, da parte cultural, pra... pra algumas pessoas só isso daí, acho que sempre... vai ser aquela coisa, "pouco importa!", pra muita gente é assim! é da pessoa. E é... as vezes a pessoa não que participar mesmo, mas pra muita gente foi assim ô pô... eu pa... eu sou duma escola que tem teatro, entendeu, "a galera lá entende de teatro!", tem um amigo meu que fala assim, "ó eu não participo não, mais a galera lá manda bem no teatro!", entendeu... né! Então tem essa... essa coisa, a auto-estima de muita gente é outra... a o... sei ah... às vezes... Alguma escola que não existe os... os projetos, que vai além da arte né. Que nem aconteceu comigo, vai, além disso, é pra, pra vida da pessoa. e... a pessoa deixa de... de tê esse contato, esse carinho com a escola né... "ah onde estuda?", "ah cara eu estudo!", entendeu... as vezes tem gente que nem fala, eu conheço gente que as vezes tem até um pouco de... de vergonha assim, de fala... que não é uma escola assim... dita, legal né! (Entrevista com Luis, p. 232).

... ficou comprovado que mesmo aquele aluno que não participava de grupo de teatro, ou que não subia num palco de um trovadores, ou que num participava de um festival de música, ele tava observando que na escola tava rolando algo diferente entendeu, e mais... que a escola dele tava tendo uma projeção externa muito maior né, ao ponto de ele começar a falar assim: "eu estudo no Irene, eu sou do Irene"... entendeu. (Entrevista com Carlos, p. 69).

O aluno percebeu o que o trabalho em grupo acabou lhe exigindo, da postura que devia ter, do compromisso e respeito ao outro

tem... é um processo! e aí você tem que ter a disciplina, você tem que ter... trabalha a questão grupo. Quando a gente trabalhava com trinta e oito né. um diferente do outro né, totalmente! elas tem que sabe... quando o aluno... respeita né, a diferença! E disciplina, muita disciplina, pra conseguir um trabalho bonito né, tem que disciplina... e nem sempre... o respeito né, com o próximo, independente das diferenças, e... isso interfere... quando você vai trabalha numa empresa, você precisa né? disciplina e respeito! então a gente vai aprendendo desde já... (Entrevista com Sadraque, p. 286).

Conforme relatos nas entrevistas e que foram aqui destacados, é possível observamos que esse período de trabalho colaborou significativamente com alguns fatores, como, o desejo do aluno em procurar por algo novo para seu futuro, enfrentar a timidez, melhorar a questão do trabalho e relacionamento em grupo, aumento de sua auto-estima, mostrando assim, a importância de trabalhos com projetos e de como podem refletir no relacionamento aluno/escola

... então... até hoje assim, as vezes quando, por exemplo, eu tava assistindo um filme essa semana... que também mostrava lá na... na escola, tal... eu falei "gente, a escola tem que trabalhar com projetos!". É isso que faz o diferencial! né, isso que faz o aluno se sentir, integrante! né... é parte daquilo, que ele tá... e... e são coisas que ficam. Quando você encontra um alun... ex-aluno né... primeira coisa, "professora, que saudade que eu tenho! que saudade que eu tenho daquela escola! que saudade que eu tenho... dos professores! que saudade que eu tenho da direção!"... né! e eu acho que isso num tem preço! né, esse é o maior reconhecimento. (Entrevista com Margarida, p. 192).

Driale comenta a importância da escola possuir projetos em outras vertentes, o que para ela, estimularia os alunos que não fizeram parte diretamente com o trabalho teatral a participar de outros projetos com que melhor se identificassem.

mais mudo sim, mudo... não sei como expressa isso, eu falando assim, mais é... eu acho que foi a base e a mudança da escola né, entre outros projetos, porque era um projeto que assim a... existiam várias partes pra, pessoal participa... não é, por exemplo... olimpíada de matemática que eu participei, era só quem gostava de matemática que gostava de fazer isso é... o IRSSA (Instrutores e Referência a Saúde Sexual do Adolescente) era só pra quem queria, a gente não obrigava as pessoas fazer, o teatro também não, mais o teatro era uma coisa que as pessoas gostavam de fazer, gostava... gostam de assistir, gostam de fazer, gostam de ajudar é... até de criticar se for o caso, mais ele, ele gera um... um assunto, ele gera uma discussão né. (Entrevista com Driale, p. 244).

Entretanto, apesar do trabalho com projetos se mostrar uma possibilidade diferenciada para melhorar a relação aluno/escola, existem dificuldades para sua continuidade, como por exemplo, o acompanhamento das constantes necessidades pedagógicas da escola, mudanças na orientação das políticas públicas, bem como as dificuldades que a escola possui em trabalhar

com a diversidade dos alunos e com as novas tecnologias, enfim, dificuldades significativas ocorrem.

a gente pode eleger uma série de problemas técnicos né, e... o próprio sistema no qual a gente vive, esse nosso sistema de enfim né, uma progressão continuada, uma progressão parcial a... a mudança no perfil dos alunos, a mudança no perfil do trabalho do professor na sala de aula, globalização, tecnologia né, é... democratização do acesso à escola. Então junta tudo isso, foi acontecendo uma série de outros fatores técnicos, que fez com que a escola fosse mudando muito rápido, muito drasticamente, e aí pronto, aí junto tudo né... junto tudo e então nós tamo hoje meio embolado aí nessa coisa que é... que é essa... essa época em que a gente vivia um turbilhão de coisas né... tudo ao mesmo tempo, e eu acho que o professor não deu conta de acompanhar isso tudo não. (Entrevista com Carlos, p. 79).

O trabalho com teatro, não consegue, muitas vezes, alcançar diretamente todos os alunos da escola, devido às próprias limitações na quantidade de pessoas e às dificuldades que existem para isso. Sobre a importância que seria trabalhar com todos os alunos, a professora de Arte aborda e ressalta que outros projetos seriam necessários para atender todo o corpo discente.

é!desafio! né? e... eu aprendi muito com tudo isso! acho super valido, achei que foi muito bom pros alunos tudo, pra vida da escola! eles é... enxergam a coisa diferente! de que... "aí dá pra fazer! vamos fazer!"... sabe, a criatividade vai... vai fluindo assim, eles vão pensando que tu... que as coisas são possíveis! né? Mais por outro lado, é... tem a questão que eu acho, de que são... poucos, num dá pra todo mundo participar! (Entrevista com Márcia, p. 176).

As ações na escola tiveram o intuito de colaborar com a formação do aluno, de tal maneira, que ele observasse que o mundo estava além disso, que outras possibilidades existiam, e que seu conhecimento e formação pudessem ser ampliados

eu diria que nós conseguimos fazer com que grande parte dos alunos, alunos inclusive que já foram embora não tão mais na escola e... saíssem com uma cabeça diferente né... tanto é que eu imagino que nesse trabalho todo de ouvir pessoas, ouvir alunos é essencial, porque, porque eles são a prova viva do quanto isso contribuiu na formação deles né, é até alunos que seguiram carreira artística né. (Entrevista com Carlos, p. 73).

Muito do que foi realizado na escola influenciou os alunos, que levaram essas experiências para todas suas vidas. Giovane e Mayna comentam sobre a saudade desse trabalho

ah num sei! é até difícil fala, porque depois de tanto... tanto vídeo e imagem, o que resta, eu tenho saudade! sabe, o que fica! Por que... porque é muito bom! foi muito bom mesmo! eu acho que isso... entanto... tanto pra escola, como pros alunos que participou, foi muito bom! porque o... a... a diretoria né, os professores, a escola se envolvia né? (Entrevista com Giovane, p. 331).

mais é, se eu pudesse volta atrás, eu faria tudo de novo! e se tivesse oportunidade eu faria tudo de novo! e... eu acho que... isso é bom! eu acho que todo... como eu falei, eu acho que todo... toda as escolas, todos os... os... os mestres né, eu acho que tem que sim, dá um... um... um interesse maior pra esse lado né, que eu acho que o futuro né, do... do Brasil né, o futuro do... do... do mundo tá e... tá nessas... nessas... né, nessas cabeças né, de quinze, dezesseis anos! eu acho que é isso né, é uma opinião minha! e eu acho que... perfeito! (Entrevista com Mayna, p. 304).

Todas esses pontos, que anteriormente foram levantadas, nos mostram a importância da arte na vida do indivíduo, e como pode influenciar na formação dos sujeitos, independentemente de qualquer questão.

Também é necessário verificar que a escola não é o único espaço a oferecer essa possibilidade de conhecimento, seu alcance, e o despertar pelo gosto e prazer pela arte, além dela, a família tem seu papel de incentivar a realização dessas práticas. Desgranges (2003) afirma

a aprovação, o apoio e o incentivo do meio familiar são importantes para que a criança integre o teatro como rico e prazeroso hábito cultural. Embora o professor seja um mediador privilegiado, está claro que ele não deve ser o único a assumir esse papel. Essa iniciativa possibilita, ainda, que muitos adultos que foram ao teatro travem um primeiro contato com essa prática artística. (p.81)

As escolas municipais de Santa Bárbara D'Oeste trabalham com atividades teatrais, com o intuito de fazer com que a criança tenha, desde cedo, acesso a essa arte, e a professora Gláucia, em sua entrevista, fala sobre o envolvimento de sua filha com o teatro e de como isso pode interferir em sua formação

num vai mais, sabe assim! e o bacana também, que é uma característica que... por exemplo, em Santa Bárbara, pelo menos na prefeitura eles tão valorizando, que eu tô vendo, por exemplo, que minha filha tali... ela tá indo ao teatro, ela tá sendo convidada, continu... é assim, acho que tá criando-se uma cultura, pelo menos aqui no bairro legal ali, se a gente começa de jardim da infância, quando chega pra gente, tá melhor! (Entrevista com Gláucia, p. 149).

Esse compromisso do município com a arte é importante para o desenvolvimento adequado de suas crianças, e como podemos verificar, o trabalho e envolvimento com o teatro colaborou com mudanças nos relacionamentos pessoais com a escola, e abriu novas possibilidades para quem conviveu de perto com esse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Arte tem a capacidade de sensibilizar o ser humano, de despertar sensações, proporcionar outras experiências e de despertar outros olhares. O trabalho da escola ao enfatizar práticas artísticas, foi primordial no desenvolvimento da proposta pedagógica escolhida, na diminuição da deprecação escolar e na mudança do olhar de parte dos alunos e da própria comunidade, em relação à instituição.

Durante o período de 2002 até 2007, os projetos envolvendo trabalhos culturais e artísticos impactaram o ambiente escolar e colaboraram para o melhor desenvolvimento dos alunos.

A proposta adotada pela escola, foi a de não priorizar uma formação técnica, mas de tentar proporcionar ao máximo, uma formação mais humana aos alunos, que fosse capaz de sensibilizar e oferecer acesso à novas possibilidades de espaços, conhecimentos e informações.

Entretanto, como em toda proposta pedagógica, existem muitas dificuldades em se atingir os objetivos traçados, e principalmente, em conseguir mantê-los. Estas dificuldades estão articuladas a mudanças, sejam elas pedagógicas, estruturais, ou políticas, podem ocorrer durante o tempo. No caso específico do estado de São Paulo, a implementação por parte da Secretaria de Educação do Estado do currículo e material único para todas as unidades escolares, a partir do ano de 2008 tem representado um obstáculo à continuidade do trabalho até então realizado.

Essa é uma dificuldade também sentida por parte daqueles que estiveram envolvidos no projeto da escola durante os cinco anos aqui estudados

... e 2008 foi um ano, muito esquisito, um ano, difícil né, que num... um ano que num tem cara, entende, pra mim é muito difícil isso, porque a gente tá acostumado a... a fechar o ano "puxa, a gente fez muita coisa esse ano né", entende... foi maior estranho né... (Entrevista com Carlos, p. 75).

A professora de Educação Física, também comenta sua dificuldade de adaptação pedagógica com o uso desse material proposto pela Secretaria de Educação, em razão de que já possuía um trabalho consolidado na escola, voltado para jogos comunitários, atividades lúdicas e aulas caracterizadas pelo desenvolvimento do aluno, tanto no que se refere ao físico como emocional.

... eu acho que... é... quando você pega, por exemplo, se eu... se eu pegá o meu histórico, enquanto professora, de quando eu entrei né, é... foi um processo de construção com aluno. Então, eu acho que... você fica só... só no... naquele conteúdo, só naquele... num... num sei, num... num consegui me adapta! Achei que tava perdendo um pouco, da identidade da educação física, naquele momento, em função... até da falta de planejamento, de chega em cima né, quer dizer, eu poderia enriquecê aqueles trabalhos, se eu tivesse um tempo hábil, pra eu conhecê aquele... aquela proposta, pra partir daí, eu inseri alguma coisa, junto com aquela proposta! (Entrevista com Margarida, p. 194).

No que diz respeito à proposta pedagógica da escola e sua especificidade, é também comentado pelo professor coordenador

... e... ou seja, de gente que pensa esse processo de formá outra pessoa por esse caminho né, e se dá certo, se não dá certo ... dá certo. Talvez a gente não consiga a totalidade, mais que sistema de ensino ou que proposta pedagógica vai atingir cem por cento seus alunos, nenhuma né, nem numa escola particular onde a proposta pedagógica é formar o aluno pro vestibular, porque, ela garante que, cem por cento dos seus alunos passem no vestibular no curso que o aluno pretende, ou ela garante que o aluno vai fazer a escolha do curso que de fato ele tenha habilidade pra tal né. Então não é... essa garantia ela não existe, existem caminhos né, e é por isso que a escola não pode deixá de tê um caminho, ela tem que tê uma identidade, ela tem que tê um caminho, se não tiver um caminho ela fica sem sentido e como é que o aluno vai comprá uma, uma escola que ele não enxerga isso né. Então é... é... é muito complicado né, pra esse aluno vesti essa... essa camisa né, e compra essa idéia. (Entrevista com Carlos, p. 76).

Verificamos a dificuldade da continuidade desses projetos e a participação nesses eventos, a partir do ano de 2008, devido à inadaptação a proposta pedagógica da escola, desde então, com as mudanças curriculares do Estado

... porque a idéia não é voltar lá no início, a idéia é continuar trabalhando pra que isso continue se desenvolvendo, só que nesse meio tempo, o governo mudou tudo né, e... então... se pega lá o caderninho do gestor hoje a Maria Inês Fini tá lá falando "que toda escola tem que ter sua proposta pedagógica" né, mas como é que você vai construir

uma proposta pedagógica com uma proposta curricular já pronta... você vai dá cara pra escola, se você tá dizendo que conteúdo eu tenho que trabalhar, entendeu. Eu até acho que ainda é possível imprimir aí uma... algumas identidades mais aí... não sei se a gente vai conseguir chegá... numa escola que tenha essa característica, mais não acho... acho até meio difícil né, mais foram anos maravilhosos assim que... foram centenas de alunos que passaram por isso né... (Entrevista com Carlos, p. 70).

Questionando a postura da escola, a aluna Driale defende que ela deve ter a constante orientação de estar aberta à comunidade, e oferecer aos alunos projetos em diversas frentes, o que em seu ponto de vista, colaboraria para a formação do aluno, e também comenta a maior necessidade do Estado investir em projetos

... eu acho que a, a, a escola ela tem que deixar as portas abertas, pra qualquer área artística, que é o caso que eu, eu me identifico mais é a área artística né mais, quem gosta de matemática, abri a portas pra... quem... porque assim às vezes a... criança, adolescente ele não tem oportunidade lá fora, porque ninguém apóia, entendeu... ah o pai que acha que... é...besta... é... bes... bestice é ótimo né... idiotice ele ficá lá cantando, o outro que acha que não vai dá em nada, que ele vai passá fome a via... a vida inteira se ele for músico e... e a escola é um lugar... digamos assim um porto seguro onde que a criança pode isso e, e o bom é, ela tê incentivo, entendeu. Se eu não tivesse incentivo, eu não ia continuá fazendo... então eu, ou acho que tem abri as portas, eu acho que não, não só aqui no Irene, eu acho que... e... e eu acho ainda que o governo tinha que apóia ainda né, que ele tá dificultando muito a vida ..., não ensaiá ta... não pode fazê isso, não pode fazê aquilo, eu não tenho verba... e eu acho que deveria ser uma matéria ainda, agora se é que tá tendo matéria de teatro né, pras crianças. (Entrevista com Driale, p. 247).

Percebemos então, a importância desse trabalho com projetos artísticos, que possibilita uma formação mais sensível, estética e humana. O papel da escola é posto, em oferecer uma formação acadêmica voltada para exames e vestibulares ou uma formação que busca um olhar mais humano, com desenvolvimento de projetos. Para o professor coordenador Carlos, a formação estética e voltada para o sensível é fundamental quando afirma

então... eu acho que... eu, eu acredito muito que essa que é que a formação pelo sensível, entendeu... é você tá a flor da pele pra esse tipo de coisa né. Será que todo mundo... e... abre esses espaços na própria vida, entendeu. Essa é a idéia. é... diria que não, acho que boa parte das pessoas estão apenas vivendo né, e... e vive mesmo literalmente né, e... vai trabalha, volta pra casa, vai dormi, vai comê, vai tomá banho, aí tem sábado, tem domingo né, e a vida é isso. Só que junto desse processo todo existem outros momentos né, que são os momentos internos pessoais que faz com que a gente descubra outros lances da vida né... um outro olhar, outras coisas que

podem dá significado, dá sentido né, fazê a vida ficá ainda mais brilhante, mais gostosa de ser vivida, menos pesada é... mais possível, de maiores realizações né, de se senti bem, se senti mal né, porque também é necessário senão... se tudo fosse só maravilhas né, o mundo não existiria. Acho que é isso. (Entrevista com Carlos, p. 81).

Sendo assim, reafirmamos a importância desse processo na vida de tantos alunos, na vida da própria escola e no respeito que a comunidade passou a ter por esse trabalho.

Além disso, esta pesquisa revela a importância do registro das atividades desenvolvidas nas escolas. Considero que esta dissertação só foi realizada desta forma, ou seja, reconstruindo parte da história do trabalho da escola, em razão da quantidade de material escrito, filmado e fotografado que a instituição possuía e que permitiu recontar esta experiência com maiores detalhes. De certo modo, este trabalho aqui apresentado também se transformou em um registro importante deste percurso. Desta forma, é possível afirmar a importância de registros, para que a história não seja esquecida, mas sim, contribua com novas possibilidades de trabalho.

E assim, é demonstrado nesse período escolar, de 2002 até 2007, que é possível, mesmo diante de tantas dificuldades estruturais, financeiras e pedagógicas que a escola possui, alcançar bons resultados com os seus alunos e despertá-los para uma formação diferenciada, uma formação mais humana, ao realizar trabalhos com projetos artísticos como esses. A continuidade de ações como estas não deveria deixar de ocorrer, e sim, ser ampliada e apoiada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W.; **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª ed., 1995. pp 29- 49.

ALMEIDA, Célia Maria De Castro; Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, S. (org.); **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papyrus, 7ª Ed., 2001.

ALVES, Nilda; Cultura e cotidiano escolar. In: **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação**. n. 23, Maio/Jun/Jul/Ago. 2003. Disponível em <http://www.anped.org.br>.

ALVES, Nilda e OLIVEIRA, Inês Barbosa; Imagens de escola: espaços tempos de diferenças no cotidiano. In: **Revista Educação e Sociedade**. v. 25, n. 86, p.17-36, Campinas, abr. 2004.

AMADO, Janaina; Nós e o espelho. In: FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes; “Usos e abusos da História Oral”. In: AMADO, J. e FERREIRA, M.M.; **Usos e abusos da História Oral**. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas. 8ª ed., 2006.

ANDRADE, Maria Celeste de Moura; Cidadania, cultura e diferença na escola. In: **26ª Reunião Anual da Anped**. Poços de Caldas – MG. 2004. Disponível em <http://www.anped.org.br>.

BENJAMIN, Walter; O narrador. In: BENJAMIN,W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.; **Textos Escolhidos**. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os pensadores).

_____. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. [tradução de Marcus Vinicius Mazzari; direção da coleção Fanny Abramovich]. São Paulo: Summus, 1984. pp 13-16.

BOSI, Ecléa; **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2ª ed. 2004. pp 13-20.

_____. **Memórias e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras 7ª ed. 1999. pp 73-76, 84-91.

BURKE, Peter; “Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro”. In: BURKE, P. (org). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

DE GARAY, Graciela; La entrevista de Historia Oral: ¿monólogo o conversación? In: **Revista Electrônica de Investigación Educativa**. Vol.1: nº1, 1999. Consultado em 09 de Janeiro de 2010 em: <http://redie.uabc.mx/vo1no1/contenido-garay.html>.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; “Histórias de vida na abordagem de problemas educacionais”. In: SIMON, O.M.V. (org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália – Brasil**. SP: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

DESGRANGES, Flávio.; **A Pedagogia do Espectador**. São Paulo: Editora HUCITEC, 2003.

DOWBOR, Ladislau. **O que acontece com o trabalho? (Partes I e II)**. São Paulo: Senac, 2002 (Material de Apoio – Teleduc).

DUARTE JR, João-Francisco; **Fundamentos estéticos da educação**. Campinas, SP: Papyrus, 10ª ed., 2008.

_____. **O que é beleza: (experiência estética)**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____. **Por que arte-educação?**. Campinas, SP: Papyrus, 20ª ed., 1991.

EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie; **Pesquisa participante**. Cortez: Autores Associados, 2ª ed., 1989.

FERREIRA, Marieta de Moraes; “História Oral: um inventário das diferenças”. In: FERREIRA, M.M. e ABREU, A.A. (Coord.). **Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral**. 1ª ed. RJ: Editora FGV, 1994.

_____. “História Oral e tempo presente”. In: MEIHY, J.C.S.B. (org.). **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

FERREIRA, Sueli; Arte e escola: Interação de espaços plurais. In: **Revista Proposições**. FE/UNICAMP. Vol. 10, Nº 3 [30], novembro de 1999, p. 20-29.

FONSECA, Nelma Marçal Lacerda; A História Oral no museu da escola de Minas Gerais: relato sobre o caminho percorrido. In: FARIA FILHO, L.M. (org.); **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000.

FRANÇOIS, Etienne; “A fecundidade da História Oral”. In: AMADO, J. e FERREIRA, M.M. ; **Usos e abusos da História Oral**. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas. 8ª ed., 2006.

FRIGOTTO, Gaudêncio; Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAIS, R. e VANNUCHI, P. (org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

GATTAZ, André Castanheira; **Braços da resistência : uma história oral da imigração espanhola**. São Paulo : Xamã. 1ªed., 1996, pp 233-260.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; SILVA, Leila Cristina Borges e GOMES, Geisa Genaro; **Memórias de leitura e formação de professores**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; Trabalho Coletivo e Memória: Possibilidade de Traçar Novos Horizontes a Partir da Escola e Para Além Dela. In: PARK, M.B. (org.); **Memória em Movimento na formação de professores: prosas e histórias**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

GUIMARÃES, Áurea Maria; **A depredação escolar e a dinâmica da violência**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990. (tese de doutorado).

JOUTARD, Philippe; “História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos”. In: AMADO, J. e FERREIRA, M.M.; **Usos e abusos da História Oral**. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas. 7ª ed., 2005.

LEITE, Maria Isabel e OSTETTO, Luciana (org.); **Museu, educação e Cultura: Encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas, SP: Papyrus. 2005.

LEVI, Giovanni; “Sobre a Micro-História”. In: BURKE, P. (org). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

LEYDESDORFF, Selma; Desafios do transculturalismo. In: FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves; “Prática e estilos de pesquisa na História Oral Contemporânea”. In: AMADO, J. e FERREIRA, M.M. ; **Usos e abusos da História Oral**. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas. 8ª ed., 2006.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazo Afonso; **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa; Imigração: subjetividade e memória coletiva. In: Meihy, J.C.S.B (coordenador). **Oralidades – Revista de História Oral**. Núcleo de Estudos em História Oral – USP. Ano 1: nº 1: Jan-Jun/2007.

MASON, Rachel; Arte-educação multicultural e reforma global. In: **Revista Proposições**. FE/UNICAMP. Vol. 10, Nº 3 [30], novembro de 1999, p. 7-19.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; Desafios da História Oral Latino-Americana: O caso do Brasil. In: FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

_____. **Manual de História Oral**. São Paulo: Ed. Loyola, 5ª ed. 2005.

MEYER, Eugenia; Balanço e novos desafios. In: FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

MOURA, Rogério; O trabalho cultural e a pedagogia do teatro. In: **Revista Sala Preta**. USP. n.2, 2002. Disponível em <http://eca.usp.br/salapreta>.

PARK, Margareth Brandini; Catadores de Pensamentos. In: PARK, M.B. (org.); **Memória em Movimento na formação de professores: prosas e histórias**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000. pp 13-38.

PENNA, Maura; Ensino da arte: um momento de transição. In: **Revista Proposições**. FE/UNICAMP. Vol. 10, Nº 3 [30], novembro de 1999, p. 57-66.

POCHMANN, Márcio; Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAIS, R. e VANNUCHI, P. (org.). **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

PORTELLI, Alessandro; Memória e diálogo: desafios da História Oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. In: PERELMUTTER e ANTONACCI, M.A. (org.). **Ética e História Oral – projeto História**. nº 15, São Paulo, Educ, 1997.

PRINS, Gwyn; “História Oral”. In: BURKE, P. (org). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de; Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMON, O.M.V. (org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália – Brasil**. SP: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1988.

SCHWARZSTEIN, Dora; Desafios da História Oral Latino-Americana. In: FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (org.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SHARPE, Jim; “A História vista de baixo”. In: BURKE, P. (org). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

SILVA, Yrlla Ribeiro de Oliveira Carneiro; **A construção do Ciep e da escolarização em tempo integral da formação continuada: memórias de professores**. Campinas, SP:UNICAMP, 2009 (tese de doutorado).

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados. In: COSTA, M. V.(org.); VEIGA-NETO, A. **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.**– Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; PARK, Margareth Brandini e FERNANDES, Renata Sieiro (org.); **Educação não –formal: cenários da criação.** Campinas, SP: Ed. UNICAMP, SP:/ Centro de Memória, 2001.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento: o exemplo do centro de memória da UNICAMP. In: FARIA FILHO, L.M. (org.); **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação.** Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2000.

STRAZZACAPPA, Márcia; **Gestão, currículo e cultura.** (Vídeo-aula CD 2 – Aula 2).

_____. Dançando na chuva... e no chão de cimento. In: FERREIRA, S. (org.); **O ensino das artes: construindo caminhos.** Campinas, SP: Papyrus, 7ª ed., 2001.

_____. Dança: um outro aspecto da/na formação estética dos indivíduos. In: **30ª Reunião Anual da Anped.** Caxambu – MG. 2007. Disponível em <http://www.anped.org.br>.

STRAZZACAPPA, Márcia; NASSIF SCHROEDER, Sílvia e SCHROEDER, Jorge; A construção do conhecimento em Arte. In: BITTENCOURT, A.B. e OLIVEIRA J.W.M.; **Estudo, pensamento e criação,** livro I. Campinas: Graf. FE, 2005.

THOMPSON, Alistair; Aos cinquenta anos: uma perspectiva internacional da História Oral. In: FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (org.). **História Oral: desafios para o século XXI.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

THOMPSON, Alistair; FRISCH, Michael e HAMILTON, Paula; “Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais”. In: AMADO, J. e FERREIRA, M.M. ; **Usos e abusos da História Oral.** RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas. 8ª ed.,2006.

THOMPSON, Paul; **A voz do passado: História Oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 3ª ed.; 1992.

_____. História Oral e contemporaneidade. In: **Revista História Oral.** Nº 5, 2002. pp. 9-28.

TURA, Maria de Lourdes Rangel; A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, N., CARVALHO, M. P., e VIELA, R.A.T. (org.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; Projeto político-pedagógico da escola: uma construção coletiva. In: VEIGA, I.P.A. (org). **Projeto político-pedagógico: uma construção possível**. Campinas, SP: Papirus, 12ª ed.; 2001.

VEM, Michel Marie Le; FARIA, Érika e MOTTA, Miriam Hermeto de Sá; História Oral de vida: o instante da entrevista. In: SIMSON, O.R.M.V (org.). **Os desafios Contemporâneos da História Oral - 1996**. Campinas: Área de Publicações CMU/UNICAMP, 1997.

VIANNA, Tiche e STRAZZACAPPA, Márcia; Teatro na educação: reinventando mundos. In: FERREIRA, S.(org.); **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus, 7ª ed., 2001.

VOLDMAN, Daniele; “Definições e usos”. In: AMADO, J. e FERREIRA, M.M. ; **Usos e abusos da História Oral**. RJ: Ed. Fundação Getúlio Vargas. 8ª ed.,2006.

ZAGO, Nadir; A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N., CARVALHO, M.P., e VIELA, R.A.T. (org.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZAN, Dirce Djanira Pacheco; Currículo por projetos: avanços e possibilidades. In: PARK, M.B. (org.) **Formação de educadores: memória, patrimônio e meio ambiente**. Campinas: Ed. Mercado de Letras, 2003.

_____. História Oral e pesquisa em ciências humanas: algumas reflexões. In: **Revista Idéias e Argumentos – Revista Semestral de Divulgação Científica do Centro Unisal**. UNISAL nº 2 e 3 Ano 2 -1º Semestre. UNISAL, 2001.

<http://www.santabarbara.sp.gov.br>. Acesso em 4 de Abril de 2010.

<http://escola.edunet.sp.gov.br>. Acesso em 16 de Maio de 2010.

<http://www.nossosaopaulo.com.br>. Acesso em 16 de Maio de 2010.